

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E  
SISTEMAS PRODUTIVOS**

**NATALIA BOGADO BALBUENA**

**CULTURA ÁRABE NA FRONTEIRA DE PONTA PORÃ (MS) E PEDRO JUAN  
CABALLERO (PY): ORIGENS, HISTÓRIAS E CONTRIBUIÇÕES PARA O  
DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Ponta Porã-MS  
2020

**NATALIA BOGADO BALBUENA**

**CULTURA ÁRABE NA FRONTEIRA DE PONTA PORÃ (MS) E PEDRO JUAN  
CABALLERO (PY): ORIGENS, HISTÓRIAS E CONTRIBUIÇÕES PARA O  
DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos.

Orientador: Prof. Dr. Fabrício José Missio.

Coorientador: Prof. Dr. Fabrício Antonio Deffacci

Ponta Porã - MS  
2020

**CULTURA ÁRABE NA FRONTEIRA DE PONTA PORÃ (MS) E PEDRO JUAN CABALLERO (PY): ORIGENS, HISTÓRIAS E CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Natalia Bogado Balbuena

Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Banca Examinadora:

---

Professor Doutor Fabricio José Missio – UEMS/UFMG

---

Professor Doutor Fabricio Antonio Deffacci– UEMS

---

Professora Doutora Eliana Lamberti – UEMS

---

Professor Doutor Rogério da Palma – UEMS

---

Professor Doutor Gustavo Takeshy Taniguti – IFMG

---

Aprovada em: 21 / 03 /2020

## DEDICATÓRIA

*À minha mãe (Dora F. Marques Bogado),  
in memoriam, que certamente, lá de cima,  
olhou por mim nessa jornada, assim  
como em todos os dias da minha vida.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, o maior dos mestres que poderia desejar, possibilitando que trilhasse pelos caminhos que me levaram aos meus objetivos e concedendo-me saúde e condições para alcançá-los. Apesar de todas as dificuldades, Ele esteve do meu lado, dando-me força, esperança, encorajando-me a prosseguir. Toda honra a Ti, meu Deus.

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Fabrício José Missio, pela sapiência no compartilhamento de seus conhecimentos, bem como pela paciência em corrigir os meus erros, direcionando-me no caminho certo para alcançar meu objetivo. Obrigada por toda sua dedicação, generosidade, amizade e humildade, pois são atitudes e qualidades que ficam de exemplo e inspiração.

Agradeço a todos os professores dessa Instituição por sua dedicação e por proporcionarem o conhecimento, a consolidação da ética profissional e pessoal, em especial à prof. <sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliana Lamberti, sempre presente, auxiliando nas minhas pesquisas, no meu estágio em docência, bem como a todo corpo administrativo por sua paciência e atenção.

Agradeço às contribuições trazidas pelos professores da banca, prof. Fabricio Deffacci, prof. Rogério de Palma e prof. <sup>a</sup> Eliana, que foram essenciais para a construção desta pesquisa, que abrange diversas áreas do conhecimento.

Agradeço o prof. Fabricio Deffacci por todos os ensinamentos, pelas ações que realizamos juntos ao PPGDRS. Ao prof. Rogério que esteve sempre disposto, me direcionado nas discussões teóricas sobre a Sociologia Econômica, obrigada prof. você é “máquina”.

Agradeço ao meu pai João D. Balbuena por todo apoio, incentivo, orações e por estar ao meu lado nessa jornada, sempre se esforçando para me auxiliar em tudo que precisei. Homenageio, *in memoriam*, a minha mãe, Dora F. Marques Bogado, que não pode estar em corpo presente nesse momento tão especial, mas que, com toda certeza, estará ao meu lado, em espírito, apoiando-me orgulhosa, como sempre fez em minha vida. Obrigada por serem meu exemplo.

Agradeço às minhas irmãs, Ana Paula, Raquel, Andréa, Cláudia que, além de irmãs, foram companheiras incentivadoras nessa jornada, bem como aos meus queridos e devotados sobrinhos que tanto torceram por mim: Isabelle, Isadora, João Gabriel, Luana Lucas e Miguel Henrique.

À minha irmã Raquel por me conceder a oportunidade de estudar, por acreditar em mim, por dar novos rumos na minha vida pessoal e profissional. Obrigada por me ensinar a crer que

tudo é possível quando temos fé, esforço e dedicação. Nunca esquecerei tudo o que fez por mim.

Agradeço à minha amiga Patrícia Barros por todo apoio que me concedeu quando retornei a morar em Ponta Porã, por ser incentivadora e por ser minha companhia nas horas vagas (rodeado de *tereré*, café, *arguile*). Ademais obrigada pela família que ganhei aqui. Me sinto amada e querida por sua família na qual amo e considero a minha também.

Agradeço às minhas gatinhas Suria e Sarah por serem minhas companheiras fiéis, pelos momentos de descontração, pelo amor verdadeiro, minhas filhinhas de quatro patas que amo incondicionalmente. Sarah, mesmo que você tenha sumido e me causou uma dor enorme, tenho esperança de um dia te encontrar.

Agradeço à minha célula amada, a célula Canaã, da qual eu tenho orgulho de fazer parte. Juntos somos o corpo de Cristo. Obrigada pelas orações, pelas vibrações positivas e pelos momentos juntos.

Agradeço aos imigrantes árabes, sempre contentes, chamando-me de “brima” e dispostos a ajudar. Horas e horas de conversas, acompanhado de café, *arguile* e comidas árabes.

Agradeço aos amigos, companheiros dessa jornada, meus colegas da 4° turma: Yhulds, Vinicius, Vivian, Tiago, Flávio e Beatriz, e em especial minha irmã de orientação Aline Brito (da 3° turma), que com certeza vão continuar presentes em minha vida.

Agradeço à UEMS e à PIBAP, pelo suporte e apoio financeiro, que foi essencial para minha permanência no mestrado, sem esse apoio com certeza a jornada seria mais difícil.

E, finalmente, a todos os que, direta ou indiretamente, fizeram parte dessa jornada, e entenderam minha ausência nesse período. Muito obrigada.

## RESUMO

Esta dissertação investiga a influência de alguns aspectos da cultura árabe na região de fronteira de Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY), com o objetivo de identificar suas origens, sua história e analisar suas contribuições para o desenvolvimento local e regional, bem como as perspectivas de contribuições futuras. Em outras palavras, além de traçar um panorama geral sobre o tema, busca-se analisar até que ponto a realização de ações que promovam a divulgação e a difusão dessa cultura podem ser um vetor de desenvolvimento local para a região. Ao longo dos anos, a questão cultural vem ganhando espaço no processo de desenvolvimento, a partir da valorização das identidades culturais. A região fronteira é marcada por diferenças culturais, com expressiva presença da cultura árabe, embora convivam, também, chineses, coreanos, japoneses e outros imigrantes. A presença árabe é formada, majoritariamente, por libaneses e alguns sírios. Esses atuam, em geral, no setor de serviços, sobretudo no comércio e no ramo da alimentação (restaurantes). Isso pode ser facilmente observado pela grande variedade de nomes árabes nos estabelecimentos, como nas casas de Arguile, Hookah ou Shisha, que são símbolos culturais dos árabes da região. Em termos metodológicos, inicialmente, esta dissertação faz uma ampla revisão da literatura sobre a imigração árabe no Brasil e, em especial, na região em estudo, com a identificação das principais características relacionadas à cultura dos segmentos populacionais analisados. Em seguida, realizou-se uma pesquisa de campo utilizando o método da História Oral de vida, com o objetivo de traçar a história desses imigrantes, através de entrevistas e pesquisa documental, identificando a trajetória migratória, a inserção na sociedade local e em quais atividades econômicas a presença dessa cultura é maior. Com base nesses pressupostos metodológicos, foi possível identificar essas questões com o uso da teoria do capital social baseados na abordagem de redes sociais. No entanto, detectou-se que o movimento migratório dos árabes e sua inserção socioeconômica são influenciados pelas ações de suas respectivas redes. Em outras palavras o capital social, expressados pelas relações de confiança, pela cooperação e habilidades comerciais identificadas entre os árabes pauta-se em seus princípios culturais. Além disso, tais relações apresentam-se como um fator social das relações econômicas, sendo um fator significativo no processo de formação social e econômica da região estudada. Os resultados encontrados mostram que a valorização e o resgate da cultura árabe pode ser um importante estímulo ao desenvolvimento da região, ao refletir em o que poderia ser feito para que a região pudesse explorar mais aspectos culturais dessa imigração observa-se que existem muitos aspectos que ainda falta na fronteira para se fazer notar a presença árabe, tais como: i) escolas para os árabes, ii) criação de um clube para reunir e expor suas práticas culturais iii) um comércio árabe, mais especificamente um mercado, pois ainda é difícil encontrar temperos, especiarias entre outros itens iv) pode-se explorar a culinária árabe para além das que já está enraizada em nossa sociedade. A divulgação e difusão dessa cultura tem um potencial social e econômico e podem fomentar e contribuir para a diversificação do turismo na fronteira que juntos com os aspectos da cultura local, colocariam a fronteira em um patamar cultural peculiar, atraindo turistas não só para a realização de compras no lado paraguaio da fronteira, mas também para usufruírem da diversidade cultural presente nessa fronteira.

**Palavras-chaves:** Economia Étnica, Cultura Árabe, Desenvolvimento Regional, Capital Social, Redes Sociais.

## ABSTRACT

This dissertation investigates the influence of some aspects of Arab culture in the border region of Ponta Porã (MS) and Pedro Juan Caballero (PY), with the aim of identifying their origins, their history and analyzing their contributions to local and regional development, as well as the prospects for future contributions. In other words, in addition to providing a general overview of the topic, it seeks to analyze the extent to which actions that promote the dissemination and diffusion of this culture can be a vector for local development for the region. Over the years, the cultural issue has been gaining ground in the development process, based on the valorization of cultural identities. The border region is marked by cultural differences, with a strong presence of Arab culture, although Chinese, Koreans, Japanese and other immigrants also live together. The Arab presence is formed mainly by Lebanese and some Syrians. These operate, in general, in the service sector, especially in commerce and in the food industry (restaurants). This can be easily seen by the wide variety of Arab names in the establishments, such as in the houses of Arguile, Hookah or Shisha, which are cultural symbols of the Arabs in the region. In methodological terms, initially, this dissertation makes a broad review of the literature on Arab immigration in Brazil and, especially, in the region under study, with the identification of the main characteristics related to the culture of the population segments analyzed. Then, a field research was carried out using the Oral History of Life method, in order to trace the history of these immigrants, through interviews and documentary research, identifying the immigration trajectory, insertion in the host society and in which activities the presence of this culture is greater. Based on these methodological assumptions, it was possible to identify these issues using the social capital theory based on the social network approach. However, it was found that the Arab immigration movement and its socioeconomic insertion are influenced by the actions of their respective networks. In other words, social capital, expressed by the relationships of trust, cooperation and commercial skills identified among the Arabs, is based on their cultural principles. In addition, such relations are presented as a social factor of economic relations, such relations are presented as a significant factor in the process of social and economic formation of the studied region. The results found show that the valorization and rescue of Arab culture can be an important stimulus to the development of the region, reflecting on what could be done so that the region could explore more aspects of cultural assimilation of this immigration, it is observed that there are many aspects that are still lacking on the border to make the Arab presence stand out, such as: i) Schools for the Arabs, ii) creation of a club to gather and expose their cultural practices iii) Arab trade, more specifically a market, as it still it is difficult to find spices, spices and other items iv) Arab cuisine can be explored in addition to those already rooted in our society. The dissemination and diffusion of this culture has social and economic potential and can foster and contribute to the diversification of tourism on the border, which together with aspects of local culture, would place the border on a peculiar cultural level, attracting tourists not only for the realization of shopping on the Paraguayan side of the border, but also to take advantage of the cultural diversity present on that border.

**Keywords:** Ethnic Economy, Arab Culture, Regional Development, Social Capital, Social Networks.



B145c Balbuena, Natalia Bogado

Cultura árabe na fronteira de Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY) : origens, histórias e contribuições para o desenvolvimento local/ Natalia Bogado Balbuena. – Ponta Porã, MS: UEMS, 2020.

133p.

Dissertação (Mestrado) – Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Fabrício José Missio.

1. Economia étnica 2. Cultura árabe 3. Desenvolvimento regional 4. Capital social 5. Redes sociais I. Missio, Fabrício José

II. Título

CDD 23.ed. – 981.72

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da Fronteira entre Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY).....	28
Figura 2- Fenícia.....	32
Figura 3 - Mapa do Oriente Médio .....	34
Figura 4 - Região da Grande Síria .....	36
Figura 5 - Mapa de distribuição dos sírios e libaneses no Brasil no período de 1920-1940 .....	52
Figura 6 - Categorias de mobilidades migratórias .....	59
Figura 7 - Mapeamento da área de atuação comercial dos imigrantes árabes .....	77
Figura 8 - Primeiro prédio construído em Ponta Porã-MS .....	83
Figura 9 - Casa Popular .....	83
Figura 10 - Propaganda na entrada da cidade no ano de 1970 .....	84
Figura 11 - Centro de Pedro Juan Caballero-PY .....	92
Figura 12 - Salem Importados .....	93
Figura 13 - Studio Center Importados .....	94
Figura 14 - Entrada do Açougue <i>Halal</i> e restaurante árabe.....	96
Figura 15 - Mantimentos .....	96
Figura 16 - Igreja Católica Maronita .....	98
Figura 17 - Mesquita em Ponta Porã-MS .....	99
Figura 18 - Interior da loja decorada com quadros com Surata .....	100
Figura 19 - Interior da loja decorada com quadros com Surata e com a bandeira do Líbano .....	101
Figura 20 - Centro de eventos <i>Majestic Hall</i> .....	103
Figura 21 - Interior do centro <i>Majestic Hall</i> .....	104

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Títulos de trabalhos acadêmicos sobre a imigração árabe .....	22
Quadro 2 - Perfil dos entrevistados.....	26
Quadro 3 - Distribuição dos imigrantes libaneses e descendentes em 1970.....	43
Quadro 4 - Firmas sírias e libanesas segundo o tipo de comércio ou indústria, cidade de São Paulo, 1907 .....	53
Quadro 5 - Principais ocupações exercidas por sírios e libaneses no Brasil em 1960.....	56
Quadro 6 - Síntese da ordem cronológica do processo emigratório dos árabes e sua chegada ao Brasil .....	55
Quadro 7 – Recursos disponibilizados pelas redes sociais .....	66
Quadro 8 – Principais terminologias encontradas no empreendedorismo de imigrantes.....	71
Quadro 9 - Estabelecimentos dos comerciantes árabes em Pedro Juan Caballero-PY .....	75

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos imigrantes árabe no antigo Mato Grosso por microrregião na década de 1970.....	80
Tabela 2 - Imigrantes árabes no sul do Mato Grosso.....	81

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

MS	Mato Grosso do Sul
PY	Paraguai

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1.1 Nota metodológica</b> .....	<b>20</b>
1.1.1 Estudos realizados sobre a imigração Sírio-Libanesa e alguns de seus aspectos.....	20
1.1.2 Pesquisa qualitativa (História Oral) e a pesquisa aplicada (entrevistas).....	25
<b>2 IMIGRAÇÃO ÁRABE NO BRASIL</b> .....	<b>31</b>
<b>2.1 Oriente médio: um apanhado histórico</b> .....	<b>32</b>
<b>2.2 Fatores que influenciaram a emigração árabe</b> .....	<b>39</b>
<b>2.3 Migrações árabes no Brasil: uma síntese histórico-cultural e suas contribuições econômicas</b> .....	<b>44</b>
2.3.1 Primeira etapa.....	45
2.3.2 Segunda etapa.....	54
<b>3 ECONOMIA ÉTNICA E REDES SOCIAIS</b> .....	<b>58</b>
<b>3.1 Redes sociais e capital social no processo migratório: alguns conceitos e suas relações</b> .....	<b>58</b>
<b>3.2 Sociologia econômica: economias étnicas, imigração e empreendedorismo étnico</b> 67	
3.3. Economias étnicas: usos e suas aplicações .....	72
<b>4 A FRONTEIRA DE PONTA PORÃ (BR) E PEDRO JUAN CABALLERO (PY) E A PRESENÇA ÁRABE NO DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO FRONTEIRIÇO</b> 74	
<b>4.1 Caracterização da amostra</b> .....	<b>74</b>
<b>4.2 A fronteira de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY) e o comércio popular: breve apresentação dos aspectos, históricos, geográficos e econômicos</b> .....	<b>78</b>
4.2.1 Dados estatísticos divergentes: imigração árabe em MS .....	80
<b>4.3 A formação da comunidade árabe na fronteira de Ponta Porã-MS e Pedro Juan Caballero-PY: história oral de vida</b> .....	<b>81</b>
4.3.1 Trajetória imigratória dos árabes para a fronteira (caracterização) e a teoria de redes sociais no processo imigratório .....	87
4.3.2 Inserção socioeconômica ocupacional e atividades comerciais/econômicas realizadas pelos imigrantes e a teoria de redes sociais nesse processo .....	89
4.3.3 Alguns aspectos da influência cultural dos imigrantes árabes presentes na fronteira de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY).....	96
<b>4.4 Aspectos relacionados à cultura árabe, expressa nas ações dos comerciantes árabes e alguns estereótipos</b> .....	<b>101</b>
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	<b>106</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>111</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A existência de diferentes modelos de desenvolvimento entre os países ou regiões ampliam a necessidade da compreensão acerca dos aspectos que interferem no processo evolutivo. Isso vai além daqueles aspectos estritamente econômicos. Ademais, o desenvolvimento econômico regional decorre da ênfase dada às dinâmicas locais, cuja avaliação sob a perspectiva histórica é estratégica para a compreensão dos fatores a ele relacionados. Diante disso, cultura e o desenvolvimento são dimensões que devem ser analisadas de forma conjunta.

Ao longo dos últimos anos, a cultura<sup>1</sup> tem sido reconhecida como um importante vetor no processo de desenvolvimento. Nesse contexto, surgem uma série de movimentos que buscam o reconhecimento e a valorização das identidades culturais. A região<sup>2</sup> de fronteira de Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY) possui uma ampla diversidade cultural e, portanto, aprofundar esse debate é de grande relevância para a região.

A fronteira objeto de estudo é marcada pela expressiva presença da cultura árabe, embora convivam, também, chineses, coreanos, japoneses, indianos e outros imigrantes. A presença árabe é formada majoritariamente por libaneses e sírios e sua área de atuação em termos econômicos é destacada pela concentração no setor de serviços, com ênfase no comércio em geral e no setor de alimentação, como em restaurantes.

É importante salientar que, no caso das cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, a influência árabe é perceptível tanto no comércio local quanto no comércio internacional. Isso é facilmente identificável a partir da grande variedade de nomes árabes nas fachadas de restaurantes (*Al Tayeb*), como também em lojas comerciais de importados, tais como: *Salem Importados; Yazmin Center; Sammer Center; Hassan Celular, Kamal Celular, Kassen Celular* e diversas outras. Além disso, em diversas casas noturnas, especialmente em Ponta Porã, são fornecidos aos clientes os chamados *arguiles*<sup>3</sup>, ou narguilés, que é um dos principais símbolos da cultura árabe.

---

<sup>1</sup> A cultura jamais pode ser substancializada, ou seja, pensada como uma realidade estanque, auto-centrada e totalizante. Ela é sempre dinâmica, relacional e suscetível a "empréstimos". Conforme define o antropólogo Clifford Geertz (1978), cultura nada mais é que uma teia de significados tecida pelos seres humanos ao se relacionarem entre si. Essa teia, por sua vez, orienta a existência humana.

<sup>2</sup> Regiões são subdivisões do espaço: do espaço total, do espaço nacional e mesmo do espaço local, porque as cidades maiores também são passíveis de regionalização. As regiões são um espaço de conveniência, meros lugares funcionais do todo, pois, além dos lugares, não há outra forma para a existência do todo social que não seja a forma regional. A energia que preside essa realização é a das divisões do trabalho sucessivamente instaladas, que impõem sucessivas mudanças na forma e no conteúdo das regiões (SANTOS, 1994, p. 48).

<sup>3</sup> Arguile é um cachimbo utilizado para fumar, preparado com tabaco aromatizado e aceso com carvão específico, símbolo cultural dos árabes, também chamado de narguilé no Brasil.

Considerando esse cenário fronteiriço, esta dissertação propõe-se a investigar a influência de alguns aspectos da cultura árabe na referida região, com o objetivo de identificar suas origens, sua história e suas contribuições para o desenvolvimento local e regional<sup>4</sup>, bem como as perspectivas de contribuições futuras. Em outras palavras, além de traçar um panorama geral sobre o tema, discute-se até que ponto a realização de ações que promovam a divulgação e a difusão dessa cultura podem ser um vetor de desenvolvimento local para a região?

Portanto, diante de tais questionamentos, é nesse cenário de singularidade cultural de fronteira que esta dissertação analisa a presença árabe entre Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY). Para isso, de maneira complementar, os seguintes objetivos específicos foram assim traçados:

- i) Identificar e analisar os principais motivos que desencadearam o processo de emigração árabe, apresentando o contexto histórico sobre os árabes que é fundamental para a compreensão da origem e histórias desses povos para o Brasil;
- ii) Investigar os conceitos sobre capital social, redes sociais e economia étnica convencionalmente chamados de “sociologia econômica da imigração” que são essenciais para a compreensão da trajetória migratória e inserção socioeconômica do grupo étnico estudado, bem como a atuação de redes familiares (ou de amigos) na conformação étnica de determinados setores econômicos;
- iii) Compreender a performance histórica de formação da comunidade árabe nessa fronteira e, também, investigar como essa cultura influenciou em termos econômicos o crescimento da região, buscando identificar possíveis contribuições (passadas, atuais e futuras) para o desenvolvimento local. Ademais, busca-se identificar quais aspectos relacionados a teoria das redes sociais foram determinantes para o desenvolvimento e a expansão dos árabes no comércio fronteiriço.

Os imigrantes árabes que vieram para América do Sul e Brasil são, em sua maioria, oriundos da Síria e do Líbano, embora existam, em menores números, imigrantes palestinos, jordanos, egípcios, entre outros. Chamados de turcos no Brasil, esses imigrantes eram pequenos agricultores nas suas terras de origem que, há 4 séculos, foram dominadas pelo Império Otomano.

---

<sup>4</sup> O conceito relevante de desenvolvimento na dissertação é o de desenvolvimento regional, os conceitos de desenvolvimento do território e desenvolvimento local será utilizado ao longo da dissertação como sinônimos de desenvolvimento regional.

Assim, na emigração, esses povos viram uma saída para construir uma nova vida sem perseguições e opressões em termos políticos-religiosos. Posteriormente, após a desarticulação do Império Turco-Otomano, a debilidade econômica é o principal fator que justifica uma segunda leva de imigrantes.

De acordo com o IBGE (2000), a imigração árabe pode ser abordada partindo dos pressupostos político-religioso e econômico-social. Por volta da segunda metade do século XIX, os imigrantes árabes começaram a chegar no Brasil na região sudeste, principalmente em São Paulo, onde desembarcavam no Porto de Santos.

De acordo com Assef (2014, p. 1-2):

São variados os motivos que levaram os sírios e os libaneses a deixar seus países, como o crescimento da agricultura e a diminuição de atividades ligadas ao pastoreio, forçando uma urbanização maior, ao mesmo tempo em que aumentava o controle governamental sobre essa população.

Evidentemente, a rejeição ao domínio turco-otomano também explica a saída de diversas famílias, especialmente as cristãs-maronitas. Ademais, intensificou-se a disputa entre cristãos e mulçumanos e entre as seitas maronitas e drusas, que viviam na região montanhosa de Monte Líbano. Conforme Knowlton (1960), essa rivalidade vai além de diferenças religiosas. Os proprietários de terras, sejam eles cristãos ou drusos, preferiam contratar a mão de obra dos maronitas, que detinham as melhores técnicas agrícolas. Os drusos acabaram emigrando para Hauran, na Síria, e os que ficaram nas montanhas do Líbano sentiram-se inseguros diante da sua posição econômica, religiosa e política. Isso ampliou a rivalidade que culminou em conflito, com o massacre dos maronitas, haja vista a maior organização dos drusos que tomaram a ofensiva com o apoio e conivência das autoridades turcas<sup>5</sup>. Conforme Rosa e Castelão (2014), o início da imigração árabe aconteceu em 1860, após o massacre dos cristãos libaneses. Os drusos eram os senhores das terras, que acabaram matando 10 mil maronitas, na sua maioria camponeses.

A partir da segunda metade do século XIX, a emigração a partir do Líbano intensificou-se, desencadeados por vários motivos, a saber: perseguição política e religiosa, superpovoamento, desemprego, crise econômica e busca por novas oportunidades. Conforme Osman (2006), o processo emigratório é resultado de fatos históricos locais e regionais.

De acordo com Knowlton (1960), no ano de 1913, desembarcaram no Porto de Santos (SP) 11.101 imigrantes sírios e libaneses. Nos anos 1920, estima-se uma média de 5.000

---

<sup>5</sup> Haja vista que os drusos fazem parte de uma vertente do islamismo o Império Turco Otomano (um império islâmico).

entradas por ano. A partir dos anos 1930, essa entrada reduzindo-se gradativamente, em grande parte como consequência da implantação de medidas restritivas por parte do governo central.

Truzzi (1997) argumenta que os imigrantes europeus que vieram para o Brasil dedicaram-se, em sua grande maioria, às atividades agrícolas, principalmente aquelas relacionadas à produção do café. Diferentemente, os imigrantes árabes, descendentes dos fenícios, que são, factualmente, voltadas às atividades comerciais, escolheram esse ramo de atuação, embora tenham iniciado suas atividades como “mascates”<sup>6</sup>.

Conforme Rosa e Castelão (2014, p. 83):

Os árabes chegaram desprovidos de recursos para montar qualquer comércio, optando por desenvolver a profissão de mascates, possibilitando o modelo de ambulante com mercadorias vindas de São Paulo, Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai e Europa. Vendiam de porta em porta pelos vilarejos, fazendas e para população em geral, estabelecendo preços dos mais variados. Possuíam um jeito muito peculiar para apresentar o encanto da mercadoria. Para clientes fixos, os árabes aceitavam o pagamento parcelado.

A esse respeito, Buchabqui (2011) questiona a escolha por esse tipo de atividade (mascateação), dado que sírios e libaneses eram agricultores em seus países de origem. Uma possível explicação está na diferença da estrutura agrária do Oriente Médio (pequenos lotes familiares e trabalho conjunto) e do Brasil (grandes lavouras), ou seja, os imigrantes não tinham recursos para adquirir terras no Brasil. Por outro lado, trabalhar como colonos não era uma opção viável já que eles tinham como objetivo alcançar lucros no curto prazo. E, por fim, vale ressaltar que o comércio era uma atividade familiar para os imigrantes árabes, dado que o Líbano e a Síria sempre foram rotas obrigatórias de comércio entre o ocidente e o oriente.

Dessa forma, os imigrantes árabes, trabalhando como mascates, recebiam suas mercadorias nas capitais e as transportavam em malas ou em uma espécie de baú até o interior, onde às vendiam. Com isso, levavam novidades de consumo e, conseqüentemente, ampliavam a sua presença ao longo do território brasileiro. Suas rotas abrangiam as linhas e paradas de trem e, quando não era mais possível locomover-se por esse meio de transporte, alugavam mulas para mascatear pelas fazendas. Para não regressar com os produtos, instauraram dois inovadores mecanismos de créditos há época: i) o pagamento a prazo, baseado na confiança, em que o consumidor dava uma entrada e o restante na próxima viagem (que eram rotineiras); e, ii) a prática da “liquidação”, em que vendiam mais barato aquilo que não tinha demanda (TRUZZI, 1997).

---

<sup>6</sup>O mascate é um comerciante autônomo que vai se desfazendo do seu estoque à medida em que seus artigos vão sendo vendidos (CABREIRA, 2001, p. 8).



Em uma sociedade ainda em formação, com moradias distantes das grandes metrópoles, somada à escassez de mercadorias como roupas, tecidos e utensílios em geral, o ato de mascatear possibilitou que muitos imigrantes prosperassem, ampliando a sua participação no comércio e favorecendo o progresso da região onde eles estavam inseridos.

Portanto, é possível afirmar que a imigração árabe é singular, caracterizada pela concentração urbana e pela inserção no comércio, sendo que o trabalho na forma de mascate concatenou com o objetivo dos imigrantes que, inicialmente, era o de acumular capital e retornar à terra de origem. Contudo, esse objetivo foi logo abandonado pois, conforme explica Assef (2014), a região da Grande Síria caracterizava-se pela intensa desigualdade social entre regiões, classe social e grupos religiosos e, nesse cenário, era desvantajoso regressar.

Posteriormente, ao conseguir certa ascensão social no Brasil, os mascates conseguiam poupar e reinvestir o capital acumulado, abrindo lojas comerciais e diversificando seus investimentos, com participação também no setor industrial.

Uma faceta desse processo de acumulação são as remessas de capital para familiares no país de origem com o intuito de ampliar as propriedades rurais no Líbano e na Síria. Isso despertou o interesse de novos imigrantes (familiares e amigos). Para os que já estavam instalados no Brasil, regressar ao seu país de origem não era mais prioridade. Aqueles que retornavam, ao ficarem sem perspectivas de trabalho e de obter retornos econômicos semelhantes ao que conseguiam no Brasil, em geral formavam família e retornavam novamente<sup>7</sup>. Posteriormente, já instalados no Brasil, seus descendentes começaram a se inserir em distintas profissões (empresários, “doutores”, políticos, entre outras).

Somado a isso, os imigrantes árabes, após atingirem estabilidade financeira, incentivavam seus descendentes aos estudos (a segunda geração), pois queriam “vê-los seguir trajetórias profissionais que trouxessem prestígio social” (TRUZZI, 1997, p. 151), principalmente nas profissões liberais. Isso é comprovado pelo levantamento realizado pelo autor nas principais faculdades de São Paulo.

A escolha dessas profissões (advogado, médico, engenheiro) relaciona-se à cultura árabe, pois os mesmos eram autônomos na sua terra de origem e nas regiões para onde migravam, ou seja, a orientação profissional era por uma maior autonomia no trabalho e por profissões ou atividades que trouxessem maior e mais rápido retorno econômico.

Vale ressaltar que a imigração árabe acompanha o processo de desenvolvimento brasileiro desde o ciclo da borracha no Norte e do café em São Paulo, passando pelo ciclo do

---

<sup>7</sup>Foi dessa forma que retornar para casar com uma pessoa da mesma nacionalidade virou hábito entre os imigrantes sírios e libaneses (HAJJAR, 1985).

Ouro em Minas Gerais. Em outras palavras, houve distintas levas migratórias que iam, de certa forma, enquadrando-se no contexto histórico econômico e social do Brasil. Atualmente, os descendentes libaneses no Brasil superam a população do próprio Líbano e, em praticamente todo território nacional, é possível contar com a presença árabe<sup>8</sup>.

No caso específico das fronteiras, a busca por novas oportunidades comerciais foi o principal motivo que levou os árabes à fronteira com o Paraguai. Trabalhando como mascates, uma vez estabelecidos no território brasileiro, os árabes percorreram e expandiram suas atividades comerciais no interior de diversos estados, entre eles São Paulo e Paraná, chegando até a fronteira de entre Foz de Iguaçu (Brasil) e *Ciudad del Este* (Paraguai), integrando-se às cidades de Ponta Porã, no Brasil, e *Pedro Juan Caballero*, no Paraguai (RABOSSI, 2007).

Em outras palavras, as regiões fronteiriças foram estratégicas para a expansão dos árabes, pois são regiões que contam com uma série de características favoráveis a ampliação do comércio, como a maior facilidade de acesso aos fornecedores e, por conseguinte, a diversificação de mercadorias e/ou o acesso a incentivos provenientes de diferentes estruturas tributária, entre outras. No caso específico da fronteira em análise, isso tornou possível, por exemplo, ampliar a comercialização de produtos brasileiros no Paraguai. Esses comerciantes árabes usufruíram dos incentivos tributários (menor carga tributária somada a maior simplicidade na forma de arrecadação) para potencializar suas atividades comerciais (RABOSSI, 2007).

Em outras palavras:

As cidades fronteiriças de Pedro Juan Caballero (Paraguai) e Ponta Porã (Brasil), centros conurbados, em área de fronteira seca, têm seu cotidiano marcado por grande fluxo de pessoas e bens. Na linha de divisa entre as cidades gêmeas formou-se, a partir da década de 1980, um extenso mercado popular de importados, alimentado pelo turismo de compras brasileiro, que passou a atrair compradores finais e sacoleiros, mobilizando a economia de ambas as cidades (BANDUCCI Jr, 2015, p. 2).

Banducci (2015) acrescenta que, além dos brasileiros e paraguaios, atualmente residem diversos outros imigrantes estrangeiros como coreanos, japoneses, chineses, libaneses, sírios, palestinos, indianos, entre outros. Esses tornam-se proprietários de lojas no lado paraguaio da fronteira e, portanto, são protagonistas das relações comerciais e dos intercâmbios culturais entre paraguaios e brasileiros da região, bem como entre esses e os demais visitantes que usufruem da dinâmica do turismo de compras, uma das principais atratividade da região.

---

<sup>8</sup>O Brasil é o país com a maior comunidade de imigrantes libaneses no mundo, composta entre 8 e 10 milhões de descendentes, ultrapassa a própria população libanesa que corresponde a 5,9 milhões de habitantes (KADRI; SALONE, 2017)

Portanto, é nesse cenário de singularidade cultural de fronteira que esta dissertação analisa a presença árabe entre Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY).

Alves (2014) enfatiza que os valores culturais contribuem e direcionam o comportamento social, político e econômico de agentes sociais e, conseqüentemente, podem propiciar o surgimento de diversas relações na dinâmica de desenvolvimento da região onde esses agentes atuam. Logo, admite-se que a cultura incorpora uma dimensão associada à um conjunto de valores que movem um grupo de indivíduos ou uma localidade e, portanto, os valores culturais (costumes, leis, crenças, artes ou qualquer habito adquirido pelo ser humano em uma sociedade) pode influenciar suas relações econômicas e sociais.

Para além da originalidade, justifica-se esse estudo pela escassez de análises aprofundadas sobre o tema e mesmo a ausência de pesquisas regionais que relacionem a cultura árabe com o desenvolvimento local. Ademais, este estudo reconhece a importância da presença dessa cultura na sociedade fronteiriça, o que deveria ser evidente diante da expressiva concentração de árabes e descendentes no comércio da fronteira de Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY).

Cumprir ressaltar a influência que essa cultura tem no cotidiano dos brasileiros e paraguaios. Isso passa, por exemplo, pela diversificada culinária, já integrada à alimentação, como no *fastfood* brasileiro/paraguaio, com seus populares *quibes* e *esfihas*, entre outros, como também nas danças, que rendem apresentações e shows, além de costumes e influência da própria língua. Enfim, justifica-se este estudo pelo reconhecimento da diversidade cultural na fronteira e pelo reconhecimento da presença e da influência da identidade árabe no desenvolvimento da região.

Para cumprir com os objetivos, essa dissertação está dividida em três capítulos, além dessa introdução e das conclusões. O capítulo 2 discute aspectos que marcaram o “mundo” árabe, os conflitos e dominações que culminaram o processo de emigração e, também, determinados aspectos relacionados a sua cultura. Mais especificamente, nesse capítulo discute-se os fatores que desencadearam a emigração, norteando a análise da dimensão cultural, e relacionando-a a atuação de imigrantes árabes na fronteira entre o Brasil e Paraguai.

O capítulo três apresenta o quadro teórico que embasa a discussão acerca do principal objetivo proposto, ou seja, a relação entre a cultura árabe e o desenvolvimento local da região de fronteira. Para tanto, a discussão é construída a partir da análise de dois conceitos que estão, de certa forma, interligados. O primeiro diz respeito ao conceito de "economia étnica", o qual é muito utilizado na sociologia norte-americana para se pensar na trajetória socioeconômica de diversos grupos de imigrantes na história dos EUA.

Basicamente, esse conceito surgiu para se tentar compreender a concentração de determinados grupos étnicos em certos eixos/segmentos econômicos (mercados de trabalho, ramos empresariais, estilos de consumo etc.). O termo sugere, portanto, que determinadas economias (ou pelo menos algumas partes delas) podem ser etnicamente estratificadas. Ele leva em conta todo o *background* cultural que os imigrantes trazem consigo e operacionalizam na sua trajetória econômico/social na sociedade local. O segundo refere-se ao conceito de redes sociais, que é essencial para se refletir sobre a atuação de redes familiares (ou de amigos) na conformação étnica de determinados setores econômicos - uma rede de comerciantes de origem árabe, por exemplo. Ambos os conceitos – o de economia étnica e de redes sociais – fazem parte do que, nos EUA, convencionou-se chamar de "sociologia econômica da imigração".

O quarto capítulo é destinado a análise do tema a partir da concentração dos árabes em Ponta Porã-MS e Pedro Juan Caballero-PY.

## **1.1 Nota metodológica**

Em termos metodológicos, inicialmente, esta dissertação faz uma ampla revisão da literatura sobre a influência árabe no Brasil e, em regiões fronteiriças, com a identificação das principais características relacionadas à cultura dos segmentos populacionais analisados, bem como a inserção econômica desses imigrantes. Para tal, utilizou-se da abordagem bibliográfica, baseada em consulta em livros, dissertações, teses e demais trabalhos científicos publicados sobre o tema.

### **1.1.1 Estudos realizados sobre a imigração Sírio-Libanesa e alguns de seus aspectos**

Um dos primeiros trabalhos a ser referenciado é o de *Claude Fahd Hajjar*, que escreveu o livro intitulado *Imigração árabe - 100 anos de reflexão*, publicado em 1985, no qual faz um esforço de sistematização de aspectos relacionados à cultura árabe, às diferenças religiosas, bem como à evolução da imigração no território brasileiro. A autora divide o processo emigratório em duas etapas sendo que cada uma delas engloba 3 levas distintas. No livro, elencam-se diferentes fatores que desencadearam a imigração e a inserção dos imigrantes no Brasil, bem como os principais focos receptores.

Em termos mais recente, destacam-se os trabalhos de Oswaldo Mário Serra Truzzi, sobretudo o livro intitulado *Patrícios sírios e libaneses em São Paulo*, publicado em 1997. Nesse trabalho, o autor estuda a imigração no Brasil, especificamente no Estado de São Paulo, preenchendo a lacuna de estudos sobre imigração nos núcleos urbanos. Destaca-se no texto a

influência do sociólogo norte-americano Clark Knowlton, a partir da obra *Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial*, publicado em 1961.

Em um dos capítulos do referido livro, Truzzi (1997) faz uma comparação entre a imigração síria e libanesa nos Estados Unidos e no Brasil. O autor busca elucidar porque os imigrantes conseguiram melhor ascensão social em São Paulo do que nos Estados Unidos. Já no capítulo *de mascates a empresários*, o autor aborda a evolução e a prosperidade dos sírios e libaneses no Brasil, que passaram de mascates a proprietários de lojas comerciais e indústrias (empresários). Analisa também a inserção dos descendentes dos primeiros imigrantes nas profissões liberais, no capítulo intitulado *Doutores*; e na política, no capítulo *Patrícios na Política*. Na análise do autor é possível acompanhar a ascensão social dos árabes no Brasil.

Posteriormente, no livro publicado em 2005, *Imigrantes no Brasil: Sírios e Libaneses Narrativas de História e Cultura*, Oswaldo Truzzi investiga a imigração árabe, as principais região de concentração e as diferentes trajetórias com foco na dinâmica cultural.

Heliane Prudente Nunes, em sua tese intitulada *A imigração árabe no estado de Goiás (1880-1970)* investiga, de forma sistêmica, no recorte temporal entre 1880 e 1970, as principais características referentes aos sírios e libaneses. Para tanto, ela pesquisa as relações econômicas, culturais e sociais e sua evolução no decorrer desse período. O trabalho busca entender como esses imigrantes prosperaram ao ponto de, em curto período de tempo, monopolizarem alguns setores da economia goiana. A pesquisa baseou-se na análise documental e em entrevistas.

Em outro trabalho, intitulado *A imigração sírio e libanesa nos Estados Unidos e no Brasil: uma perspectiva comparativa*, publicado em 2012, a autora faz uma análise comparativa sobre a imigração síria e libanesa nesses países nos últimos 70 anos.

Em sua tese de doutorado, *História Oral da Imigração Libanesa no Brasil: 1880 – 2000*, defendida em 2012, André Gattaz (2012) narra os 120 anos de imigração libanesa para o Brasil. O autor aborda, inicialmente, os motivos de expulsão e sua relação com os aspectos econômicos, sociais e políticos e como esses fatores podem ter influenciado o movimento migratório para o Brasil. Ele divide o processo migratório libanês em quatro fases. As duas primeiras são compostas quase totalmente de imigrantes cristãos (1880-1940), enquanto que os muçulmanos iniciaram a imigração após 1950. Os problemas econômicos enfrentados no país de origem são apontados como o principal motivo de explicação para o processo de emigração desses povos.

Juliana Gomes Dornelas (2008), em *Na América, a esperança os imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes em Juiz de Fora Minas Gerais (1890-1940)*, analisa a imigração árabe na cidade de Juiz de Fora-MG, buscando identificar formas de adaptação desses

imigrantes naquela sociedade e como as trocas culturais e a cultura árabe influenciaram a cidade. Os resultados apontam que a troca cultural transformou tanto a sociedade local como os imigrantes que ali se estabeleceram.

Em *Imigração sírio-libanesa em Campo Grande e o clube Libanês*, Marcia Regina Cassanho de Oliveira verifica, no período de 1906 a 2009, a adaptação e o processo sociocultural transmitidos pelos imigrantes árabes e como ocorreu a integração, a difusão cultural e o acolhimento da cidade receptora, Campo Grande-MS. A pesquisa teve caráter documental e foi baseada em atas do Clube Libanês de Campo Grande e nos registros de cartórios. Simultaneamente, a pesquisa foi instrumentalizada a partir de entrevistas aplicadas a imigrantes árabes e seus descendentes. Os resultados indicaram a diferença no estilo de vida no ocidente e no oriente. Além dessas diferenças, apontaram que os certos “valores culturais” se alteram ao longo do tempo, tornando-se híbridos.

Essas e outras referências são fundamentais para a compreensão do movimento emigratório e de aspectos relacionados a cultura árabe, bem como são fonte de inspiração para o desenho metodológico que norteia o desenvolvimento desse trabalho. A seguir, apresenta-se um quadro-síntese com a indicação dos trabalhos consultados nessa pesquisa.

**Quadro 1 - Títulos de trabalhos acadêmicos sobre a imigração árabe**

Autor	Tipo de trabalho e área de conhecimento.	Obra/Data da publicação.	Assunto	Observações
Cinara Neumann Alves	<i>Dissertação de Mestrado. Desenvolvimento Regional</i>	<i>Cultura Árabe e Desenvolvimento Econômico em Regiões Fronteiriças do Sul do Brasil: a presença árabe no comércio de Santana do Livramento (Brasil)/Rivera (Uruguai).</i> (2014)	A autora analisou a influência da cultura no comportamento econômico de imigrantes e de descendentes árabes que atuam no comércio da fronteira entre Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY)	A metodologia adotada é vinculada à perspectiva weberiana de análise da relação entre cultura e desenvolvimento. O arcabouço teórico metodológico está pautado no sentido das ações sociais ou nos modos através dos quais os atores sociais orientam subjetivamente suas ações. Como resultado, a autora relacionou os aspectos culturais dos árabes na sua forma de fazer comércio, o que possibilitou o crescimento

				econômico da região estudada.
Clenise Maria Reis Capellani dos Santos .	<i>Dissertação de mestrado. Sociedade e Cultura Fronteiras.</i>	<i>A alimentação como processo de integração da comunidade árabe em Foz do Iguaçu (2013).</i>	Aborda os atrativos da imigração síria e libanesa para o Brasil e, principalmente, os atrativos da região da tríplice fronteira.	O foco central da dissertação foi avaliar a culinária árabe como forma de integração dessa comunidade. Cabe enfatizar que a autora faz um relato histórico da cultura alimentar do árabe, relembrando sua origem de pequeno agricultor no país de origem.
Denise Fagundes Jardim (2000)	<i>Tese de doutorado. Antropologia Social.</i>	<i>Palestinos no Extremo Sul do Brasil: Identidade étnica e os mecanismos sociais da produção da etnicidade- Chuí/RS. (2000)</i>	O trabalho dedica-se a identidade palestina, bem como os processos sociais e a construção da identidade étnica examinados na Chuí, Rio Grande do Sul, na fronteira entre Brasil e Uruguai.	O estudo enfatiza os mecanismos e processos sociais que deram vitalidade à identidade social.
Julio Cesar Bittencourt Francisco	<i>Tese de Doutorado. História.</i>	<i>Dos Cedros aos Pampas: Imigração Sírio-libanesa no Rio Grande do Sul, Identidade e assimilação (1890-1949). (2017).</i>	Refere-se à memória da Imigração libanesa no Rio de Grande do Sul; definição de Líbano e separação entre libanês e sírio.	O objetivo é elucidar a origem da imigração árabe no estado do RS. Enfatizou o local de fixação dos Imigrantes e sua participação nas atividades econômicas do estado. Do ponto de vista metodológico, destaca-se a utilização da história oral. Procurou-se demonstrar quem são e de que forma esses imigrantes oriundos do Oriente Médio

				organizaram-se e se inseriram no Rio Grande do Sul.
Liane ChipollinoAseff	<i>Artigo em periódicos. História.</i>	<i>Um olhar sobre a presença árabe na Fronteira (2014).</i>	A pesquisa aborda a chegada dos primeiros imigrantes árabes sírios, libaneses e palestinos ao Uruguai e à fronteira brasileiro-uruguaia, entre as cidades de Santana do Livramento e Rivera, a partir de 1900 até o final dos anos cinquenta.	Um atrativo na região para os estrangeiros era a economia dos frigoríficos de Santana do Livramento. Os primeiros imigrantes apoiavam a vinda dos demais. Grande participação no crescimento econômico da região.
Luana Maria Gutierrez Barbosa	<i>Dissertação de mestrado. Geografia.</i>	<i>Imigrantes árabes na fronteira de Pedro Juan Caballero (PY) e Ponta Porã (BR): Relações comerciais, casamentos e práticas religiosas 2017</i>	O trabalho tem como objetivo principal analisar os aspectos do trabalho dos imigrantes árabes nas relações comerciais, nas práticas religiosas e nas relações afetivas como, por exemplo, os casamentos de homens árabes com mulheres brasileiras e paraguaias	Com ênfase no processo de reterritorialização da imigração árabe na fronteira o imigrante árabe se reterritorializa em suas práticas religiosas na mesquita na cidade de Ponta Porã e no trabalho como as lojas comerciais na cidade de Pedro Juan Caballero.
Patrícia Dario El-Moor Hadjab	<i>Tese de Doutorado. Sociologia.</i>	<i>Alimentação, memória e identidades árabes no Brasil (2014).</i>	A cultura árabe, alimentação e suas contribuições na construção de uma identidade nacional	A investigação de sua tese enfatiza as intersecções entre alimentação e sociabilidade e como elas podem evidenciar diferentes gradações de identidades “árabes” na sociedade e cultura brasileiras. A autora conclui que a alimentação é uma forte manifestação da cultura de um povo, os imigrantes através dela preservam laços sociais, costumes vinculando-se com sua história.



Roney Salina de Souza	<i>Dissertação de Mestrado. História.</i>	<i>Uma vida entre dois mundos: imigrantes sírios e libaneses em Dourados 1910-1980 (2008).</i>	Aborda a imigração de sírios e libaneses em Dourados, no período de 1910 até 1980.	A modificação de suas identidades qualifica a presença dos árabes em Dourados como sendo híbrida. O autor ressalta a pré-migratória e a pós-migratória.
Samira AdelOsman	<i>Tese de Doutorado. História</i>	<i>Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida (2006).</i>	Conta a trajetória de imigrantes libaneses e seus descendentes, bem como de brasileiras não descendentes que retornaram ao Líbano.	Partindo da concepção de que identidade e cultura são processos dinâmicos, verificou-se a reinserção e inserção e implicações identitárias.

Fonte: Dados compilados pela autora.

Examinando o quadro acima, observa-se que a imigração árabe é estudada em diferentes regiões do Brasil. Os estudos, de modo geral, relacionam a imigração árabe e sua contribuição para o crescimento econômico junto as localidades locais. Outro aspecto importante estudado é a identidade cultural dos árabes e sua inserção e difusão na sociedade e cultura brasileira. Os árabes não contribuíram apenas para a difusão do comércio, haja vista, a alimentação, o casamento, as práticas religiosas, e o trabalho nas lojas comerciais são representações culturais com as quais os povos árabes manifestam e preservam laços sociais, hábitos e costumes relacionados a sua história.

### 1.1.2 Pesquisa qualitativa (História Oral) e a pesquisa aplicada (entrevistas)

Além da revisão bibliográfica, essa pesquisa está baseada na aplicação de entrevistas com os migrantes árabes e seus descendentes que vivem na área de fronteira objeto de investigação. Nessa etapa, para além dos resultados diretos da pesquisa, vale ressaltar que essa dissertação se utilizou da História Oral, enquanto metodologia de pesquisa qualitativa<sup>9</sup>. Isso permitiu fazer uma investigação mais aprofundada sobre os imigrantes, já que o tema em estudo trata-se de uma área exploratória, para a qual são escassas as fontes de informações. De acordo com Matos e Senna, (2011, p. 76) “a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo

<sup>9</sup>Gonçalves e Lisboa (2007) enfatizam que a metodologia qualitativa tem sido valorizada como forma de abordagem, visto que, aplica-se com o universo de significados, conceitos, crenças, valores e comportamentos, investigando um lado não acessível das relações sociais, possibilitando a percepção da realidade humana vivida socialmente.

novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos”. A história oral baseia-se na memória humana e sua capacidade de recordar o passado, enquanto testemunha do vivido.

Ainda, segundo Alberti (1989, p. 4) *apud* Matos e Senna (2011, p. 97), pode-se entender história oral como:

Um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc.

A pesquisa de campo envolveu primeiramente o levantamento das lojas comerciais pertencentes aos imigrantes árabes. Foram constatadas a presença de 49 lojas e 4 restaurantes na região. Dessas, 16 foram entrevistadas. Consideramos que essa amostra é significativa e representativa do total. A falta de recursos, o prazo apertado e as dificuldades de implementação da pesquisa (os imigrantes que estão a pouco tempo estabelecidos na fronteira compreende pouco o português) são fatores que limitaram o tamanho da amostra pesquisada, além do mais verificou-se muitas famílias, na qual as histórias se repetem havendo uma sincronia de pensamentos e interpretações (por exemplo: primeiro veio meu pai, nascemos aqui e hoje temos 5 lojas uma minha outras dos meus irmãos). As entrevistas foram gravadas (em média 30/60 minutos) e transcritas. O questionário está disponível no apêndice.

A elaboração das entrevistas, a escolha dos entrevistados, o número de entrevistados, a adequação do oral para o escrito, os processos de conferência de fidelidade e correção das transições, entre outros aspectos, basearam-se na obra de Verena Alberti “ Manual de História Oral”.

**Quadro 2 - Perfil dos entrevistados**

IDENTIFICAÇÃO	PAÍS DE ORIGEM	ANO EM QUE EMIGROU DO PAÍS DE ORIGEM/ ANO QUE CHEGOU NA FRONTEIRA	TRAJETÓRIA	ÁREA DE ATUAÇÃO	DATA DA ENTREVISTA
Entrevistado A	Líbano	1994/2000	São Paulo , Argentina e Paraguai	Gerente da Mesquita	18/06/2019
Entrevistado B	Líbano	1988/ 1996	Morou seis anos em Foz do Iguaçu	Loja de eletrônicos	15/10/2019
Entrevistado C	Líbano	2005	Direto para fronteira	Loja de <i>arguile</i>	15/10/2019

Entrevistado D	Líbano	1996	Direto para fronteira	Loja de celulares	17/10/2019
Entrevistado E	Líbano	1996	Direto para fronteira	Loja de eletrônicos em geral	17/10/2019
Entrevistado F	Filho de imigrante		Morou dez anos no Líbano e retornou a fronteira	Advogado	22/11/2019
Entrevistado G	Líbano	1952	São Paulo e MS	Lojas comerciais em Ponta Porã e fazendas.	22/11/2019
Entrevistado H	Líbano	1998	Morou um tempo em <i>Ciudad del Este</i>	Eletrônico em geral	22/11/2019
Entrevistado I	Líbano	2008/2012	Morou quatro anos em <i>Ciudad del Este</i>	Eletrônico em geral	12/11/2019
Entrevistado J	Líbano	2014	Direto para fronteira		12/11/2019
Entrevistado K	Descendente de terceira geração		Nascido na fronteira	Advogado	12/11/2019
Entrevistado L	Líbano	1995/1998	Morou três anos em <i>Ciudad del Este</i>	Loja de arguiles, comidas árabes e eletrônico	12/11/2019
Entrevistado M	Filho de imigrante		Nascido na fronteira	Loja de eletrônicos	12/11/2019
Entrevistado N	Síria	1990	Direto na fronteira	Restaurante árabe	12/11/2019
Entrevistado O	Líbano	1980	São Paulo, Paraná e Ponta Porã-MS	Loja de móveis Ponta Porã-MS	13/11/2019
Entrevistado P	Líbano	1993	Argentina, Paraguai e Ponta Porã-MS	Loja de importados em geral	13/11/2019

Fonte: Elaborado pela autora.

As entrevistas (semiestruturadas) foram aplicadas aos imigrantes que atuam no comércio de Pedro Juan Caballero. No lado brasileiro, priorizou-se os descendentes de imigrantes de sírios e libaneses com mais de 60 anos. Isso permitiu com que os entrevistados relatassem todo o processo relacionado a vinda dos seus pais para a fronteira. Isso caracteriza um tipo de história oral, a *história de vida*. Segundo Francisco (2017, p. 50) isso “ocorre quando os entrevistados falam de suas trajetórias, histórias familiares e vivências”.

Portanto, com base nessa metodologia foi possível ampliar o entendimento acerca da trajetória imigratória, das formas de inserção econômica e da influência da cultura árabe na região de estudo.

Por fim, antes de prosseguirmos, julgamos necessário identificar e qualificar dois conceitos que são fundamentais na análise ao longo de toda essa dissertação: o conceito de fronteira e o conceito “cultura”.

Conforme Banducci Jr. (2011), a percepção de fronteira está relacionada com a ideia de limite, de barreira, que define o território e estabelece ruptura, impossibilitando a livre comunicação e contato entre os povos que habitam esses espaços. Por outro lado, existe a visão “romântica” que relaciona fronteira com populações unidas fraternalmente, mesmo que sejam separadas por uma linha divisória que lhes é exteriormente imposta.

Nesse sentido, como salienta Raffestin (2005, p. 10), “fronteira é um fato social de uma riqueza considerável, que compreende aspectos físicos, morais, políticos, religiosos e culturais de diversas ordens”. Ainda conforme o autor, a “fronteira não pode ser interpretada sem a história, visto que, as sociedades foram sempre definidas pelas fronteiras que elas traçaram, conduzindo os movimentos dos povos e marcando as grandes transformações das civilizações” (pag. 12).

Ponta Porã, localizada no Sul do Estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil, e Pedro Juan Caballero, capital do Departamento de Amambay, no Paraguai, são divididos por uma linha imaginária que percorre toda a faixa de fronteira, equivalente a pouco mais de sete quilômetros, situada na área urbana, o que propicia a uma troca sociocultural.

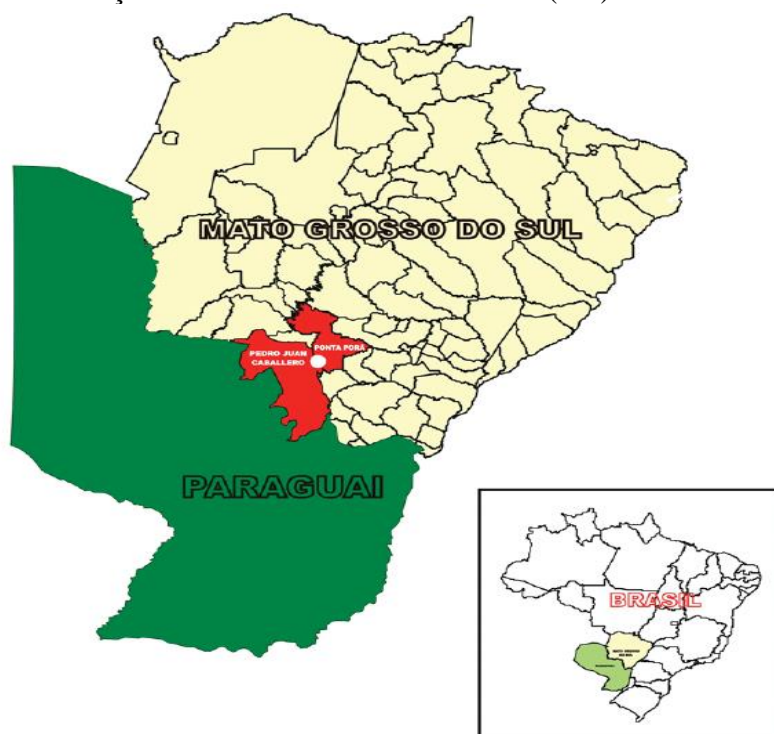
Pedro Juan Caballero e Ponta Porã “formam uma conurbação<sup>10</sup> intensa, recheada de ações formais e complementaridades funcionais plurais. Local onde habitam aproximadamente 200.000 pessoas<sup>11</sup>, estabelecem um nível de convivência com intensa complementariedade” (OLIVEIRA, 2005, p. 404).

---

<sup>10</sup>A conurbação configura-se como uma área urbana composta por um grupo de cidades organizadas. A partir dessa característica, outras podem ou não estar presentes, como a hierarquia; a autonomia do ponto de vista das atividades e da administração; a contiguidade das edificações, independente dos limites administrativos territoriais; junção das franjas de dois centros urbanos por meio da ocupação contínua e a dependência e especialização funcional (LAMBERTI, 2006, p. 36).

<sup>11</sup>População estimada do município de Ponta Porã é de 89.592 habitantes (IBGE, 2017) e de Pedro Juan Caballero de 88.189 habitantes (DGEEC, 2002).

**Figura 1** - Localização da Fronteira entre Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY)



Fonte: Oliveira (2010, p. 27).

Por fim, ressalta-se que o termo *cultura* abrange diversos significados. Não existe um consenso, já que o mesmo está presente em abordagens que vão desde a antropologia à sociologia, englobando diversas áreas do conhecimento.

Botelho (2001, p. 74) enfatiza duas dimensões da cultura:

Na dimensão antropológica, a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas [...] Por sua vez, a dimensão sociológica não se constitui no plano do cotidiano do indivíduo, mas sim em âmbito especializado: é uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão.

Para Sachs (2000), cultura é uma palavra polissêmica, ou seja, ela representa, ao menos três dimensões diferentes. O autor enfatiza a cultura como intercessora da relação entre a sociedade e natureza, bem como a cultura enquanto valores. Acerca da cultura como valores, trata-se das formas de pensar, de agir, de sentir, enfim, como se constituem os estilos de vida de indivíduos, de grupos, regiões e nações.

Segundo o autor, a cultura está ligada também ao estilo de vida. Exemplificando, ele afirma que “um brasileiro não vive da mesma maneira que um hindu, um francês não vive da mesma maneira que um americano, e isto não é só a diferença cultural [...] as diferenças

culturais, aos valores e o peso do passado, influi para que haja estilos de vida diversos” (SACHS, 2000, p. 10).

Canedo (2009, p. 4), diante da polissemia da palavra cultura, adota três referências-chaves de extrema importância para seu entendimento: “1) modos de vida que caracterizam uma coletividade; 2) obras e práticas da arte, da atividade intelectual e do entretenimento; e 3) fator de desenvolvimento humano”.

Botelho (2001, p. 2) ressalta que os modos de vidas que caracterizam uma coletividade se dão “através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas”.

Em suma, é preciso considerar que a cultura de um povo abrange tradições, costumes, idioma, hábitos alimentares, música, dança bem como as diferenças profissionais, o que implica tanto no aspecto social como na forma como ela se reproduz.

Nessa dissertação, além desses aspectos mencionados, entendemos cultura (em suas múltiplas dimensões) enquanto uma variável fundamental para o desenvolvimento econômico. Nossa inspiração é a obra de Celso Furtado. Para o autor, o desenvolvimento comporta um conjunto de transformações nas estruturas sociais e nas formas de comportamento que acompanham a acumulação do sistema de produção. Ou seja, o desenvolvimento deve ser entendido como um processo cultural e histórico que atende a um sistema de dominação social.

Ou ainda:

A superação do impasse com que nos confrontamos requer que a política de desenvolvimento conduza a uma crescente homogeneização de nossa sociedade e abra espaço a realização das potencialidades de nossa cultura, a questão central se limita em saber se temos ou não possibilidade de preservar nossa identidade cultural (FURTADO, 2002, p. 36).

Furtado desenvolveu o conceito do sistema de cultura. Nessa abordagem, aparecem três dimensões: i) a cultura material, que se refere a aspectos econômicos e se expressa em progresso técnico e acumulação de capital; ii) a cultura não material, significando o âmbito sociopolítico, moldado por ideias e valores, bem como ações políticas vinculadas a essas ideias e valores; iii) os elementos da cultura não material não incluídos no âmbito sociopolítico, como reflexão filosófica, meditação mística, criação artística e pesquisa científica (Borja, 2013). Mas, mais importante, é o fato de que para o autor o conceito de cultura carrega uma perspectiva enquanto sistema de valores, crenças e percepções. É nesse contexto que, o conceito e a relação da cultura com o desenvolvimento devem ser entendidos nessa dissertação (MISSIO E MARTINS, 2020).

São essas potencialidades da nossa cultura fronteiriça, mais especificamente, das distintas representações culturais advinda das diferentes origens do nosso povo (incluindo aqui as origens árabes, foco desse trabalho) que particularmente nos interessa nessa discussão sobre as potencialidades econômicas que certos aspectos culturais podem proporcionar. Na região em estudo, admite-se que esse é o caso quando tratamos da cultura árabe, pois entendemos que a valorização e o resgate da mesma pode ser um importante estímulo ao desenvolvimento da região.

## 2 IMIGRAÇÃO ÁRABE NO BRASIL

O presente capítulo tem por objetivo identificar e analisar os principais fatores que desencadearam o processo de emigração árabe, bem como os principais destinos (países receptores) dessa emigração. Evidentemente, a ênfase recai sobre esse processo na América do Sul e, especificamente, no Brasil. Vale lembrar que a formação nacional brasileira é marcada pelo processo de imigração<sup>12</sup> de diversas etnias desde o período colonial. Nesse contexto, destaca-se também, em caráter particular, a influência da imigração árabe na formação histórica, econômica e social do Brasil.

Para cumprir com o objetivo, inicialmente, apresenta-se brevemente o contexto histórico sobre os árabes com o intuito de traçar um panorama geral diante da complexidade da definição de “quem são os árabes” e quais suas implicações sociais, identitárias e culturais. Assim, analisam-se fatores históricos e demais relações que desencadearam os fluxos migratórios. Considerando-se os registros históricos, cumpre ressaltar que a dificuldade de identificação dos imigrantes árabes na primeira leva migratória não está isenta de um possível viés estatístico, já que é difícil mensurar o número exato de imigrantes árabes que vieram para o Brasil, dado que muitos eram registrados como turcos ou em outras categorias.

Segundo Osman (2009a, p.1):

A imigração árabe para o Brasil sofre dos mesmos problemas em relação a outros grupos migratórios do país, mas é ainda mais agravado **pela própria definição e identificação de quem são, quantos são e onde estão os indivíduos que fazem parte desse grupo genericamente chamado árabe ou ainda “turco”**. Nos censos demográficos brasileiros, **esse grupo imigrante foi enquadrado no termo genérico “outras nacionalidades” ou na categoria de “vários”**. Quando referidos em suas nacionalidades a confusão é grande, pois recebem diferentes denominações: árabes, turcos, turcos-árabes, sírios-libaneses, sírios e libaneses, sírios-libaneses “não turcos”.

---

<sup>12</sup> É importante ressaltar que dependendo do regime político, a aceitação dos estrangeiros é maior ou menor, as leis mudam, as possibilidades de ascensão social também. Em determinados governos há incentivo/restrrição a determinadas grupos de imigrantes. Para um estudo mais aprofundado sobre o tema, consultar “Política (i) migratória brasileira e a construção de um perfil de imigrante desejado: lugar de memória e impasses” de Samira Moratti Frazão.

Embora sírios e libaneses tenham sido a grande maioria dentre os povos de origem árabe que para cá vieram, essa ampla e confusa generalização desconsiderava a presença de outros grupos menores como egípcios, palestinos, iraquianos, marroquinos (grifo nosso)<sup>13</sup>

Para Ghataz (2012, p.13), o problema “não era ser chamado de turco, mas perceber o desconhecimento geral existente quanto à história do Oriente e à cultura árabe, do qual é resultante a grande confusão que se faz quando se trata do imigrante sírio e libanês”.

Sendo assim, este capítulo percorre a história desses imigrantes chamados no Brasil de “turcos a árabes”, ressaltando os principais fatores que contribuíram para a diáspora árabe para as terras brasileiras, tal como os aspectos que se relacionam à cultura e às historicidades desses países. Admite-se que retomar o contexto e algumas das características desses povos é fundamental para a compreensão da formação e evolução desse grupo étnico no Brasil. Em seguida, busca-se compreender de que forma esses imigrantes contribuíram para o progresso e difusão do comércio em diversas regiões brasileiras.

## **2.1 Oriente médio: um apanhado histórico**

Embora o contexto histórico seja relativamente extenso, englobando mais de cinco mil anos, o principal objetivo deste tópico é elucidar, em linhas gerais, a gênese ancestrais dos árabes que emigraram para o Brasil, evitando o equívoco comum de confundi-los entre turcos, libaneses ou sírios, diferenciando suas origens, culturas, histórias e localizações geográficas.

Conforme Linhares (2004), o Oriente Médio foi o berço das grandes civilizações: a Suméria, o Egito dos faraós, a Assíria, a Babilônia, a Pérsia, a Fenícia. Terra de impérios já extintos, também foi o berço das três maiores religiões monoteísta: o Judaísmo, o Cristianismo, e o Islamismo.

De acordo com Buchabqui (2011, p. 47):

O Oriente Médio é o berço da humanidade. De lá fluíram conhecimentos sobre agricultura, domesticação de animais, a roda, a invenção da escrita (cuneiforme e hieróglifos), a irrigação, os primeiros códigos e grandes contribuições para a arquitetura. Por volta de 3.000 a.C. o litoral do Levante - Líbano, a Síria e a Palestina - era habitado pelos Cananeus, povo de origem semita. Assim, as primeiras referências ao Líbano, pelo seu nome, datam do terceiro milênio. Os cananeus vieram da Península Arábica pelo Bekaa, como beduínos. Mais tarde, os gregos chamaram-nos de fenícios - phoinix -, que significa vermelho púrpura nos tecidos, a mais importante indústria dos fenícios. As cidades organizaram-se próximas do litoral e os fenícios caracterizaram-se como excelentes comerciantes. Cada cidade era independente social, política e economicamente - as chamadas cidades-estado. Biblos e Arado (no

---

<sup>13</sup>Artigo de Samira Adel Osman, publicado pelo Instituto de Cultura Árabe ICArabe em 2009. Disponível em: <<http://www.icarabe.org/artigos/registros-da-experiencia-na-historia>>. Acesso em: mar. 2017.



Norte), Sidon e Tiro (no Sul) foram as cidades mais famosas. Alternadamente, Tiro e Sidon exerceram supremacia sobre as outras.

Para Souza (2008), o Oriente Médio tem, aproximadamente, cinco mil anos de história, sendo palco de diversas migrações, misturas e conflitos. Aproximadamente no ano de 3000 a. C., os babilônios, os assírios e, posteriormente, caldeus fixaram-se no atual Iraque. Em 2500 a.C., os fenícios na Síria e no Líbano e, por volta de 1500 a.C., hebreus e arameus fixaram-se na Palestina e na Síria.

Dessa forma, a origem antiga dos povos Libaneses e Sírios está primeiramente relacionado aos Cananeus, de origem semita, que emigraram da Península Arábica para a Região da Grande Síria e, posteriormente, foram chamados de fenícios pelos gregos.

**Figura 2 - Fenícia**



Fonte: Coggiola (2016, p. 15)

A figura 2 compreende o território fenício, que era mais especificamente “um conjunto de cidades-estados independentes, que disputavam entre si e com outros povos o controle das principais rotas do comércio marítimo” (COGGIOLA, 2016, p. 15).

De acordo com Coggiola (2016), a civilização Fenícia foi desenvolvida no atual território do Líbano e da Síria, tendo se estabelecido entre as montanhas do Líbano e o Mediterrâneo. Assim, por ser região montanhosa somada à escassez de terras férteis, os fenícios

cultivaram a pesca e dedicaram-se ao comércio marítimo. Sobre esse aspecto, o autor argumenta que os fenícios foram os pioneiros do comércio de longa distância. Ainda segundo o autor, “os fenícios se caracterizavam por uma sociedade comercial urbana “dinâmica e cosmopolita” e por possuírem uma população “muito heterogênea e notavelmente dinâmica e empreendedora” (COGGIOLA, 2016, p. 16).

O Oriente Médio era dividido em cinco grandes regiões: “1) Grande Síria; 2) Iraque, antiga Babilônia; 3) Península Arábica<sup>14</sup>; 4) Vale do Nilo; 5) Magreb, África setentrional”. Ademais, tem uma população de 150 milhões pessoas distribuídas ao longo da costa mediterrânea e nos vales dos rios Nilo, Tigre e Eufrates, o que abrange cinco milhões de milhas quadradas.

Cumprе ressaltar duas principais regiões do Oriente Médio: a região da Grande Síria e a Península arábica. A primeira engloba, atualmente, os países da Síria e do Líbano, que compreende aos imigrantes árabes que vieram para o Brasil (foco da análise a seguir). Por sua vez, a segunda corresponde à região de origem dos povos árabes, bem como da religião islâmica.

Conforme Francisco (2017, p. 23), “a chamada Grande Síria englobava o que é hoje a Palestina, a Síria e o Líbano, até o período do Mandato Francês e as independências do Líbano e da Síria e a formação do Estado de Israel na Palestina, em pleno século XX”.

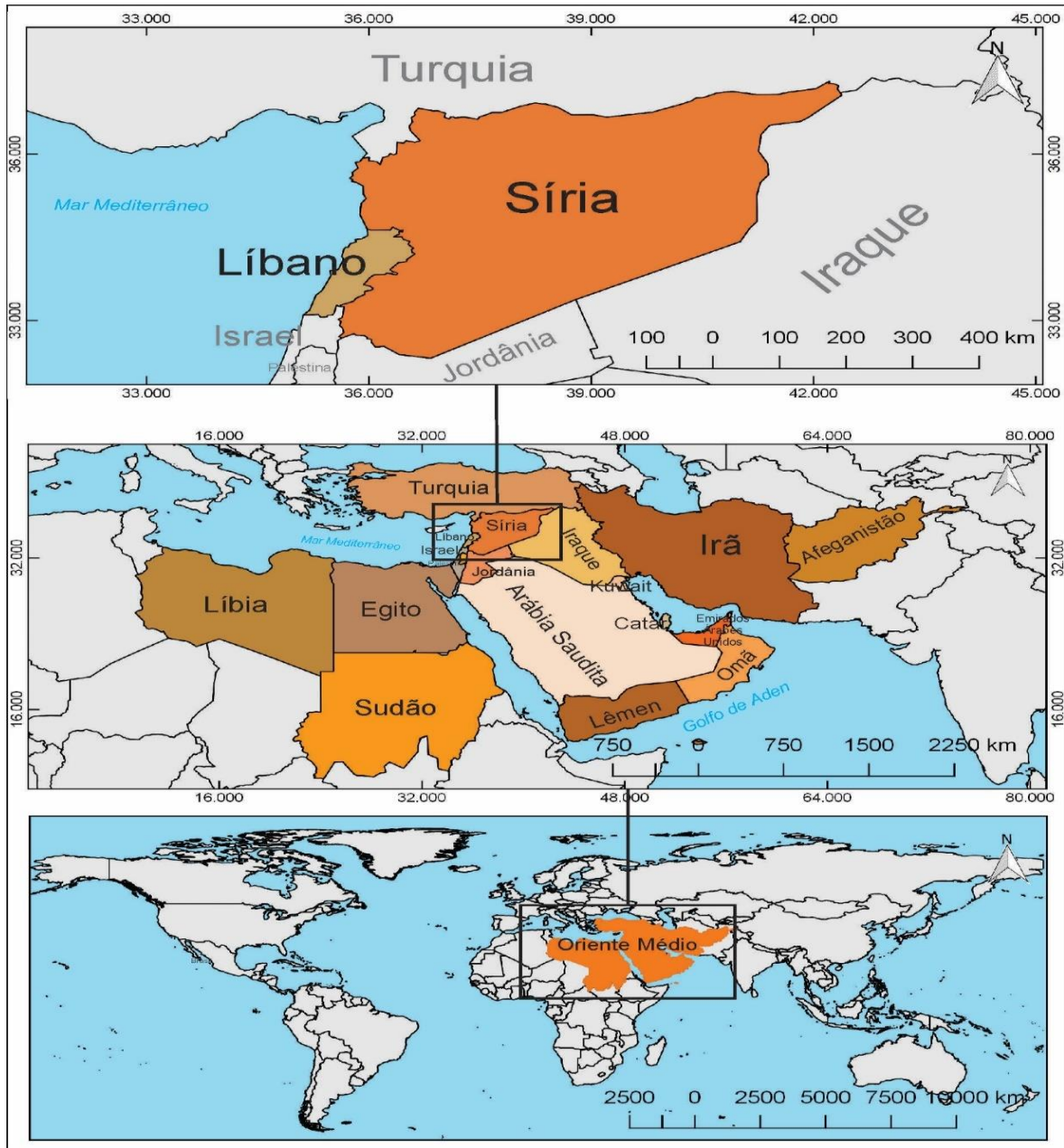
No caso da Península Arábica, conforme figura 3, o seu território engloba os seguintes países: Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Omã, Bahrein, Kuwait, Qatar e Iêmen e faz limite com o Iraque e Jordânia ao norte, Mar Vermelho (oeste), Golfo Pérsico (leste) e Mar de Omã (sul). Essa Península mostra-se isolada de todo o continente, com uma projeção sobre o Oceano Índico, entre o Mar Vermelho e o Golfo Pérsico (LINHARES, 2004).

Etimologicamente, a palavra *árabe* quer dizer nômade (que vive no deserto), ou seja, o seu significado está mais relacionado com uma organização social, um estilo de vida adaptando-se às condições de sobrevivência locais e criando uma cultura única original. No entanto, diversos são os grupos humanos que habitavam a Península Arábica (LINHARES, 2004).

---

<sup>14</sup>A Arábia é uma península da Ásia Ocidental, próxima da África. Faz limite com a Palestina, com o Oceano Índico, com o Golfo Pérsico e com o Mar Vermelho (HADJAB, 2014).

**Figura 3 – Mapa do Oriente Médio**



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da Malha ARCGIS 2014 e Vaz (2016, p. 2).

A Península Arábica ainda pode ser dividida em sul e norte:

No Sul destacou-se desde cedo a agricultura com os Mineus, no segundo milênio a.C., depois os Sabeus, 900 a.C., sedentários e politeísta. No século VI, d.C., o judaísmo e o cristianismo influenciaram a região, que entrou em crise no final do século 400 d.C. Bizâncio em 525 d.C. conquistou o local. Depois, em 575 d.C., os persas ocuparam e mantiveram como província até a conquista islâmica. Ao Norte, a organização social deu-se em comunidades agrícolas dispersas. A água e a vegetação eram escassas. Prevalceu a cultura nômade em famílias divididas em clãs, e tribos, os beduínos (SOUZA, 2008, p. 19).

Segundo Haddad (2014), a Península foi habitada durante muitos séculos por tribos nômades. Não obstante, no século VI houve um processo de unificação com o profeta Muhammad que, reconhecido pela sua capacidade integradora e estratégica, consolidou o Islã como uma das maiores religiões daquela região. Muhammad<sup>15</sup> nasceu no ano de 570 e faleceu no ano de 632 e é considerado pelos seguidores do islamismo (os muçulmanos) o último profeta da estirpe de Abraão, Ismael, Isaac, Jacó, Davi e Jesus. Ele foi o responsável pela unificação e expansão religiosa e cultural do Oriente Médio<sup>16</sup> para a Pérsia, norte da África e parte de Portugal e Espanha.

Afirma Salinas (2009, p. 234) “de fato, o Islã nasceu na chamada Península Arábica, a qual foi unificada pelo Califa<sup>17</sup> Omar no ano 634, seguida pela conquista de Damasco, na Síria, que culminou com a vitória dos árabes sobre os bizantinos no Vale de Iarmuk”. Relacionado a isso, Linhares (2004) argumenta que o Islã, além de ser uma religião, é uma comunidade civil direcionada pelas leis do *Alcorão*<sup>18</sup> e por uma cultura comum, destacando-se o idioma árabe.

Dessa forma, compreende-se a amplitude da cultura árabe, que varia de acordo com sua região e etnias, embora esteja estreitamente entrelaçada à religião islâmica. Corroborando nesse aspecto, Linhares (2004, p. 18) enfatiza que a “língua árabe, que se difundiu, arabizou populações e gerou mais arabizados do que árabes propriamente ditos, povos que passaram a se identificar pela língua, pela religião e pelos hábitos sociais”.

Compreende-se que o povo árabe é um grupo étnico nativo da Península Arábica que vivia em forma de nômade e migrou para diversos lugares do Oriente Médio e, portanto, diversas tribos passaram a identificar-se como árabes, as quais aderiram a língua árabe e alguns aspectos culturais, tornando uma cultura mais homogênea. Já os muçulmanos são os seguidores do islamismo, que é professado em árabe.

Assim, houve dois movimentos culturais na história geral dos povos árabes que começaram com o avanço do seu Império no século VII: a *arabização* e a *islamização*. De modo que a herança desses primeiros árabes sauditas da era medieval reflete-se nos países do Oriente Médio modernos. Por exemplo: o Irã é um país islamizado, segue a religião do Profeta Muhammad, mas continua usando o farsi ou persa, ou seja, não foi arabizado.

---

<sup>15</sup>Ao longo da história o nome do profeta muçulmano tem sido traduzido errado como *Maomé*, mas no idioma árabe não existem as vogais *eeo*, assim a transliteração correta do árabe para o português é Muhammad.

<sup>16</sup>Para uma história detalhada, consultar Lewis Bernard. *O Oriente Médio: do advento do Cristianismo aos dias de hoje*. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

<sup>17</sup>Também grafado como Khalifa: Sucessor direto do profeta Muhammad, como líder político e espiritual. A designação foi usada pela primeira vez para Abu Bakr, primeiro sucessor do profeta. Vem da expressão árabe “Khalifaturasulil – Iah” que significa sucessor do mensageiro de Deus.

<sup>18</sup>Livro sagrado dos muçulmanos, na qual abrange o código religioso, moral e político de seus seguidores. (Truzzi, 2008)

O Líbano, por sua vez, utiliza o árabe como idioma mais falado, mas possui uma diversidade de linhagens religiosas do Islã e do cristianismo, logo teve pouca força a islamização; no caso do Egito, seguiu-se a islamização e *arabização* do país. Portanto, o que prevaleceu em cada parte do Oriente Médio foram, muitas vezes, as particularidades locais em negociação com as diversidades estrangeiras que os árabes exportaram.

Conforme apontado, da região da Grande Síria saíram os imigrantes sírios e libaneses para o Brasil. Truzzi (2005) salienta que, embora a região pertença ao chamado mundo árabe moderno<sup>19</sup>, os sírios e libaneses reconhecem-se, acima de tudo, com a religião professada bem como a região ou aldeia de origem, sendo mais relevantes para eles os elementos que fundaram a sua identidade do que um estado-nação, haja vista ser isso inexistente para eles no período da emigração.

**Figura 4 - Região da Grande Síria**



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/96/SadheeSYRIA.jpg>

Nesta mesma linha de pensamento, de acordo com Francisco (2017, p. 19) a “Palestina, a Síria e o Líbano sempre guardaram laços sociais profundos, e suas fronteiras foram desenhadas pelos invasores que os dominaram politicamente”.

Ainda, conforme Truzzi (2005), a região da Grande Síria corresponde a uma faixa estreita de terra com cerca de 650 por 250 quilômetros, compreende a faixa de Tauros e do rio Eufrates, no Norte, até a Península do Sinai, no Sul, limitada a oeste pelo Mar Mediterrâneo, e a leste pelo deserto. No entanto, em seus limites incluía o distrito de Monte Líbano, sendo uma faixa de terra menor ainda. Os sírios que habitavam a região do Monte Líbano eram

<sup>19</sup>Conforme a Liga dos Estados Árabes, um país árabe é um país que tem como oficial a língua árabe e que se baseia nas leis muçulmanas (HADJAB, 2014).

majoritariamente cristãos, enquanto que, no resto do território sírio, preponderavam os muçulmanos, notadamente no século XIX, período em que se iniciam as imigrações internacionais.

Nesse contexto, o autor argumenta que “é temerário referir-se a uma cultura árabe unitária, ignorando as inúmeras clivagens expressivas de características singulares, tanto de natureza geográfica quanto histórica” (TRUZZI, 2005, p. 2).

Contudo, é perceptível que a proximidade geográfica e os impactos de todas as transformações históricas, sociais e econômicas vivenciadas pelo Líbano e Síria foram essenciais para manter fortes laços culturais, embora apresentem algumas particularidades abordadas a seguir.

O caso do Líbano, de acordo com Buchabqui (2011) e Osman (2006), corresponde a um país montanhoso situado no Médio Oriente, ocupa uma superfície de 10.452 km<sup>2</sup> e faz fronteira a sul com a Palestina, a norte e a este com a Síria, sendo banhado a oeste pelo Mar Mediterrâneo onde encontram-se localizadas as mais importantes cidades: a sua capital e maior cidade Beirute e as cidades de Billos, Sidon, Tiro e Trípoli. Referente às características históricas e geográficas do Líbano, Buchabqui (2011, p. 9) afirma que:

Esta localização estratégica no cruzamento do Mediterrâneo com península arábica tem ditado a sua história rica, e a forma da sua identidade cultural única em diversidade étnica e religiosa. Os primeiros sinais civilizatórios no Líbano remontam mais de 7.000 anos de história registrada. De origem dos Fenícios, uma cultura marítima que floresceu durante quase 2.500 anos (3000-539 a.C.). Após o colapso do Império Otomano após a Primeira Guerra Mundial, as cinco províncias que compõem o Líbano moderno foram mandatadas para a França. O Líbano estabeleceu um sistema político único em 1942, conhecido como confessionalíssimo, um mecanismo de partilha de poder com base em comunidades religiosas. Foi criado quando os franceses expandiram as fronteiras do Monte Líbano, que era majoritariamente habitado por Católicos Maronitas e Drusos, para incluir mais elementos muçulmanos. O país ganhou a independência em 1943, e as tropas francesas se retiraram em 1946.

As diferenças religiosas definem a identidade de alguns libaneses. Conforme Francisco (2017, p. 17) “muitos libaneses, especialmente os católicos maronitas, não se consideram árabes e preferem alinhar suas identidades a povos da antiguidade como os fenícios ainda que no início da imigração os maronitas constituíssem a maioria”.

Assim como no Líbano, a Síria apresenta também diferenças religiosas:

De fato, na Síria berço do cristianismo, islamismo e judaísmo, as religiões frequentemente ocupavam o lugar que o Estado moderno tomou nos países do Ocidente. Era inconcebível alguém não professar uma religião e, em cada aldeia a autoridade religiosa de cada credo controlava sua comunidade, regulando assuntos de natureza não apenas espiritual, mas civil, educacional e pessoal (TRUZZI, 2008, p. 32)

Portanto, ao abordar sobre a imigração árabe é preciso entender que essa denominação denota vários significados, seja de ordem cultural, religiosa, política ou geográfica. Hadjab (2014, p. 44) observa que “a palavra árabe carrega consigo um conjunto de significados e representações sociais, podendo ser aplicada com conotações distintas dependendo do contexto em que é empregada, seja ele o linguístico, o geográfico ou o histórico”.

O termo *árabe*, ao longo desta dissertação, será utilizado para designar os imigrantes sírios e libaneses<sup>20</sup> que emigraram para o Brasil, independentemente de sua religião ou origem étnica, excetuando-se os casos concretos de necessária diferenciação para facilitar as identificações aos leitores.

## **2.2 Fatores que influenciaram a emigração árabe**

As principais causas da emigração árabe estão atreladas a um conjunto de fatores econômicos-demográficos e político-religioso. Historicamente, o Oriente Médio (e, portanto, a região da Grande Síria) foi palco de diversos conflitos, muitos dos quais impulsionaram a emigração de povos que ali habitavam.

Nos diversos contextos históricos que impulsionaram a emigração, Hajjar (1985, p. 33) elenca como causas principais: “i) a intolerância do cidadão árabe em servir ao exército otomano; ii) a pobreza da terra; iii) o despreparo de elemento humano para enfrentar opressão interna e externa; e, iv) guerras sucessivas e conseqüente fome, desespero e privação”.

Nesse sentido, Knowlton (1960) enfatiza que uma das forças motivadoras da imigração era a obrigação do serviço militar ao exército otomano bem como os altos valores dos impostos que extorquiam a população. A Síria e o Líbano eram baseados na economia feudal antes do século XIX. Os senhores feudais, até meados do século XVII, para manter suas terras, guarneciam o serviço militar ao Sultão da Turquia por meio de pagamento de tributos, posteriormente substituídos pelo serviço militar.

Truzzi (2008) aborda que a literatura sobre a imigração árabe como fator de ordem religiosa é controversa, dado que os grandes massacres de cristãos pelos drusos ocorreram no início de 1860 e o processo emigratório iniciou em 1880. Conforme Naff (1985, p. 7 apud Truzzi, 2008, p. 30), “as perseguições religiosas na Síria, forçando cristãos a emigrarem, constituíram um mito forjado especialmente por políticos árabes na América, após a primeira Guerra Mundial”.

---

<sup>20</sup> O fluxo migratório árabe é formado majoritariamente por libaneses e sírios, portanto, cabe ressaltar que registrou-se pessoas oriundas de outros países árabes, porém com menor intensidade.

Contudo, ainda segundo o autor, o fato de a maior parte dos imigrantes serem cristãos, de certa forma, corrobora a perseguição religiosa como uma das causas que impulsionaram a emigração. Outro fator apontado é o país de destino, ou seja, enquanto os muçulmanos preferiam países como o Egito e outros países do continente africano, os cristãos direcionavam-se para países da América. Acreditava-se que, nesse continente, a liberdade para professar a fé cristã seria maior.

Conforme Brasil (2017, p. 10) “ao longo do período de governo do Império Otomano, discordâncias religiosas foram motrizes geradoras de vários conflitos, que no final sempre favoreciam a dominação política da Turquia”.

Knowlton (1960) argumenta que, antes do século XIX, os cristãos tinham uma ocupação social e política inferior dentro do Império Otomano e, conseqüentemente, em períodos de conflitos, eram os que mais sofriam ofensas, sendo vítimas de massacres, além de estarem vulneráveis a restrições e exações tributárias. Esse cenário estendeu-se até a invasão de Ibrahim Pachá<sup>21</sup> na região da Grande Síria. Ele estabeleceu a tolerância religiosa tendo uma administração forte e centralizada, o que levou a uma relativa igualdade entre muçulmanos e cristãos.

Conforme Truzzi (2005), a emigração ocorreu em duas etapas: primeiramente, saindo da terra de origem, dirigiam-se até um porto da Europa Ocidental, sendo Marselha, na França, o mais frequente; e, posteriormente, seguiam viagem em direção às Américas. No período de 1880 a 1930, os Estados Unidos foram absolutamente o país que mais recebeu imigrantes árabes. Esse foi o período mais importante da emigração antecedendo a Segunda Guerra Mundial.

Buchabqui (2011) destaca duas rotas principais do processo emigratório: a primeira e mais antiga era a rota preferida dos não cristãos e tinha como principal destino o Egito, Sudão e as colônias francesas e inglesas da África. À segunda rota, dirigiam-se os emigrantes cristão com destino às Américas, Austrália e Nova Zelândia. Desse modo, fica claro que os cristãos preferiam países onde pudessem professar sua fé sem perseguições.

De acordo com Truzzi (2005), no final do século XIX, os imigrantes árabes tinham como destino a América (tanto do Norte quanto a do Sul), sendo os principais países de destino os Estados Unidos, Canadá, Argentina e Brasil. Hajjar (1985) aponta que, segundo dados subsidiados pela UNESCO, antes de 1982 existiam mais de 17 milhões de imigrantes árabes no mundo.

---

<sup>21</sup>Filho de Muhammad Ali, mais conhecido como o modernizador do Egito em 1831.



A chegada dos imigrantes árabes na América do Sul iniciou-se a partir do final do século XIX. Inicialmente, o objetivo era uma imigração provisória, destinada a suprir social e economicamente seus familiares, haja vista estarem em situações difíceis (TRUZZI, 2007). Porém, o que era temporário tornou-se permanente, sendo que as famílias acabaram acompanhando-os.

A partir da segunda metade do século XIX, o fenômeno emigratório intensificou-se pelo Líbano, desencadeado por vários motivos: perseguição política e religiosa, superpovoamento, desemprego, crise econômica e busca por novas oportunidades.

Conforme Osman (2006), o processo emigratório é resultado de fatos históricos locais e regionais e pode ser dividido em seis períodos:

- i) O primeiro período ocorreu entre 1860-1900, sendo esse movimento uma consequência dos conflitos entre maronitas e drusos, diante do aumento populacional somado à escassez de terras disponíveis para atender às demandas econômicas entre esses grupos. Esse movimento ocorreu em direção aos países vizinhos do Oriente Médio, norte da África e alcançou também a América e Austrália.
- ii) No segundo período (1900-1914), a migração ocorreu em direção dos Estados Unidos e Brasil. Em grande parte, foi decorrente da rejeição ao domínio turco-otomano, como também para evitar o alistamento militar, principalmente pelos cristãos. O período foi marcado pela saída de intelectuais e de uma classe social relativamente mais rica.
- iii) O terceiro período (1920-1943) ocorreu durante o mandato francês, sendo que os emigrantes seguiram em direção à América do Sul e às colônias francesas e inglesas da África do Norte. Ao contrário dos dois primeiros períodos emigratórios em que a saída de cristãos foi mais acentuada, nesse período, cresceu a saída de muçulmanos. A razão dessa saída foi a pobreza nas áreas rurais.
- iv) O quarto período (1943-1975) foi ocasionado pela independência do Líbano e pela Segunda Guerra Mundial, quando os problemas econômicos foram intensificados. A partir de 1960, as regiões do golfo passaram a ser uma opção, além dos destinos citados anteriormente (África do Norte, Austrália e Brasil).
- v) A substituição do poder do Estado pelas milícias, guerra civil, insegurança, invasões de sírios e israelenses assinalaram o quinto período (1975-1990).
- vi) O sexto período (a partir de 1990) foi uma manutenção do fluxo emigratório, ainda ocasionado por falta de emprego e dificuldades econômicas.

Já Gattaz (2012) divide o processo emigratório em quatro momentos:

- a) O primeiro momento ocorreu entre 1880 e 1920 e é caracterizado pela saída dos cristãos pertencentes majoritariamente à população rural, na tentativa de escapar do domínio otomano;
- b) A segunda fase refere-se ao período entre guerras 1920 e 1940, quando, em busca de melhores condições de vida, vieram cristãos e muçulmanos;
- c) A terceira fase ocorreu entre 1940 e 1975, período em que a crise financeira pós Segunda Guerra Mundial, bem como os conflitos internos, motivaram a migração, embora o Líbano já fosse um país independente;
- d) Enfim, a quarta fase começa a partir de 1975 e prolonga-se até o início do século XXI, estando essa etapa ligada à Guerra Civil no Líbano. Observa-se que, nessa última etapa, a maioria dos imigrantes são muçulmanos sunitas e xiitas.

De acordo com o IBGE (2010) em seu panorama sobre o processo de ocupação do território brasileiro, a viagem para a América tinha como principal ponto de partida o porto de Beirute. O destino pretendido era os Estados Unidos, embora muitos imigrantes árabes acabassem vindo para o Brasil ou Argentina enganados pelas companhias de navegação. Enfim, explicavam, “tudo era América”.

Com o aprimoramento dos transportes marítimos e terrestres, a presença de emigrantes árabes alcançou outras áreas geográficas. Assim, grande parte dos imigrantes sírios e libaneses que se dirigiam à América do Norte, mais especificamente aos Estados Unidos, ao se depararem com restrições governamentais e normas mais rígidas, para não voltar ao país de origem, preferiam seguir destino para a América do Sul, haja vista não haver grandes restrições (TRUZZI, 2005; SOUZA, 2008).

Segundo Knowlton (1960) os agentes de passagens, de fato, contribuíram para impulsionar a emigração, instigando sobre as oportunidades que o exterior oferecia. Não obstante, o autor concorda que o que contribuiu para a imigração em massa de imigrantes sírios e libaneses para o Brasil foram as rígidas restrições impostas pelos EUA para aceitarem os imigrantes. Outro aspecto apontado é a recepção e apoio esperado dos seus parentes já instalados no Brasil. Além do mais, acreditavam que o país oferecia maiores oportunidades econômicas do que outros.

A presença da cultura árabe na América do Sul precede a imigração instaurada ao final do século XIX. De acordo com Truzzi (2007), as influências árabes no Brasil expressas no

idioma, na culinária, na arquitetura, na música, nas técnicas agrícolas de cultivo e de irrigação, na farmacologia e na medicina, foram introduzidas antes mesmo do processo de imigração, estando presentes no princípio da colonização portuguesa, visto que a Península Ibérica foi dominada pelos árabes durante quase oito séculos. Vale lembrar que a América do Sul foi colonizada por Espanha e Portugal.

Segundo Missaoui (2015), a presença árabe na América Latina remonta à chegada dos Espanhóis, sendo a partir do século XIX que desembarcaram grande número de imigrantes árabes majoritariamente formado por sírios, libaneses e palestinos. El-Moor (2011) aborda que, no período das grandes navegações, boa parte da cultura árabe fora introduzida pelos espanhóis e portugueses na América do Sul e que, ainda hoje, pode ser observada no nosso cotidiano. Na arquitetura, a grande contribuição da cultura árabe foi trazida pelos ibéricos, os quais usavam azulejos decorativos, chafariz, pátios com flores diversas e detalhes arabescos.

Conforme Portugal (2011), os árabes deixaram marcas na civilização europeia, na economia, na sociedade e na cultura, devido sua longa presença na Península Ibérica, bem como a tolerância que tinham com os povos dominados. Ao longo do período da dominação, os árabes não incitavam sua cultura e religião. Quando isso ocorreu, foi de forma natural devido ao longo convívio. Diante disso, o vocabulário espanhol e português foi enriquecido por diversas palavras e expressões. Além disso, referente ao conhecimento científico, suas principais contribuições estavam relacionadas à matemática, à astronomia, à náutica e à historiografia. Por fim, vale ressaltar a introdução de novas técnicas agrícolas de irrigação e novas culturas, como a laranja, amêndoa e tantas outras de extrema importância para economia europeia.

Da mesma forma, Faulstich e Carvalho (2006) apontam aspectos da língua árabe presentes na língua portuguesa trazidos pelos ibéricos: vocabulários de natureza político-social, alcaide, alferes, almoxarife, alfândega etc., vocabulário de ciências como algarismo, álgebra, nadir, cifra, etc.; vocabulário de agricultura como açafraão, alecrim, alfazema, algodão etc.; vocabulário comum como alcova, argola, alicate, alfaiate etc.

Conforme Lapuente (2012), a culinária árabe teve grande influência no Brasil Colônia, permanecendo ainda nos dias atuais. Como uma das contribuições dos hábitos alimentares árabes introduzidos na pirâmide alimentar brasileira, ressalta-se o gosto pelas comidas oleosas, gordas, açucaradas, com diversas especiarias como canela e tantas outras.

Nessa perspectiva, Patricia El Moor elenca que:

Ao se fixarem em um país fortemente influenciado pela cultura ibérica – e, conseqüentemente, moura, haja vista que muçulmanos da Península Arábica e do Norte da África estiveram na região hoje conhecida como Portugal e Espanha por

aproximadamente 8 séculos, tais imigrantes não somente reconheceram traços de sua própria cultura em nossa sociedade, como também não foram tratados como completos estranhos. Em outras palavras, a presença árabe no Brasil antecedeu a chegada dos próprios imigrantes e, possivelmente contribuiu para evitar um choque cultural quando da sua chegada (EL MOOR, 2011, p. 2).

Segundo ressalta Hadjab (2014), o número de imigrantes árabes no Brasil era superior aos demais países latino-americanos, haja vista que em 1926 existiam 162 mil árabes morando no Brasil, enquanto que na Venezuela e na Colômbia havia pouco mais de três mil em cada país. Já na Argentina, esse quantitativo chegou a 64 mil em 1914.

**Quadro 3:** Distribuição dos imigrantes libaneses e descendentes em 1970

Países e regiões	Imigrantes libaneses e descendentes
Brasil:	2.000.000
Estados Unidos	1.330.000
Argentina	400.000
México	87.000
Canadá	70.000
Ásia	70.000
Austrália	60.000
América Central	40.000
Chile	40.000
Venezuela	40.000
Europa	25.000
Kuwait	25.000
Total	4.420.000

Fonte: Lamothe (1975 apud Gattaz, 2012, p. 79), adaptado pela autora.

Portanto, percebe-se a presença direta e indireta da cultura árabe na América Latina e no Brasil. A seguir, vamos nos deter mais especificamente nos fluxos migratórios dos povos árabes para o Brasil, no intuito de fazer uma breve caracterização histórica dos principais focos receptores e sua contribuição histórica, social e econômica.

### **2.3 Migrações árabes no Brasil: uma síntese histórico-cultural e suas contribuições econômicas**

A imigração árabe para o Brasil foi diferente das outras etnias provenientes da Europa Ocidental e da imigração japonesa, posteriormente, que vinham em grandes grupos e predestinados a trabalhar em determinadas fazendas ou fábricas, além de contar com o apoio

governamental. Os árabes, geralmente, eram jovens e a decisão de emigrar era tomada individualmente, ainda que apoiada por uma base familiar (TRUZZI, 1997).

Vale ressaltar a participação que as mulheres árabes tiveram no processo imigratório. Tanto casadas como viúvas, algumas mulheres acompanhavam o marido e outras “invertiam o papel”, deixando o marido na propriedade rural com os filhos, em busca de melhores condições de vida. Hajjar (1985, p. 95) afirma que “houve mulheres que se tornaram célebres na arte de mascatear, acumulando fortunas valiosas”.

Hajjar (1985) divide a história da imigração árabe no Brasil em duas etapas, cada etapa engloba três levas distintas, em que cada uma está associada a fatores históricos da terra de origem.

### 2.3.1 Primeira etapa

A primeira iniciou-se em 1860 terminou em 1938. Nessa etapa identificam-se 3 levas migratórias. Suas principais características são: i) presença do domínio otomano; ii) imigração majoritariamente de cristãos, especificamente no Líbano; iii) Ausência de proteção e orientação do Estado; iv) Ausência de embaixadas árabes; e, v) Foram denominados turcos.

Milhares de sírios e libaneses imigraram para o Brasil a partir das últimas décadas do século XIX. Nesse período, a região da Grande Síria que, atualmente, corresponde aos estados da Síria e do Líbano, ainda estava sob domínio dos turcos otomanos. Essa dominação durou cerca de quatro séculos, desde 1516 até a queda do império, ao final da Primeira Guerra Mundial em 1918 (TRUZZI, 2005). Sendo assim, os imigrantes árabes do Brasil são oriundos da Síria, Líbano e Palestina (HAJJAR, 1985).

Há séculos dominados pelo Império Turco-Otomano, cujos membros de fé islâmica perseguiram de forma violenta as comunidades cristãs árabes, a emigração, iniciada no final do século XIX, era uma alternativa para escapar da violência. Contudo, por ainda não terem conquistado a sua independência, o Líbano e a Síria não tinham condições de emitir passaportes próprios, sendo obrigados a emití-los como se pertencentes ao Império Otomano, motivo pelo qual, até os dias de hoje, os árabes, mais especificamente os libaneses e sírios, são chamados de turcos, conotação considerada pejorativa tanto por aqueles que a emitiam, quanto pelos imigrantes, que não a aceitavam.

Após a Primeira Guerra Mundial, o território do Império Otomano foi desmembrado. A República da Turquia foi fundada em 1923 e, por meio de tratados como *Sevrese Lausanne*, as fronteiras daquela região foram redirecionadas. Não obstante, vários países árabes que

obtiveram sua independência naquela ocasião, logo em seguida tornaram-se colônias de países europeus (HADJAB, 2014).

Após a destituição dos turcos na primeira Guerra Mundial (1914-1918), a França assumiu o domínio político da região sob um regime protetorado<sup>22</sup>. No período da Primeira Guerra Mundial, a emigração de Sírios e Libaneses foi suspensa. Ao terminar a guerra, quando souberam que a independência seria negada, retomaram a emigração em grandes levas. O século XIX, tanto na Síria como no Líbano, foi de miséria e recessão econômica, além de extorsão de impostos, doenças, pestes e desgoverno (TRUZZI, 2005, KNOWLTON 1960).

Souza (2009, p. 1903) considera que:

Quando iniciou a Primeira Guerra, 1914, nacionalistas árabes aliaram-se a França e Inglaterra contra os turcos na luta por independência em relação ao Império Otomano, porém os franceses e ingleses secretamente fizeram o acordo de Sykes-Picot em 1916 no qual dividiram o Oriente Médio em protetorados: à França coube a Síria e o Líbano, à Inglaterra a região da Palestina e o Iraque. Neste período muitos árabes, envolvidos nas lutas nacionalistas, emigraram devido às perseguições políticas e militares turcas.

Dessa forma, dado que o Líbano, nesse período, era povoado majoritariamente por cristãos maronitas<sup>23</sup>, gerou-se certa autonomia em comparação com a Síria, onde os muçulmanos predominavam. A Independência do Líbano ocorreu em 1943 e da Síria em 1945.

Segundo Souza (2008), na região da Grande Síria predominava uma economia de subsistência até a primeira metade do século XIX, em que as comunidades rurais eram pobres e sem condições de ascensão social. O crescimento das cidades afligiu a produção de subsistência, passando para a agricultura comercial. A rede de transporte era precária, o que dificultava a integração territorial e, conseqüentemente, as comunidades eram obrigadas a serem autossuficientes. Posteriormente, com o aperfeiçoamento dos transportes marítimos e terrestres, o mercado de bens manufaturados da Europa começou a integrar-se ao mercado da região da Grande Síria, afetando a indústria têxtil local. Esse setor de cunho doméstico não sobreviveu à competição com produtos importados (TRUZZI, 1997).

Portanto, admitem-se duas causas principais que desencadearam a imigração árabe para o Brasil: i) a política-religiosa quando a região da Grande Síria esteve sob dominação do Império do Otomano, durante o período de 1880-1920 (ressalta-se que, sob o jugo dos turcos, o cidadão árabe negava-se a servir ao exército otomano e os árabes cristãos sofriam perseguição religiosa); e ii) fator econômico-demográfico que, conforme Truzzi (2005), é a dissociação da

---

<sup>22</sup>Território ou país que, no direito internacional, possui certos atributos de Estado independente, porém em sob outros aspectos, está subordinado a uma potência que decide sua política externa e tem obrigação de o proteger (TRUZZI, 2005, p. 94).

<sup>23</sup> Os pioneiros da imigração árabe para o Brasil foram compostos por maronitas (HAJJAR, 1985).

economia de subsistência acompanhada pelo crescimento populacional, não sendo mais possível integrar seus filhos e respectivas famílias às propriedades rurais.

Ao contrário do senso comum (de que negociar está no sangue dos árabes), a maior parte dos árabes que vieram para o Brasil tratava-se de pequenos agricultores. O que pode estar associado a essa ideia é que os imigrantes árabes, mais especificamente os sírios e libaneses, são descendentes dos fenícios, povo historicamente voltado às atividades comerciais, e tornaram-se pequenos comerciantes desde a sua chegada, na condição de “mascates”. Contudo, além de terem pouco recurso financeiro, essa opção está relacionada às oportunidades que encontraram ao chegar no Brasil: uma sociedade muito estratificada, grandes latifundiários e colonos que trabalhavam na produção de café. Dessa forma, por terem maior autonomia nesse tipo de atividade econômica, muitos prosperaram em meio a uma sociedade ainda em formação, com núcleos habitacionais distantes das grandes metrópoles, carentes de mercadorias como roupas, tecidos e utensílios em geral. Ademais, isso possibilitou uma participação crescente no comércio e no fomento das regiões onde se instalavam (TRUZZI, 1997).

Hajjar (1985) acrescenta as particularidades para que esses imigrantes evitassem a agricultura no Brasil:

- a) Os produtos produzidos no Brasil eram muito estranhos aos árabes, além de ter um sistema de produção baseado na monocultura fundiária voltado à produção basicamente de café, açúcar e algodão. Os árabes produziam cereais, frutas, oliveiras, vinhos, e criavam gado em pequenas propriedades familiares.
- b) A falta de recursos financeiros para aquisição terras e os baixos salários ofertados para trabalharem nas fazendas fizeram com que os árabes buscassem outra opção de trabalho. Além do mais, enquanto mascateavam pela zona rural, deparavam-se com intensa pobreza da população rural (situação na qual viviam no país de origem).
- c) Os árabes imigravam com o objetivo de acumular capital da forma mais rápida possível para poderem voltar à terra de origem. Sendo assim, mascatear enquadrava-se entre as melhores opções disponíveis.
- d) Considerando a imigração dos armênios e judeus, os quais conseguiram prosperar rapidamente através do comércio, somada à experiência na agricultura na terra natal, os árabes já tinham pré-disposição para trabalhar como mascates.

Os imigrantes árabes desembarcavam na região sudeste principalmente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. No período de 1871 e 1942 entraram no Brasil um total de 106.184

imigrantes provenientes da Síria, Líbano, Armênia, Palestina, Egito, Marrocos e Argélia, embora a maioria eram sírios e libaneses (HAJJAR, 1985; KNOWLTON, 1961). A esse respeito knowlton (1960) aborda que:

**Saber precisamente como se deu a imigração sírio e libanesa para o Brasil é uma tarefa difícil**, uma vez que as autoridades brasileiras não mantinham estatísticas precisas, **tampouco uma definição exata sobre o conceito de imigrante**. Até 1934, imigrante era todo estrangeiro que desembarcasse em portos brasileiros, vindos de terceira classe, pois os passageiros de primeira e segunda classe **eram considerados turistas e visitantes** (KNOWLTON, 1960, p. 35, grifo nosso).

Em suma, os primeiros imigrantes árabes desembarcaram em sua grande maioria no Porto de Santos no estado de São Paulo e no Rio de Janeiro, e posteriormente foram se dispersando por todo o território brasileiro em busca de oportunidades econômicas. Portanto a partir de 1860, os estudos sobre a imigração árabe abordam datas aproximadas, iniciando em 1880 tendo 3 focos principais: Amazonas, São Paulo e Rio de Janeiro. Contudo, somente com o censo de 1920 e 1940 foi possível obter dados mais precisos sobre a distribuição dos sírios e libaneses no Brasil.

O primeiro e mais importante fator de atração enquanto centro receptor foi a Amazônia, em virtude da prosperidade da borracha. Os sírios e libaneses não estavam interessados apenas na borracha, mas também em vender suas mercadorias. A colônia concentrou-se em Manaus nas proximidades da Igreja Nossa Senhora dos Remédios, em Belém, onde os mascates iam negociando com os habitantes com o auxílio de pequenas embarcações.

Nessas condições, subiam os rios iniciando um comércio arriscado pois era considerado ilegal pelos donos de seringais, que almejavam o monopólio e controle da produção de borracha. Dessa forma, vendiam suas mercadorias a prazo<sup>24</sup> para o “seringueiro” em lugares específicos, longe do porto oficial do seringal, ou seja, escondidos dos proprietários, visto que o pagamento ocorria na forma de escambo. Em outras palavras, eles recebiam borracha por troca das mercadorias, na maioria das vezes. Portanto, do Acre ao Pará, os sírios e libaneses expandiram o comércio, instalando-se em várias cidades desses Estados. Após a Primeira Guerra Mundial, o declínio do ciclo da borracha fez com que muitos migrassem em direção a outros estados.

Conforme Knowlton (1960), o comércio da bacia amazônica concentrou-se nas mãos dos sírios e libaneses. Isso propiciou o enriquecimento desses mascates que, posteriormente, deslocaram-se para os estados do Rio de Janeiro e São Paulo e Minas Gerais.

---

<sup>24</sup>Cabe ressaltar que a venda a prazo ou em prestações foi a grande contribuição dos árabes para a economia brasileira, ainda que, de certa forma, era considerado pejorativo, chamando os imigrantes de turco de prestação.



A cidade de São Paulo recebeu o segundo foco dos imigrantes. Convém destacar que a lavoura do café e a rede de ferrovias em plena expansão atraíram imigrantes de diversas nacionalidades. Os mascates sírios e libaneses percorriam todo o interior do estado de São Paulo procurando lugares favoráveis para abrir suas lojas.

A imigração dos sírios e libaneses em São Paulo iniciou-se aproximadamente em 1880. No entanto, existem diversos relatos de imigrantes de que já havia uma pequena colônia em 1885, quando mascateavam na praça do mercado municipal, no cruzamento das ruas 25 de Março e General Carneiro. Os imigrantes árabes fixaram-se nessa área comercial apesar das condições adversas, incluindo elevado grau de pobreza e desorganização. Não obstante, os aluguéis eram mais baratos e a Rua 25 de Março era próxima à estação ferroviária, tendo uma localização estratégica e, portanto, privilegiada, pois era a passagem obrigatória entre os dois polos (HAJJAR, 1985; KNOWLTON, 1960).

Conforme Hajjar (1985), a fixação dos árabes nessa área fez com que o comércio varejista e atacadista se desenvolvesse, tornando a Rua 25 de Março o maior centro comercial do Brasil e, de 1920 a 1930, o maior da América Latina. Segundo Knowlton (1960, p. 117):

A invasão da rua 25 de Março pelos sírios e libaneses prosseguiu. O número de companhias sírias e libanesas inscritas nos almanaques<sup>25</sup> aumentou das seis mencionadas em 1895 para bem mais de 500 em 1901. Haviam-se espalhado pela rua 25 de Março desde o mercado para além da ladeira de Porto Geral e rua General Carneiro em direção a colina central e rua Cav. Basílio. Nesta altura, uns certos números de famílias mais ricas alugaram, ou compraram prédios na rua Florêncio de Abreu e entraram no comércio atacadistas de tecidos [...] a rua 25 de Março estava se tornando conhecida como a colônia sírio e libanesa.

Conforme Cabreira (2001), a ocupação da imigração árabe em São Paulo na área da Várzea do Carmo e em suas redondezas era tão expressiva que foi considerada até a década de 1980 como ‘rua dos turcos’.

Em relação a participação dos imigrantes árabes na indústria, os dados fornecidos pelo Censo Industrial de 1920 indica 91 firmas dos imigrantes sírios e libaneses, em maior número 73 firmas dedicavam-se a confecção de calçados, malharias, meias e camisetas; outras dedicavam-se a fabricação de perfumes, produtos alimentícios; outros 2 trabalhavam em tecelagem e fiação e apenas 1 dedicava-se a cultura, fiação e tecelagem de seda natural. Já o almanaque de 1930 indica que os sírios e libaneses possuíam 468 dos 800 estabelecimentos de fazendas e confecções, 6 das 10 fabricas de camisas, 22 das 96 fabricas de meias e malharias,

---

<sup>25</sup>O almanaque enumera os principais estabelecimentos comerciais de cada um dos municípios de São Paulo.

14 das 48 fabricas de chapéus, 3 únicas fabricas de gravatas e 67 mercearias (KNOWLTON, 1961).

A cidade do Rio de Janeiro foi outro foco importante de concentração dos sírios e libaneses, que se concentraram nas ruas da Alfândega, Senhor dos Passos e Buenos Aires, trabalhando ainda como mascates (TRUZZI, 2005). Cabe ressaltar a contribuição cultural em termos religiosos que os imigrantes libaneses maronitas inseriram na sociedade brasileira ao longo das últimas décadas. Isso pode ser observado especificamente na região central do Rio de Janeiro, onde essa influência resultou na modificação da igreja de São Gonçalo Garcia, construída em 1785, proveniente do catolicismo português. No entanto, a paróquia aderiu à irmandade de São Jorge, santo nascido na Capadócia. O culto a esse santo ficou mais conhecido que o próprio São Gonçalo e, atualmente, em diversas lojas, é notável a devoção a São Jorge diante da sua imagem em quadros decorativos.

No Estado de Minas Gerais, o que atraiu os imigrantes foram as minas e as zonas agrícolas, que estavam em vias de expansão. A participação desses imigrantes foi, basicamente, no comércio e na indústria, pois comandavam o mais importante comércio a varejo do estado. Isso possibilitou que muitos acumulassem capital e reinvestissem na compra de fazendas e máquinas de beneficiar algodão, o que acabou criando um ciclo virtuoso.

Para Hajjar (1985), o ciclo dos minerais desenvolveu-se na região centro sul (Minas, Goiás e Mato Grosso) onde, diferentemente das demais regiões, os imigrantes de diversas etnias foram atraídos pelo ouro e pelas pedras preciosas. Assim:

Em 27 de junho de 1980 foi inaugurada a estação de Barbacena da Estrada de Ferro D. Pedro II, hoje Central Brasil. A imigração árabe estava começando a se processar e os resquícios do mito das Minas Gerais e do sertão do Planalto Central, ainda presentes na memória tanto do povo europeu quando o brasileiro, fez com que grande número dessa nova imigração se deslocasse para o Planalto Central e lá se improvisasse enquanto comerciante, hoteleiro, mascate ou como padeiro. A partir desse período **a região central passou a ter a presença do imigrante árabe na criação do gado, na agricultura, no comércio de cereais, nas produções de laticínios em geral ou mesmo no comércio de metais preciosos.** Não se conhece uma única cidade do Planalto Central onde a presença árabe não esteja registrada. **A sua presença maciça se encontra nos grandes núcleos como Uberlândia, Uberaba, Ituiutaba, Anápolis, Araguari, Araxá, Belo Horizonte, Campo Grande, Cuiabá e outras tantas cidades** que participaram enquanto fundadores, a exemplo de Goiânia e Brasília (HAJJAR, 1985, p. 33, grifo nosso).

Referente à região Centro-Oeste, Gattaz (2012) aborda que a imigração árabe começou em 1894, quando os imigrantes fixaram-se na cidade de Cuiabá e Corumbá. Nesses locais, os imigrantes dedicaram-se a realizar diversas atividades como o comércio (atacado, varejo e ambulante), o garimpo e o transporte fluvial.

A respeito da imigração árabe no antigo Mato Grosso, Oliveira (2010, p. 55) afirma que:

De acordo com as fichas de filiação ao Clube Libanês, constatou-se que a maioria dos imigrantes que chegaram ao antigo estado de Mato Grosso, aproximadamente 80%, veio da região de Zahle, estabelecendo-se, primeiramente, na cidade portuária de Corumbá. Posteriormente, em decorrência, principalmente, da construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, inaugurada em 1914, esses imigrantes se fixaram, maciçamente, em Campo Grande. Ressalte-se, entretanto, que há registro de libaneses nessa cidade desde 1906. A preferência pelos municípios de Corumbá, Dourados e Campo Grande relacionava-se com a possibilidade de desenvolvimento comercial dessas cidades. Os sírios e libaneses se instalavam em locais onde surgiriam vilas e cidades em decorrência de uma estratégia geo-política do Governo Federal, que objetivava povoar a região centro-oeste do país. Instalaram-se no comércio quando as vilas começaram a contar com um mercado consumidor que permitia a proliferação do pequeno comércio, como armazéns de secos e molhados, vendas de tecidos, armarinhos e bares.

Assim, a colônia libanesa distribuía-se ao longo do território nacional, o que reforça a tese quanto à contribuição desses imigrantes para o desempenho de diversos setores da economia brasileira, bem como para o crescimento das cidades. Segundo Hajjar (1985, p. 145) “a contribuição do imigrante árabe na lavoura de café, na exploração da borracha e na mineração foi indireta, trazendo conforto e alegria, exuberância e principalmente o contato com a grande cidade a que os moradores do sertão e das fazendas não tinham acesso”. Além disso, a autora argumenta que esses moradores esperavam o mascate, que ia distribuindo a produção manufaturada ou importadas adquiridas nas grandes capitais brasileiras por todo o sertão e povoados distribuídos ao longo do território brasileiro.

Na região Sul, conforme Truzzi (2005), mais especificamente no Rio grande do Sul, os primeiros imigrantes árabes chegaram em torno de 1880. Alguns desembarcavam em Montevideu no Uruguai e entravam no Brasil pela cidade fronteiriça de Jaguarão. Em Porto Alegre, a colônia tinha como ruas preferidas a General Andrade Neves e Voluntários da Pátria pela localização estratégica para o comércio, bem como para moradia.

Em Pelotas, o autor ressalta a grande contribuição e importância do libanês Felipe Mechereffe nessa trajetória de expansão e inserção de seus conterrâneos ou *patrícios* no comércio no estado do Rio Grande do Sul e ao longo da fronteira sul. Ele chegava a acolher em sua casa cerca de 40 mascates, repassava mercadorias e todos os aspectos e informações necessárias para a inserção desses atores no comércio local, o que acabava criando relações sociais, dotadas de confiança e cooperação.

A figura 5, sintetiza esses movimentos migratórios. Evidencia-se que o estado de São Paulo concentrou a maior parte dos imigrantes sírios e libaneses no ano de 1920, havendo redução para o ano de 1940.

De acordo com Nunes (1996, p. 179):

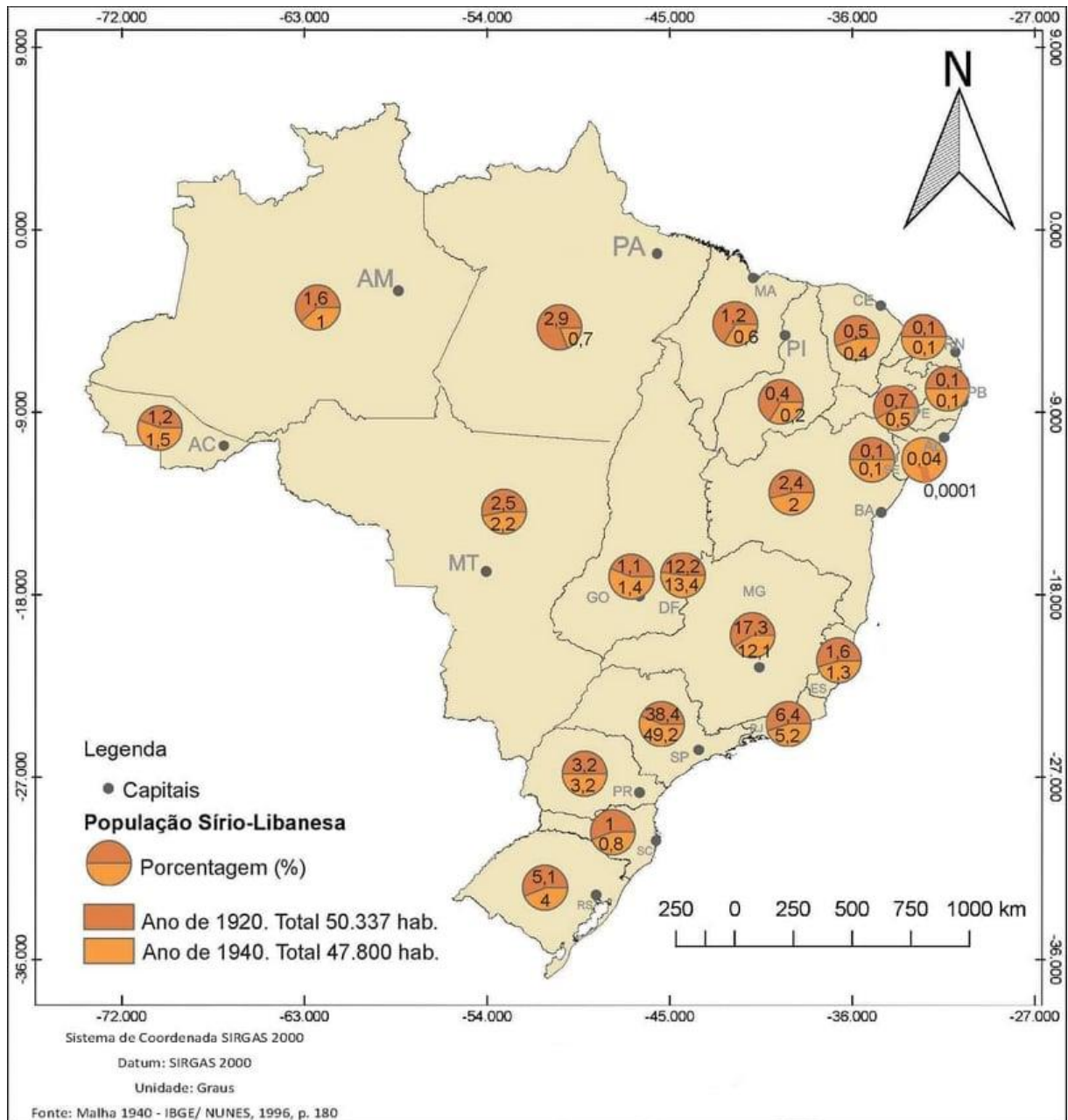
Os Estados que mais receberam imigrantes foram São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal e Rio de Janeiro, confirmando a tendência desse grupo em instalar-se em grandes centros comerciais e industriais. Entretanto, percebe-se também uma ocupação espacial por esse grupo étnico pelo interior do Brasil. Estados como Piauí, Sergipe, Maranhão, Rio Grande do Norte, Ceará, embora fossem economicamente menos favorecidos, atraíram colônias de sírios e libaneses, constituindo, atualmente, importantes grupos comerciais.

De acordo com a figura 5, a distribuição de sírios e libaneses no Brasil no ano de 1920 foi registrado um total de 50.337 imigrantes árabes, já em 1940 o número registrado foi de 47.800 evidenciando uma redução ao longo desses 20 anos. No entanto, é perceptível que esses imigrantes se dispersaram por todo território brasileiro. São Paulo foi o estado que mais recebeu imigrantes árabes, em 1920 detinha 38,4% do total e em 1940 49,2%, seguido de Minas Gerais, Distrito Federal e Rio de Janeiro, dado que esses eram o grande centro comercial e industrial do país.

Na região Norte o Pará foi o Estado que mais recebeu imigrantes árabes em 1920 correspondendo a 2,9 % do total, seguido do Amazonas e Acre. No Nordeste foram registrados um percentual menor, apesar de ser uma região economicamente menos favorecida atraíram também os imigrantes árabes.

Na região Centro-Oeste o Antigo Estado de Mato Grosso detinha 2,5% do total dos imigrantes, no Distrito Federal em 1920 apresentou 12,2 % do total dos imigrantes árabes e em 1940 correspondeu a 13,4%. Na região Sul o Estado que mais recebeu imigrantes árabes foi o Rio Grande do Sul com 5,1% em 1920 e em 1940 correspondia a 4% do total.

**Figura 5** - Mapa de distribuição dos sírios e libaneses no Brasil no período de 1920-1940



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do IBGE/Nunes (1996, p. 180).

No período de 1920 a 1929, foi um momento em que muitos comerciantes árabes prosperaram pelo interior do Brasil. Knowlton (1960, p. 67) aponta que, além das oportunidades econômicas que a cidade de São Paulo oferecia, os imigrantes árabes “queriam participar da vida social e cultural da colônia [...] muitos vieram para educar seus filhos”.

Gattaz (2012) enfatiza que os sírios e libaneses, comparados aos oito principais grupos de imigrantes que o Brasil recebeu, são os que retratam a maior distribuição nas cinco regiões brasileiras, justificando a expressão: “Em toda cidade do Brasil tem uma lojinha de turco”. O quadro a seguir exemplifica isso para a cidade de São Paulo.

**Quadro 4** - Firmas sírias e libanesas segundo o tipo de comércio ou indústria, cidade de São Paulo, 1907.

Negócios	Número de firmas
Lojas de tecidos a varejo	82
Lojas de tecidos por atacado	11
Lojas de tecidos e armarinhos	137
Mercearias	22
Bazares	30
Lojas de confecções	5
Lojas de calçados e artefatos de couro	6
Açougue	3
Barbearias	2
Casas de Cigarros	2
Restaurantes	1
Bares	5
Alfaiatarias	5
Fabricas de camisas	1
Fabricas de carroças	1
Instrumentos de gravação	1
Fábricas de meias	1
Total	315

Fonte: Knowlton (1960, p. 144).

Deste modo, compreende-se que a imigração árabe está relacionada a fatores históricos, políticos e religiosos. Esses imigrantes ao longo desses 78 anos se dispersaram por todo o território brasileiro em busca de melhores oportunidades comerciais. Portanto, a próxima seção apresenta a segunda etapa do processo imigratório.

### 2.3.2 Segunda etapa

A segunda etapa inicia em 1945 e continua até os dias de hoje, também compreende três levadas diversas de imigração. As principais características da segunda etapa são: i) O imigrante fala e escreve em árabe e tem fortes relações com a terra de origem; ii) são cidadãos politizados, iii) presença de consulados, embaixadas e centros culturais e iv) consideram-se árabes primeiramente e, depois, brasileiros (HAJJAR, 1985).

Em outras palavras, a partir de 1950, o Líbano e a Síria já tinham conquistado sua independência, o árabe já era idioma oficial desses países e nos passaportes dos imigrantes já

constavam a nacionalidade libanesa ou síria. Os fatores motivacionais para imigração eram de cunho econômico-demográfico e as guerras.

Conforme Gattaz (2012), nas décadas de 1950 e 1960, a intensificação do declínio econômico após a Segunda Guerra, somada à falta de perspectivas da população e desigualdade social, fez com que muitos muçulmanos (sunitas e xiitas), especificamente os do Vale do Bekaa no Líbano, emigrassem. A estratégia familiar, pensando em melhoria nas condições sociais e econômicas do restante da família que havia ficado no Líbano também explica esse movimento.

Já na década de 1970, os intensos conflitos sectários foram agravados, desencadeando a Guerra do Líbano<sup>26</sup> entre 1975 a 1990. Nesse período, 950.000 libaneses saíram de seu país. Essa emigração é caracterizada como forçada e temporário, ou seja, ela é decorrente dos atos da guerra. Outros imigrantes acabaram se estabelecendo definitivamente no Brasil por falta de perspectivas econômicas no Líbano. Nesse caso, a depressão econômica e a falta de perspectivas de ascensão social tiveram mais força para a expulsão dos libaneses do que a guerra propriamente dita (GATTAZ, 2012).

Cabe ressaltar que os muçulmanos xiitas do Sul do Líbano<sup>27</sup>, fixados principalmente na tríplice fronteira após 1980, retornaram em massa para o Líbano após Israel desocupar a faixa de segurança.

Conforme El-Moor (2011), a imigração dos palestinos teve início a partir da quinta leva migratória, que teve início antes da década de 1960. Esses imigrantes preferiam destinos diferentes. Nesse sentido, a região Sul do país apresentou-se como uma nova rota para os imigrantes, colocando Foz do Iguaçu (cidade do estado do Paraná) como o mais contemporâneo foco de atração, principalmente para os muçulmanos. Em 1970, esse movimento migratório repetiu-se, compreendendo a sexta e última leva migratória.

Conforme Montenegro (2013), na Tríplice Fronteira (Brasil-Argentina-Paraguai), mais especificamente em *Ciudad Del Este*, no Paraguai, os imigrantes árabes fazem parte das famílias pioneiras responsáveis por fundar as primeiras lojas comerciais dessa cidade. Essas famílias chegaram à fronteira no período de 1950, oriundos do Líbano e Palestina e, também,

---

<sup>26</sup>A guerra, iniciada em 1975- embora desde 1973 houvesse conflitos internos violentos [...] os anos de 1978 e 1982, entretanto, trouxeram nova dimensão a Guerra envolvendo diretamente a presença israelense e Síria no território libanês, e ao longo de toda a década de 1980 o Líbano viveu sob o signo conjunto da guerra civil e a invasão estrangeira. [...]O conflito foi a consequência de um processo contínuo de degradação da situação interna do país desde vários anos, causada pela conjunção de fatores internos e externos – os primeiros determinados pela divisão do poder, que não refletia o balanço populacional entre muçulmanos e cristãos; os segundos decorrentes do expansionismo sionista e do conflito árabe-israelense (especialmente sírio-israelense), este enquadrado no âmbito da Guerra Fria até o final da década de 1980 e da busca da hegemonia norte-americana após essa data (GATTAZ, 2012, p. 49-50).

<sup>27</sup>A Guerra Civil (1975-1990) e a ocupação de territórios do Sul do Líbano por Israel (1982-2000) impulsionaram a imigração contemporânea (MONTENEGRO, 2013).

de outros lugares da América, principalmente do Brasil e Paraguai. Essa imigração intensificou-se na década de 1980 devido ao conflito no sul do Líbano.

Destarte, de uma perspectiva geral, os imigrantes árabes, de forma singular, exerceram um papel fundamental para o avanço do comércio e da indústria no Brasil. De Norte a Sul do país, a partir da prática de mascatear, esses imigrantes acumularam capital e começaram a abrir pequenas lojas comerciais. Sobre isso, Castro (2007) aponta que na medida que os árabes acumulavam capitais, abriam pequenas lojas e chamavam amigos e parentes para trabalharem juntos, por meio de uma venda por consignação, o que indica que se criavam relações de confiança. Na medida que prosperavam no setor comercial, se dedicavam ao comércio atacadista, ofertando mercadorias para os patrícios que iam chegando, gerando assim, um círculo de relações. Formou-se, assim, a comunidade sírio-libanesa no Brasil.

O quadro 5 evidencia que a maioria dos imigrantes sírios e libaneses dedicavam-se ao comércio. Esse setor representava 39,2% das principais ocupações exercidas por esses imigrantes no Brasil em 1960.

**Quadro 5 - Principais ocupações exercidas por sírios e libaneses no Brasil em 1960**

<b>OCUPAÇÃO</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
Empresários comerciais	6180	39,2%
Vendedores de ruas	920	5,8%
Empresários industriais	720	4,6%
Atendentes de lojas e entregadores	580	3,7%
Fornecedores locais e viajantes	480	3%
Agricultores	400	2,5%
Alfaiates e costureiras	300	1,9%
Trabalhadores de enxada	280	1,8%
Corretores e agentes	280	1,8%
Hotel e donos de pensão	200	1,3%
Motoristas	160	1%
Atendentes e vigia	160	1%
Outras ocupações	5100	32%
<b>Total</b>	<b>15760</b>	<b>100%</b>

Fonte: IBGE – Censo demográfico de 1960 apud Vilela (2011, p. 161).

O quadro 6 apresenta uma breve síntese da ordem cronológica do processo migratório dos sírios e libaneses, enfatizando o período em que emigraram fatores de expulsão (saída do Líbano e da Síria), principais destinos, acontecimentos históricos, características dos imigrantes e principais regiões onde se estabeleceram no Brasil.



**Quadro 6** - Síntese da ordem cronológica do processo emigratório dos árabes e sua chegada ao Brasil

Período	Fatores de expulsão	Principais destinos	Acontecimentos históricos /período	Caraterísticas Regiões do Brasil/período
1860-1900	Consequência dos conflitos entre maronitas e drusos.	Oriente Médio, norte da África e alcançou também a América e Austrália.	Ciclo da borracha na Amazônia. <b>É assinalado o início da imigração árabe no Brasil</b>	Usavam passaportes turcos. A maioria dos imigrantes eram cristãos maronitas e católicos ortodoxos. Pretendiam acumular capital e retornar a terra de origem. 1° leva imigratória Ao Norte - ciclo da borracha. Ao planalto central- O ciclo dos minérios. Ao Sul -o ciclo do café. Foram os desbravadores das rotas descrita acima e da forma de mascatear.
1900-1914	Rejeição ao domínio turco-otomano	Estados Unidos e <b>Brasil</b>	Início da Primeira Guerra Mundial.	São chamados de Sírios por pertencerem ainda a região da Grande Síria. Início do século XX, imigrantes fixados com suas famílias, em uma realidade diferente da primeira leva: frequentando escolas, faculdades conquistando espaço diferentes. Incentivo a vinda de familiares. 2° leva imigratória Os primeiros imigrantes incentivam a vinda de familiares e de seus conterrâneos, gerando a segunda leva. Os imigrantes já fixados no Norte, na qual cada casa comercial recebia os recém-chegados incentivando ao trabalho inicial de mascate. Passavam todas as informações sobre as rotas, idioma, sobre como negociar e as mercadorias os imigrantes dedicados ao comercio atacadista forneciam mercadorias aos recém-chegados.
1920-1943	Ocorreu durante o mandato francês	América do Sul e às colônias francesas e inglesas da África do Norte.	O Líbano é colocado sob regime protetorado francês/ 1923 1939- Início da Segunda Guerra Mundial.	Essa imigração era majoritariamente analfabeta. Para ajudar os imigrantes recém-chegados, foram fundadas várias escolas, destacando-se o Colégio Sírio-libanês 3° leva imigratória Famílias inteiras vinham em busca de lar definitivo no Brasil diante das sucessivas guerras. Os árabes haviam se espalhados por quase todo território brasileiro, porém o estado de São Paulo concentrava a maioria dos imigrantes.
1943-1975	Independência do Líbano e pela Segunda Guerra Mundial, quando os	Destinos citados anteriormente e África do Norte, Austrália e Brasil	1945-Fim da Segunda Guerra Mundial. Independência do Líbano 1943.	4° leva imigratória de 1945 a 1955 Imigração dos palestinos em Corumbá no antigo Mato Grosso. A região Sul do país apresentou-se como uma nova rota para os

	problemas econômicos foram intensificados		Independência da Síria 1945.	imigrantes, colocando Foz do Iguaçu (cidade do estado do Paraná) como o mais contemporâneo foco de atração.
1975-1990	A substituição do poder do Estado pelas milícias, guerra civil, insegurança, invasões de sírios e israelenses.	O movimento migratório descrito no item anterior repetiu-se, compreendendo a sexta e última leva imigratória.	Guerra civil no Líbano e Guerra do Líbano Nas décadas de 1950 e 1960, a intensificação do declínio econômico após a Segunda Guerra, somada à falta de perspectivas da população e desigualdade social	A maioria dos imigrantes eram muçulmanos (sunitas e xiitas). Nesse período, 950.000 libaneses saíram de seu país em 15 anos. Essa emigração é caracterizada como forçada e temporária 5° e 6° leva imigratória de 1956 a 1970
<b>1990 em diante</b>	Manutenção do fluxo emigratório	-----	-----	-----

Fonte: (OSMAN, 2006; HAJJAR, 1985; TRUZZI, 1997, GATAZ, 2012), dados compilados pela autora.

### 3 ECONOMIA ÉTNICA E REDES SOCIAIS

Neste capítulo, investigaremos o entendimento sobre alguns conceitos (capital social, redes sociais e economia étnica), essenciais para a compreensão da trajetória migratória e inserção socioeconômica do grupo étnico estudado, bem como a atuação de redes familiares (ou de amigos) na conformação étnica de determinados setores econômicos.

Inicialmente, será imprescindível elucidar a teoria do capital social baseada na abordagem de redes sociais, na qual são utilizadas para explicar os fenômenos migratórios e a inserção socioeconômica de imigrantes em determinada sociedade hospedeira. A peculiaridade é que, posteriormente, esses conceitos serviram de base para a investigar seus efeitos sob a perspectiva da multiplicidade étnica e cultural da fronteira, objeto de estudo, enfatizando como o grupo étnico estudo, no caso os árabes, fixaram-se na fronteira.

Posteriormente, no intuito de compreender como determinados grupos étnicos tendem a dominar nichos de mercados específicos, apresenta-se o conceito de economia étnica, que faz parte de um conjunto de teorias denominadas, hoje, como sociologia econômica.

#### 3.1 Redes sociais e capital social no processo migratório: alguns conceitos e suas relações

Este tópico tem por objetivo de revisar sucintamente as concepções teóricas sobre o capital social e a sua relação com a teoria das redes sociais utilizadas em movimentos migratórios. Conforme Cruz e Falcão (2017), o debate inerente aos processos migratórios apresenta-se como uma tendência contemporânea muito discutida nos EUA e na Europa. Porém, ao discorrer a respeito do tema empreendedorismo étnico/imigrante, a literatura

nacional é escassa. As perspectivas da utilização do empreendedorismo étnico tendem a explicar dois mecanismos em voga: o aspecto negativo: i) “o grande movimento de refugiados sírios e africanos buscando asilo na Europa, quanto ao polêmico discurso de [...] Donald Trump enfatizando a questão mexicana nos EUA” (p. 78); sob outra perspectiva, discutem-se os aspectos positivos, o ii) “empreendedorismo na geração de renda e mobilidade social. Exemplos descritos na literatura internacional como os refugiados cubanos em Miami, dominicanos em Nova York, chineses em suas chinatowns, entre outros” (p. 79).

O processo de imigração está ligado as categorias sociais como famílias, grupos de amigos promovendo a mobilidade dos indivíduos por meio do deslocamento físico e social facilitado pelas redes sociais. Os imigrantes buscam os laços sociais com o intuito de amenizar os riscos que novas experiências podem trazer, também, utilizam esses laços para amenizar a solidão e facilitar seu convívio através de memórias afetivas. (FUSCO, 2001). O movimento migratório, geralmente, é envolvido por relações de interesse entre os imigrantes que chegam e os que já estão estabelecidos no lugar.

Conforme Carleial (2004, p. 2):

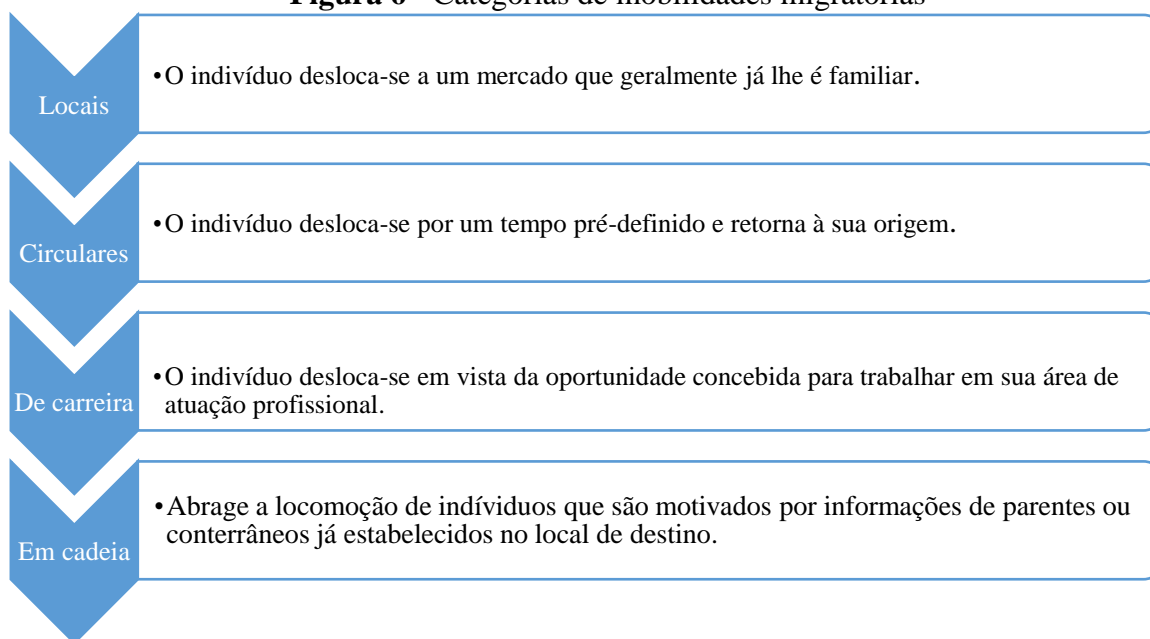
Trata-se de redes de determinado tipo de sociabilidade, de reciprocidade, que ressignificam as ações sociais, reterritorializam<sup>28</sup> os grupos sociais, rearranjam as parcerias, na passagem ou permanência do imigrante no lugar de destino, integrando-o, adaptando-o ou redefinindo sua situação.

Oswaldo Truzzi (2008) investiga a utilização do conceito de redes em processos migratórios. Conforme o autor, a perspectiva de redes sucede a noção de cadeias migratórias. Nesse contexto, o que alimenta o deslocamento de uma emigração em cadeia são as informações difundidas por parentes, conterrâneos e agentes de propagandas, entre outros. Portanto, informações e relações de interesses comuns entre os imigrantes, difundidas por meio de redes, relacionam-se, essencialmente, com vínculos de relações sociais e econômicas, as quais estimulam o indivíduo a migrar.

---

<sup>28</sup> “Mais do que a desterritorialização desenraizadora, manifesta-se um processo de reterritorialização espacialmente descontínuo e extremamente complexo” (HAESBAERT, 1994, p.214). De acordo com Guattari e Ronilk (1986, p.323 apud Haesbaert 1994 p. 127) “Simplificadamente, podemos afirmar que a desterritorialização é um movimento pelo qual se abandona o território, “é a operação da linha de fuga” e a reterritorialização é o movimento de construção do território. ”

**Figura 6 - Categorias de mobilidades migratórias**



Fonte: Tilly (1978 apud Truzzi, 2008, p. 200), adaptado pela autora.

A figura acima exemplifica os tipos de mobilidades em processos migratórios e suas principais características. Para Truzzi (2008), os imigrantes pioneiros, especificamente os bem-sucedidos, servem como um elo de atração para o estabelecimento de outros imigrantes, os quais facilitam a fixação dos demais de forma permanente, além de determinar as profissões que irão ocupar. Portanto:

O emprego dos termos cadeias e redes, em suas acepções mais restritas ou abrangentes, procura sublinhar a circunstância de que muitos decidiam emigrar após informarem-se previamente das oportunidades e (dificuldades) com imigrantes anteriores, seja por carta, seja quando retornavam. Estes podiam prover tanto informações, no tocante a perspectivas de empregos e alojamento iniciais, como recursos, por meio de remessas monetárias, que pudessem financiar e assim viabilizar a viagem (TRUZZI, 2008, p. 203).

É nesse sentido que o conceito de capital social se relaciona com o de redes. Conforme Putnam (1993), uma sociedade baseada na reciprocidade é mais eficiente do que uma sociedade que careça dela. A confiança é fundamental na vida social e redes de engajamento facilitam a ampliação de informações referentes à confiabilidade de outras pessoas. O autor ainda ressalta a importância de redes sociais densas, que são comumente apoiadas por bases familiares ou comunidades étnicas no exterior, as quais fomentam a confiança e informações, visando reduzir custos de transações.

O surgimento da teoria do Capital Social é muito remoto. No Brasil, essa concepção foi difundida com o trabalho desenvolvido por Putnam (2006) intitulado *Comunidade e*

*democracia nos governos regionais da Itália*. Para o autor, o capital social está atrelado aos aspectos essenciais de organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuem para uma sociedade mais eficiente, visto que:

[...] assim como outras formas de capital, o capital social é produtivo, possibilitando a realização de certos objetivos que seriam inalcançáveis se ele não existisse (...). Por exemplo, um grupo cujos membros demonstrem confiabilidade e que depositem ampla confiança uns nos outros é capaz de realizar muito mais do que outro grupo que careça de confiabilidade e confiança [...] (PUTNAM, 2006, p. 178).

O autor pressupõe, ainda, que o capital social tem como elemento básico a confiança. Logo, quanto mais elevado o nível de confiança em uma comunidade, maior a possibilidade de haver cooperação. Por sua vez, a própria cooperação gera confiança, provocando círculos virtuosos que se convertem em elevados níveis de cooperação, confiança, reciprocidade, civismo e bem-estar coletivo (PUTMAN, 2006). Boisier (2000) corrobora enfatizando que, substancialmente, o capital social é compreendido como a propensão que o indivíduo tem de exercer a ajuda interpessoal. Essa ajuda é baseada na confiança de que haverá reciprocidade quando o outro requerer ajuda. A confiança, portanto, gera uma reciprocidade difusa, superando os laços mais evidentes, tais como laços familiares.

Além disso, é preciso considerar que a concepção de capital social está atrelada a fatores conjuntos de ordem cultural, como confiança, cooperação e ações para o bem comum (BOISIER, 2000). Abramovay (2000) ressalta que compreender a influência do capital social sobre as dinâmicas de uma região permite visualizar que os indivíduos não agem independentemente, pois seus objetivos não são determinados de maneira isolada.

Complementando, Higgins (2005) acrescenta que as relações sociais constituem um patrimônio "não visível", mas altamente eficaz, a serviço dos sujeitos sociais, sejam esses individuais ou coletivos, sendo os motores da ação coletiva a confiança e a cooperação.

Bourdieu (1989), por outro lado, afirma que é com a quantificação do capital social de determinadas pessoas ou grupos dependerá do tamanho da extensão da rede de relações que ele pode mover e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) relacionado a cada um daqueles a quem está ligado. Ou seja, esses efeitos são visíveis a uma rede durável de relações que determinado grupo social pode gerar, dado que o capital social é complementar ao capital econômico, cultural ou simbólico, gerando um efeito multiplicador. Sendo assim, o capital social, segundo os estudiosos da sociologia, pressupõe que a dinâmica das relações de sociabilidade e de colaboração entre os atores de uma localidade oportunizam o alcance de

novas fontes de capital: a confiança mútua, as normas e as redes sociais (FIALHO, 2016). Essas fontes, dentro do contexto do desenvolvimento de uma região, podem ser algo determinante.

Nesse sentido, Truzzi (2008) argumenta, no que tange à informação, que a variável-chave para sua propagação é a contemplação por meio de redes, cujo estágio de abrangência é muito variado. Há redes que se limitam a círculos familiares (menores) e outras de maior amplitude, que perpassam informações a toda uma aldeia e/ou a toda uma microrregião. Portanto, o que determina a confiabilidade atribuída às informações são as relações sociais primárias, ou seja, a trajetória do indivíduo influencia o sistema como um todo. A confiança em informações pessoais (através de carta ou pessoalmente) é mais garantida do que as informações não pessoais.

Dessa forma, evidencia-se que as informações concedidas por familiares, amigos e demais conterrâneos devem ser dotadas de confiança para que o indivíduo tome a decisão de emigrar. Existe também um plano familiar no sentido de subsidiar as viagens:

O próprio contato no país de destino do potencial emigrante facilitava parcialmente ou mesmo financiava integralmente sua viagem. Este podia ser um parente (é muito comum, por exemplo, tios chamando sobrinhos, ou irmãos chamando irmãos) (TRUZZI, 2008, p. 203).

Ainda conforme o referido autor, isso não é uma regra, dado que é muito frequente o indivíduo viajar com recurso próprio. A decisão de mandar um ou mais membro da família à emigração tem o propósito de beneficiar a família como um todo.

Coleman (1988) utiliza a ideia de capital social como um recurso capaz de gerar benefícios e recorre a termos econômicos. Sendo assim, o capital social altera a concepção geral de capital na medida em que estende o alcance do ator social. Em outras palavras, a pessoa humana deixa de ser considerada de forma isolada e interage com a sociedade, passando a ser um construtor de laços de coesão, a partir dos quais acaba facilitando ações coordenadas a fim de lidar com dilemas coletivos (WOOLCOCK, 1998).

Portanto, o capital social é mais um componente do desenvolvimento a ser analisado com aptidão à construção de oportunidades de desenvolvimento por meio de redes sociais de negociação (RIBEIRO; FERNANDES; RIBEIRO, 2012).

Bourdieu (1989, p. 67) observa que o capital social depende da quantidade de relações na rede que ele pode mover:

O capital social é um conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados a posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos a vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades

comuns [...] mas também são unidas por ligações [...] o volume o capital social que um agente individual possui depende então da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital ( econômico, cultural, ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado.

Para Vilela (2011), as abordagens de redes sociais mostram como os imigrantes pioneiros servem de conexão para os que migram posteriormente. Essa conexão é referente às informações e recursos difundidos entre eles, tais como: ajuda financeira, oferta de trabalho, informações de como administrar os negócios, a qual é fundamental para a posição profissional que o imigrante irá ocupar. De acordo com a autora:

As redes de ajuda e de solidariedade criadas pelos imigrantes não são utilizadas apenas nas decisões de migrar e para onde migrar. Elas se mantêm em todo o processo de imigração, incluindo a inserção no mercado de trabalho, a empregabilidade e a posição ocupacional dos membros do grupo (VILELA, 2011, p. 158).

Conforme Portes (1995) apud Vilela (2011), a homogeneidade da escolha ocupacional dos membros depende do tamanho e da pluralidade das redes sociais. Isso explica porque determinadas etnias tendem a se especializar em poucos nichos de atividades econômicas e passam por diversas gerações.

Neste sentido, os primeiros imigrantes abriram caminho para seus sucessores por meio do estabelecimento de conexões no qual foi possível obter suporte financeiro, atividade remunerada e solidariedade emocional, e estes são o elo que possibilitam que mais pessoas venham se estabelecer num determinado lugar, influenciando até mesmo na profissão que será exercida (VILELA, 2011).

Uma das perspectivas teórico-metodológicas que buscam explicitar os mecanismos sociais que operacionalizam o mercado de trabalho é a que se centra na noção de redes sociais. Trabalha-se aqui com a noção específica de redes sociais enquanto um conjunto de relações que institui vínculos entre dois ou mais indivíduos, ou seja, são estruturas de relações que constituem uma das dimensões das relações sociais.

De maneira geral, uma rede é um conjunto de atores ligados por uma relação; uma rede caracteriza, assim, o sistema formado pelos vínculos *diretos* e *indiretos* (os contatos dos meus contatos) entre os atores. Por analogia, é uma forma de interação social que põe atores em contato [...] (STEINER, 2006, p. 77).

Essa estrutura de relações tem caráter processual: existem diversas trajetórias relacionais viáveis, sendo possível se estabelecer novos vínculos com outros atores no decorrer do tempo. A natureza dos laços sociais tecidos pelos indivíduos, cabe salientar, é “orientada pelos contextos sociais em que essas relações se efetuam” (SANTOS, 1991, p. 109).

Devido a isso, as combinações de relacionamentos são informadas por “sinais diacríticos”, que representam conscientizações identitárias como parentesco, pertencimento étnico, de gênero etc. Esses últimos, entretanto, não são compartimentos estanques, previamente determinados, mas formas de reconhecimento cujas normas e sentidos são constantemente ressignificados, dependendo do contexto relacional em que cada indivíduo ou grupo se insere.

O aspecto mais importante, privilegiado segundo essa perspectiva [a perspectiva de redes sociais], são as relações entre os indivíduos, e não os atributos de cada um deles. O ponto fundamental é buscar, a partir de cada indivíduo, a identificação de sua rede de relações. Assim, o conceito de redes concebe a sociedade como um conjunto de relações e introduz uma dimensão da estrutura social entendida como estrutura de relações, o que é bastante diferente de imaginá-la como estruturada segundo categorias agregativas (TRUZZI, 2008, p. 214).

A ideia marcante presente no conceito de redes sociais “é a de que a situação, e mesmo a identidade do ator, dependem de suas interações com outros atores e das interações que esses últimos mantêm com outros membros da rede” (STEINER, 2006, p. 77).

Se os mercados são constituídos por atores sociais que estabelecem interações específicas e concretas, então as posições dos indivíduos, as relações de proximidade e os vínculos sociais que possuem “personalizam” os mercados. É nesse sentido que as redes sociais se tornam teoricamente relevantes para a apreensão dos mercados enquanto estruturas sociais. As dimensões sociais das redes constituem-se em dispositivos que regulam o funcionamento de certos mercados.

Particularmente no que diz respeito aos mercados de trabalho, a consequência da introdução da noção de rede social foi a abordagem das redes de relações concretas em que cada indivíduo está imerso enquanto uma espécie de fio condutor na construção de sua trajetória ocupacional (SANTOS, 1991). Segundo tal enfoque, os laços que unem uns indivíduos a outros são fontes importantes na obtenção de recursos, informação, confiança, prestígio e rendimentos monetários, por exemplo – que estruturam a produção social de mercados de trabalho.

As redes sociais constituem uma forma de mediação social que pode ser instrumentalizada tanto por empregadores como por empregados no que toca à constituição de mercados de trabalhos, já que a inserção em determinados postos de trabalho, muitas vezes, é o resultado de recursos obtidos por intermédio de relações pessoais (STEINER, 2006).

Esse mesmo autor admite o fato de que não se deve pensar as redes sociais somente a partir de uma perspectiva que as encare como a “instrumentalização da subjetividade”, pois elas pressupõem uma abordagem relacional, isto é, o capital social referente ao posicionamento em



determinada rede social depende não somente do próprio agente, mas das ações e do reconhecimento dos outros membros dessa rede (STEINER, 2006).

Além dessa visão instrumental das redes sociais, outros autores como Granovetter (2009; 1974) e o próprio Steiner, confundem as relações sociais com as relações pessoais, o que, em termos de Teoria Social, é um grave equívoco, já que as primeiras não se resumem às relações interpessoais empiricamente observáveis. Para críticas à noção de redes presente na obra de Granovetter, ver Raud-Mattedi (2005). Outra crítica constante em relação às análises de redes reside no fato de que muitas delas não consideram que os fundamentos sociais das ações econômicas (tais como informação, confiança, prestígio etc.) podem ser obtidos não somente pelas relações informais, mas, igualmente, nos mecanismos formais sob os quais estão calcadas certas interações sociais. As redes sociais, portanto, constituem apenas um dos mecanismos sociais que atuam na construção dos mercados.

As escolhas e trajetórias de cada sujeito seriam limitadas pelo seu pertencimento a redes de relações interpessoais, que podem facilitar ou dificultar a redução dos “custos sociais” ligados à inserção em certos postos de trabalho<sup>29</sup>. Isso porque os vínculos relacionais, ao criarem certos laços de sociabilidade entre um grupo de pessoas, permitem, além de oportunidades, a circulação de formas de controle social (POWELL; SMITH-DOERR, 1994).

Analisando o desenvolvimento do conceito de capital social – esse entendido como a capacidade dos indivíduos em garantir benefícios advindos da sua localização em redes sociais – Portes (1998) destaca o fato de essa noção sugerir não somente as consequências positivas da sociabilidade, mas também o caráter normativo e excludente das redes sociais. O alcance das garantias e obrigações potenciais implícitos nas relações interpessoais depende, por seu turno, da quantidade, do conteúdo e da intensidade dos laços que ligam o conjunto delimitado de indivíduos (PORTES, 2005).

O conceito de redes sociais, portanto, aparece como uma ferramenta genuinamente sociológica para se pensar a construção dos mercados de trabalho, uma vez que os recursos relacionais seriam importantes pontos de referências para a inserção ocupacional. Oferta e demanda de mão-de-obra entrariam em contato e se concretizariam no interior das redes sociais (SANTOS, 1991). O mais importante, contudo, não seria nem tanto demarcar uma rede, mas sim demonstrar como as relações estabelecidas dentro dela disponibilizam possíveis vantagens

---

<sup>29</sup> Santos (1991) cita como “custos sociais” ligados à obtenção de empregos o acesso à informação e aqueles relacionados à distância social que separa os sujeitos envolvidos em trocas dentro do mercado de trabalho (p. 97-99).

e desvantagens, além de como fluem os recursos sociais e com quais consequências (POWELL, SMITH-DOERR, 1994; MIZRUCHI, 2009).

A relevância das redes sociais não consiste somente em influenciar o local de origem e de fixação, mas permeia as relações de trabalho seja com relação a empregabilidade quando o próprio mercado bem como a posição ocupacional dos membros do grupo. Depreende-se de Martes e Dimitri (2010) que quanto mais densa e múltipla for as redes sociais mais ampla será a homogeneidade de escolha profissional por parte dos seus membros, se especializando em poucos nichos de um setor econômico podendo transpor gerações.

O debate estabelecido por Truzzi e Sacomani Neto (2007), Vilela (2011) e Cruz et al. (2017) com relação as redes permite entender que elas são essenciais para mobilidade social, porque se apresentam num formato institucionalizado onde o interconhecimento produz benefícios econômicos e emocionais, criando confiança, esperança e reforçando ou criando normas.

Diniz et al. (2019) comentam que existem três tipos de capital, o físico, o humano e social. O físico consiste em equipamentos e máquinas. O capital humano está relacionado as habilidades e competências dos indivíduos. Por fim, o capital social que é fornecido por meio das mudanças e conexões das redes sociais, está ligado a reciprocidade e a solidariedade limitadas. O quadro a seguir demonstra os recursos que são disponibilizados pelas redes sociais.

**Quadro 7 – Recursos disponibilizados pelas redes sociais**

<b>Recursos</b>	<b>Tipo</b>	<b>Fonte</b>	<b>Principais Autores</b>
<b>Capital social</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Reciprocidade e solidariedade limitada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Laços fracos</li> <li>Laços fortes</li> <li>Laços familiares</li> </ul>	Coleman (1988), Portes e Sensenbrenner (1993), Portes e Zhou (1992), Granovetter (1973, 2005) Zhou (2004)
<b>Capital físico</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ferramentas, máquinas</li> <li>Equipamentos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Laços fracos</li> <li>Laços fortes</li> <li>Laços familiares</li> </ul>	Coleman (1988)
<b>Capital humano</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Habilidades e competências dos indivíduos, mão de obra de baixo custo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Laços fracos</li> <li>Laços fortes</li> <li>Laços familiares</li> </ul>	Coleman (1988) Sanders e Nee (1996).
<b>Rede de conselhos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Solução de problemas</li> <li>Reconhecimento de oportunidades de novos serviços, novos produtos</li> <li>Desenvolvimento de novas tecnologias</li> <li>informações legais,</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Laços fracos</li> <li>Laços fortes</li> <li>Laços familiares</li> </ul>	Arregle et al., (2015).

	acesso a recursos financeiros		
<b>Rede de recursos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Capital financeiro</li> <li>• Mão de obra</li> <li>• Matéria-prima, tecnologias</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Laços fracos</li> <li>• Laços fortes</li> <li>• Laços familiares</li> </ul>	Arregle et al. (2015)
<b>Rede de apoio emocional</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recursos psíquicos e emocionais ajudando o empreendedor a focar no crescimento dos negócios</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Laços fracos</li> <li>• Laços fortes</li> <li>• Laços familiares</li> </ul>	Arregle et al. (2015)

Fonte: Diniz et al. (2019, p. 165).

Portanto, o papel do capital social difundido através das redes sociais relaciona-se, essencialmente, com o conceito de economia étnica que faz parte de um conjunto de teorias denominadas hoje como sociologia econômica. Dessa forma, a seção seguinte busca apresentar alguns conceitos relacionados à aplicação da sociologia econômica na identificação das questões levantadas pela literatura quanto a sua definição e suas diferentes aplicações, visando uma explicação a respeito do empreendedorismo étnico e a conformação de redes de imigrantes.

### **3.2 Sociologia econômica: economias étnicas, imigração e empreendedorismo étnico**

Pode-se afirmar que o conceito de economia étnica faz parte de um conjunto de teorias e pesquisas denominadas, nos dias atuais, de sociologia econômica. Segundo Swedberg (1993), a sociologia econômica já está presente nos sociólogos clássicos – Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim. Hoje em dia, diversos autores, especialmente nos Estados Unidos da América, dedicam-se ao estudo sociológico das atividades econômicas. De um modo geral, seria correto definir a sociologia econômica como um ramo de estudos que visa estudar os fundamentos propriamente sociais dos fenômenos econômicos. Longe de ser regida somente pelos princípios da racionalidade e da impessoalidade, a economia estaria enraizada em estruturas sociais.

Dentro desse debate é que aparece a ideia de economia étnica. Basicamente, esse conceito surge para se pensar como determinados grupos de imigrantes passam a se concentrar (quando não monopolizar) em determinados segmentos econômicos da sociedade receptora. Em suma, o que está por trás da noção de economia étnica é a relação entre atividade econômica e valores culturais.

The first Handbook of Economic Sociology defined an ethnic economy as “the ethnic self-employed and employers, their unpaid family workers, and their co-ethnic employees”. A decade later, this definition of ethnic economy has become the ethnic ownership economy, itself only a coequal component of an ethnic economy, not the whole of it. As currently understood, an ethnic economy consists of two sectors: the

ethnic-controlled economy and the ethnic ownership economy. An ethnic ownership economy is still defined by business ownership. In contrast, an ethnic-controlled economy requires ethnic control, not ownership. Ethnic-controlled economies exist where and to the extent that coethnic employees “exert significant and enduring” market power over the workplace, usually because of their numbers, clustering, and organization, but also, where appropriate, because of external political or economic power (LIGHT, 1994, p. 651).

Também seria correto afirmar que o conceito de economia étnica está intrinsecamente ligado ao de redes sociais. Afinal, é através dos laços étnicos que são transmitidos informações, conhecimento, suporte financeiro e emocional, possibilitando a concentração de determinados grupos étnicos em certas atividades econômicas. No Brasil, já há estudos que exploram, especificamente no estado de São Paulo, as razões da concentração de imigrantes no comércio local.

Uma definição mais operacional do conceito de economia étnica requer defini-la como qualquer conjunto de empregadores, auto-empregados ou simplesmente empregados pertencentes a um mesmo grupo étnico ou de imigrantes. Dessa forma, toda minoria mercantil tem uma economia étnica, mas não vice-versa. Este último conceito torna-se mais operacional porque é mais abrangente, no sentido de dar conta de outros grupos não historicamente identificados como minorias mercantis e de sua utilização poder se aplicar também a sociedades capitalistas avançadas. A análise de uma economia étnica, isto é, de um ramo de negócios que opera segundo os critérios e características acima apontados, nos instrumenta a distinguir se um grupo, ao se hospedar em determinada economia, o fez majoritariamente capturando empregos já disponíveis ou criando e enxertando novas firmas e empregos na economia hospedeira (TRUZZI; SACOMANO NETO, 2007, p. 41).

Para Grun (1998), a noção de “economia étnica” é manuseada para desempenhar a criação, manutenção ou um casual desaparecimento de determinados espaços econômicos empreendidos por uma minoria “racial” em economias capitalistas, na qual são especializados em funções de intermediação comercial. A princípio, na economia ocidental pré-capitalista, esses grupos foram apresentados inerentes aos judeus e armênios. Posteriormente, ampliou-se o conceito para abranger a atuação de chineses étnicos dispersados pelas regiões que banham o Oceano Pacífico e, sucessivamente, incluiu distintas minorias étnicas ou religiosas imersas em diversas sociedades.

Esse conceito torna-se relevante ao tentar explicar dois problemas sociais contemporâneos: a necessidade de geração de mais empregos e a redução das alteridades de grupos desprivilegiados:

Fundamentalmente a ideia é que dentro desses grupos ou nos espaços da economia étnica, formados inicialmente pelos membros das “minorias intermediárias”, mas posteriormente por diversos grupos sem essa experiência prévia (p. ex: coreanos nas Américas; indianos na África Oriental) cria-se um espiral positivo de “entre-ajuda”, onde os diversos membros adotam uma atitude de cooperação a longo prazo com seus

patrícios, que parece desafiar os princípios básicos da ação racional na esfera econômica, já que opõe uma racionalidade “grupala” que prepondera face ao esperado predomínios de uma racionalidade “individual”(GRUN, 1998, p. 93).

Em suma, observa-se que os estudos sobre a sociologia econômica procuraram investigar a rede de negócios de imigrantes, ou seja, contribuem para o aprendizado sobre empreendedorismo étnico como um mecanismo entre o ambiente econômico e a sociedade.

Rodriguez e Martes (2004) comentam que o empreendedorismo étnico está fundamentado em redes e são elas que fornecem o suporte de criação e desenvolvimento desta modalidade, assim, as redes podem fomentar o capital segundo três teorias apontadas por esses autores, a primeira consiste na teoria dos laços fracos, a segunda é a teoria das falhas estruturais e a última é a teoria dos recursos sociais. As duas primeiras trabalham com a natureza e os padrões dos laços que permite conceber a coesão do grupo étnico e dos demais grupos, demonstrando a estrutura que compreende essa rede. A terceira teoria revela o conteúdo, ou seja, analisa as características dos seus membros e os tipos de recursos que eles controlam.

A economia étnica, de acordo com Truzzi e Sacomano Neto (2007), discute as relações entre empresários e etnicidade. A esse respeito, conforme os apontamentos de Gold (1989, p.41):

A literatura que versa sobre o tema inclui alguns aspectos como: “integração e cooperação étnica, fontes étnicas de capital, trabalho e informação, restrições a competição intragrupo, especialização ocupacional, concentração geográfica, solidariedade étnica e confiança em redes internacionais de base étnica.

A teoria pressupõe que as minorias intermediárias são especializadas em determinado ramo do comércio, mas que têm séculos de experiência histórica, o que justifica como determinados grupos étnicos desenvolvem habilidades em setores específicos da economia que são preservados por gerações, apontado também como um aspecto cultural (LIGHT, 1994).

Compreender o empreendedorismo étnico permite conceber as relações que existe entre a economia e a sociedade, principalmente, por permitir observar como as redes de relacionamentos e o capital social se entrelaçam fornecendo subsídio para tal desenvolvimento seja por meio da estrutura social e seus mecanismos seja pela confiança e a cooperação que os iguais encontram. Cruz et al. (2017) defende que é criado um espaço de desenvolvimento muito forte onde ocorre relevante concentração de moradia e negócios étnicos, havendo interação entre os membros de uma mesma comunidade que pode extrapolar para o exterior, ocupando parte do mercado nacional, gerando emprego formal e/ou informal, atendendo, muitas vezes, membros da comunidade a qual pertence que não teve a mesma oportunidade no país de origem.

Existem algumas características pertinentes ao empreendedorismo étnico como a solidariedade limitada ao grupo que é embasa na confiança criando uma rede protetora, que segundo Cruz et al. (2017, p.41) se manifesta da seguinte forma:

- (i) como consumidores, os indivíduos da mesma etnia favorecem os itens associados ao seu país de origem, tanto em termos da utilidade do bem como da representação simbólica – refletindo a identidade do seu povo;
- (ii) como trabalhadores, muitas vezes preferem trabalhar entre si, podendo falar sua própria língua, embora isso muitas vezes signifique receber menores salários; e
- (iii) como investidores, eles se envolvem em práticas de “transnacionalismo” ou optam por investir seu capital na própria comunidade étnica.

O empreendedorismo impacta positivamente na economia gerando renda e mobilidade social, conforme aponta Rocha-Trindade (1995, p. 212) apud Truzzi (2008):

[...] se numa determinada rede cada ator possui recursos valorizados pelos restantes atores e se cada vínculo representar a possibilidade de obter esses recursos, então a estrutura da rede representa uma estrutura de oportunidades determinante para o comportamento dos atores em presença [...]. Quer isso dizer que há um contexto macroscópico que estabelece condições estruturais, mas que no nível microscópico as decisões migratórias são influenciadas pela participação em redes sociais que proporcionam o acesso dos atores a determinados recursos, nomeadamente assistência e informação.

Neste sentido, Martes e Dimitri (2010) afirmam que as redes estimulam o empreendedorismo e a mobilidade social nas sociedades receptoras por meio da solidariedade étnica. Mas necessitam enfrentar algumas barreiras que são pontuadas por Peroni, Riilio e Sarracino (2016) como a barreira da língua, da própria raça e educacionais. Zhou (2004) elenca que os empreendedores étnicos são possuidores de negócio próprio e que estão ligados de modo comum a uma herança cultural com compartilhamento da mesma estrutura social, comportamentos semelhantes e transações econômicas pertinentes ao grupo.

A tabela a seguir contempla as principais terminologias relacionadas ao empreendedorismo de imigrantes, de acordo com Diniz et al. (2019, p. 163):

**Quadro 8** – Principais terminologias encontradas no empreendedorismo de imigrantes

<b>Termo</b>	<b>Características</b>	<b>Principais Autores</b>
<b>Empreendedorismo imigrante</b>	Normalmente faz a opção por tipos de negócios não relacionados à sua etnia e busca se dissociar e diferenciar de seu grupo étnico.	Zhou (2004); Cruz et al., (2017); Nazareno et al. (2018)
<b>Empreendedorismo étnico</b>	Identifica-se e mantém relacionamento com coétnicos, define estratégias de negócios voltadas para o público da mesma etnia voltado para o enclave.	Zhou (2004); Cruz et al. (2017); Nazareno et al. (2018).
<b>Enclave étnico</b>	Pode ser definido como o local onde membros de grupos e comunidades étnicas residem.	Zhou (2004); Sanders; Nee (1987); Nazareno et al. (2018)
<b>Minoria étnica intermediária</b>	Composta por grupos étnicos que realizam atividades econômicas e são intermediários nas negociações entre a elite e as massas do enclave. Atendem às demandas dos coétnicos que não são oferecidas pela economia tradicional.	Zhou (2004); Wilson; Portes (1980); Nazareno et al. (2018)
<b>Economia de enclave</b>	Inclui quase todos os tipos de negócios, funciona como um guarda-chuva, suas atividades econômicas influem o comércio e a produção direcionada ao mercado em geral, diversidade nos negócios e ampla variedade de atividades econômicas e não apenas nichos evitados por nativos.	Wilson; Portes (1980); Zhou (2004); Nazareno et al. (2018)
<b>Econômica étnica</b>	O conceito de economia étnica abrange empresas de minorias intermediárias, empresas de coétnicos localizadas em enclaves étnicos e empresas étnicas atuantes na econômica em geral.	Wilson; Portes (1980); Zhou (2004); Cruz et al. (2017); Nazareno et al. (2018)
<b>Solidariedade limitada</b>	A solidariedade limitada inicialmente não tem relação com questões de cunho financeiro. Trata-se de solidariedade emergida das adversidades comuns enfrentadas pelos imigrantes. Pode criar normas de apoio mútuo, princípios e comportamentos entre aquela comunidade.	Portes; Sensenbrenner (1993); Zhou (2004); Nazareno et al. (2018)

Fonte: Diniz et al. (2019, p. 163-164).

Ducci e Teixeira (2011) afirmam que a rede social é fundamental para um novo empreendimento, pois é nesta seara que encontra apoio nas relações pessoais construindo a atividade econômica no meio social em que está inserido transformando visão e planos de negócios em realidade.

Halter (2007) comenta que a taxa de empreendedorismo dos imigrantes é maior do que da população nativa, geralmente as empresas são de pequeno porte, geram empregos. Além de

o empreendedorismo ser uma alternativa viável para o êxito econômico e a etnia é um fator que facilita a vida econômica.

### **3.3. Economias étnicas: usos e suas aplicações**

A economia étnica é caracterizada por ser uma economia própria, que de acordo com Noronha (2013) pode ser um conjunto de empresas sob a posse de imigrantes ou pode empregar, significativamente, membros de um grupo étnico, independente da área de atuação, dimensão da organização e sua localização geográfica. Essa economia é delimitada pela concentração de empregados ou da propriedade das empresas por pessoas imigrantes.

Seus efeitos na economia é observado de modo divergente, podendo produzir efeito negativo com relação ao rendimento e sobre o *status* social e ocupacional, ou seja, pode ser um escape para o desemprego não resolvendo-o, afeta o capital humano porque limita a interação com outras etnias, ficando essa pessoa sem ter noção do mercado de trabalho, podendo resultar em perdas salariais. Também, pode não haver consistência nos seus efeitos, sendo que pode facilitar ou permitir que haja vantagens socioeconômicas para os imigrantes no mercado de trabalho. O resultado, também, pode ser positivo, isto é, há a possibilidade de haver ganhos superiores quando comparados com os empregados do mercado aberto convencional (VILELA, COLLARES, NORONHA, 2012).

Com relação ao enclave étnico, Cruz, Falcão e Petri (2018) o relaciona com a concentração populacional delimitada a uma etnia e com uma estrutura de moradia e estabelecimentos comerciais. A partir desses enclaves podem ser estruturados mercados de trabalho voltado para esse grupo gerando oportunidades para o progresso social, há, também, laços de solidariedade e confiança por serem culturalmente ligados. Assim, a economia étnica depende de dois fatores, a primeira é a coetnicidade tanto do empregador quanto do trabalhador e a segunda é a concentração geográfica das empresas.

Ampliando esse conceito, Noronha (2013) argumenta que economia étnica compreende todas as empresas de propriedade de imigrantes ou que tenha em seu quadro de funcionários membros da comunidade étnica, este último para ser caracterizada como tal deve ter um número significativo desta população. A interação social com outros grupos étnicos quase não existe, por isso, há dependência dos recursos e dos capitais étnicos, tornando-os, de certo modo, isolados tanto economicamente quanto socialmente.

Coleman (1988) menciona que a economia étnica pode facilitar ou pode ser um empecilho quanto a promoção da melhoria dos rendimentos dos imigrantes. Já Noronha (2013) apresenta 4 categorias de variação dessa economia, dentre elas tem-se a economia de enclave



representada pelo proprietário e pela maior parte dos funcionários pertencente ao grupo coétnico. A segunda categoria é o nicho de emprego onde o proprietário é nativo, mas a maioria dos funcionários são étnicos. O terceiro é o nicho empresarial, que difere quanto ao proprietário que é imigrante e os trabalhadores não são imigrantes. E, por fim, há os setores econômicos não étnicos onde os proprietários e trabalhadores são nacionais.

Existem algumas dimensões que fazem parte da economia étnica, dentre elas será abordada a dimensão individual. Nela o indivíduo deve ser observado como sujeito detentor de distintos capitais – humano, social e financeiro – que são influenciadores do modo estes se inserem no mercado de trabalho, como exemplo, pode-se citar as habilidades que essas pessoas apresentam são originárias do seu país, podendo haver choque cultural quando for avaliado pelos empregadores, muito deles não dominam a língua local, o quanto estão integrados ao local também é levado em consideração. Por isso, o tempo que reside no país influencia nos resultados sociais e econômicos obtidos (VILELA, COLARES, NORONHA, 2012).

Essa economia étnica para se tornar grande e lucrativa necessita que o empreendedor seja hábil entendendo o mercado, transformando a sua capacidade vislumbrando que as atividades étnicas também são objetos de desejo por parte do consumidor, seja oferecendo produtos e serviços para conterrâneos seja se apoiando em políticas governamentais direcionadas (NORONHA, 2013).

Truzzi e Sacomano Neto (2007) comentam que as minorias mercantis influenciam a econômica étnica. Essas minorias são grupos étnicos que são especializados no comércio passando de geração a geração apresentando alta taxa de auto emprego quando comparado com os nativos. Os empreendedores étnicos percebem as oportunidades e aproveita-a.

Essa economia é incentivada de três formas. A primeira consiste no uso de mão de obra coétnica por ter custo menor. A segunda ocorre quando as redes sociais fornecem informações econômicas para empreendedores étnicos e aspirantes. A terceira é quando a rede fomenta financeiramente os empreendedores por meio de ajuda mútua e assistência, incluindo empréstimos (COLEMAN, 1988).

Nesse contexto, caracterizou-se o entendimento sobre *a economia étnica*, em vista que isso auxiliará no entendimento do que a presente dissertação objetiva analisar no próximo capítulo.

## 4 A FRONTEIRA DE PONTA PORÃ (BR) E PEDRO JUAN CABALLERO (PY) E A PRESENÇA ÁRABE NO DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO FRONTEIRIÇO

Este capítulo é destinado à análise dos resultados da pesquisa de campo acerca da atuação árabe na fronteira de Ponta Porã-MS e Pedro Juan Caballero-PY. O objetivo é compreender o processo de formação dessa comunidade e, também, investigar como essa cultura influenciou, em termos econômicos, o crescimento da região, buscando identificar possíveis contribuições (passadas, atuais e futuras) para o desenvolvimento local. Ademais, busca-se verificar quais foram as atratividades da fronteira que levaram os imigrantes a escolher essa região, considerando a existência da expressiva concentração árabes no comércio local e internacional. Diante disso, através de pesquisa de campo, descreve-se o cenário que abrange o comércio fronteiriço, especificamente as lojas comerciais pertencentes a esses imigrantes (quais são, em que setores atuam e quais são os principais produtos comercializados).

Discute-se, ainda, neste capítulo, com base na metodologia da história oral de vida, a adequação da teoria de *redes sociais* e da *economia étnica* nesse processo migratório.

### 4.1 Caracterização da amostra

Ao realizar um levantamento sobre a área de atuação dos imigrantes árabes, constatou-se uma expressiva concentração no setor de serviços, com ênfase em lojas e restaurantes. O setor predominante é de eletrônicos em geral, o que inclui lojas específicas de celulares e assistência técnica, perfumes, argüiles e restaurantes que ofertam comidas típicas. Constatou-se, ainda, a presença de um açougue, *Halal*<sup>30</sup>.

A figura 7 apresenta um mapeamento das lojas comerciais dos árabes, através de pesquisa de campo. As lojas, normalmente, têm nome escrito em árabe. Todas as lojas encontram-se no centro de Pedro Juan Caballero, algumas dentro do Shopping West Garden e outras na Banca (lojas menores). O Studio Center é um shopping que corresponde, aproximadamente, a segunda maior loja de importados em geral da fronteira.

---

<sup>30</sup>“*Halal* quer dizer lícito, ou seja, tudo que é permitido aos muçulmanos e isso inclui a alimentação e tipos de carnes. A carne *halal* deve ser abatida por um muçulmano de modo específico desde a forma de golpeá-lo, acompanhada por preces pertinentes ao islamismo, o sangue do animal deve ser extraído ao máximo. São proibidos também o consumo de diversos animais como o porco, por exemplo (LIMA, 2019).

**Quadro 9 - Estabelecimentos dos comerciantes árabes em Pedro Juan Caballero-PY**

LOJA /NOME	SETOR /PRODUTOS	LOCALIZAÇÃO
ÁGUIA CENTER	Arguile, Condimentos Árabes Em Geral e Eletrônicos	CENTRO
AL TAYEB	Restaurante Árabe	CENTRO-PP
ALADDIN CELULARES	Celulares	WEST GARDEN
ALADDIN CEL	Celulares	
ALEX CENTER	Eletrônicos em geral	CENTRO
BRASIL CENTER	Eletrônicos em geral	WEST GARDEN
CELLES-1	Receptores de televisão e celulares	Centro
CELLES-2	Receptores de televisão e celulares	Centro
CENTRO CELULAR	Celular	Centro
CUIABA CENTER	Eletrônicos em geral	Centro
DAMASCO TABACARIA	Arguiles e demais insumos para seu uso.	CENTRO
DANA CELL	Celulares	WEST GARDEN
FRONTEIRA ELETRONICOS	Eletrônicos em geral	BANCA
GALAXY PLANET	Eletrônicos em geral	BANCA
GLOBOCEL	Celulares	WEST GARDEN
GOLDE CEL	Celulares	
HADI CELULAR	Celulares	
HADI CENTER-1	Eletrônicos em geral	WEST GARDEN
HADI CENTER-2	Eletrônico em geral	WEST GARDEN
HADI CENTER-3	Bolsas e carteiras	WEST GARDEN
HADI COMIDAS ÁRABES	Comidas árabes	CENTRO
HASSAN CELULAR	Celulares	--
HASSAN MUSIC	Aparelhos de Som	CENTRO
HOOKAH TABACARIA INVICTO	Arguiles e acessórios	
JASMIN CENTER	Eletrônicos em geral	CENTRO
KAMAL CELULAR	Celulares	Centro
KASSEN CELULAR	Celulares	Centro
LA SHAWARMA-LOMITO ÁRABE	Shawarma	CENTRO
LEYLA CENTER	Eletrônicos em geral	CENTRO
LOIRO TABACARIA	Insumos de arguile	Centro
MAZEN CENTER	Eletrônicos em geral	CENTRO
MOTOROLA CENTER	Eletrônicos em geral	Centro
MUNDO PIONNER-1	Eletrônicos em geral	CENTRO
MUNDO PIONNER-2	Eletrônicos em geral	CENTRO
NOKIA CENTER	Eletrônicos em geral	Centro
NORTE LÍBANO	Comidas árabes e especiarias	Centro

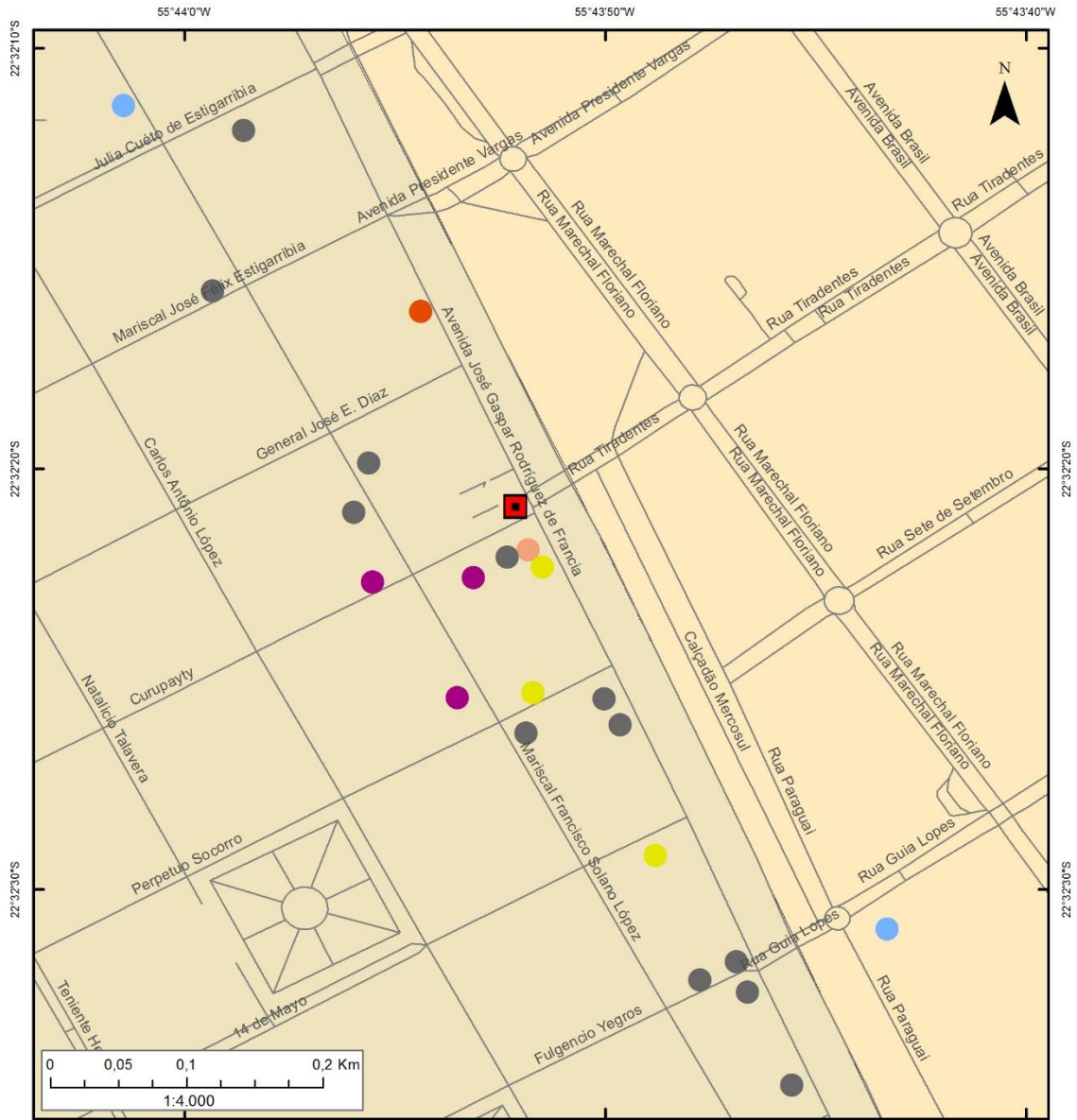
PALOMA CENTER	Cigarro	Centro
PERFUMARIA 273	Perfumes e cosméticos em geral	WEST GARDEN
PERFUMARIA CHANEL	Perfumes e cosméticos em geral	CENTRO
PERFUMARIA K.M	Perfumes	Centro
PERSONAL SISTEN	Eletrônicos em geral	Centro
PRIMAVERA CENTER	Eletrônicos em geral	Centro
Q.STORE	Roupas	WEST GARDEN
RESTAURANTE ÁRABE	Açougue <i>Halal</i> e comida árabe	Centro
SALEM IMPORTADOS	Eletrônicos em geral	CENTRO
SAMER CENTER	Eletrônicos em geral	CENTRO
SAMU CELULAR	Celulares	Banca
SANTA MARIA	Eletrônicos em geral	CENTRO
SKY PIONNER	Eletrônico em geral	CENTRO
STUDIO CENTER	Eletrônicos em geral, bebidas, roupas, perfume.	CENTRO
SUPER CENTER	Eletrônicos	CENTRO
TABACARIA HOOKAH PRICE	Arguile, fumo e demais insumos para o arguile	WEST GARDEN
WISQUERIA	Arguile, fumo e demais insumos	Centro
Total		

Fonte: Dados compilados pela autora, através de pesquisa de campo.

Em síntese, percebe-se que as áreas de atuação dos árabes na região fronteiriça estudada tendem a estratificar-se de forma interligada, ou seja, os pontos comerciais em que os novos árabes optam por atuar estão correlacionados com as experiências comerciais dos pioneiros. Outrossim, é importante ressaltar ainda que, somado a isso, o turismo de compras<sup>31</sup> é uma particularidade para a economia local. Assim, parte-se do pressuposto de que a atuação árabe no comércio fronteiriço reflete diretamente tanto em aspectos econômicos, quanto históricos e culturais na fronteira em análise.

<sup>31</sup> De acordo com Moletta e Goidanich (2003 apud Martins 2007, p. 51) “o turismo de compras ocorre propositalmente nas localidades que pretendem consolidá-los. As pessoas transformam seus comércios para motivar outras pessoas a deslocarem-se para realizar compras”.

**Figura 7 - Mapeamento da área de atuação comercial dos imigrantes árabes e seus setores.**



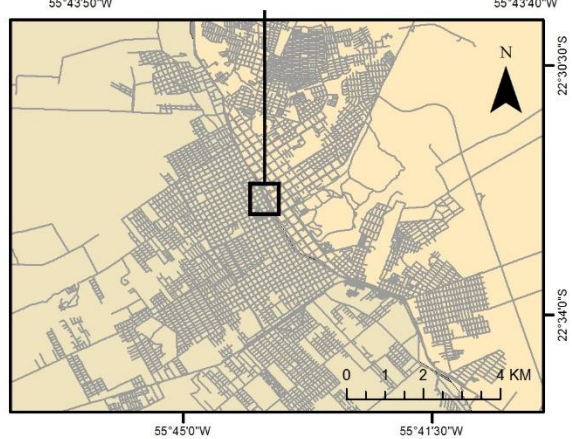
**Legenda**

- |   |  |
|---|--|
| <span style="color: yellow;">●</span> Celulares               | <span style="color: blue;">●</span> Restaurantes |
| <span style="color: orange;">●</span> Receptores de TV a cabo | <span style="color: red;">■</span> Shopping      |
| <span style="color: purple;">●</span> Arguile                 | — Vias   |
| <span style="color: grey;">●</span> Eletrônicos               | ■ Brasil   |
| <span style="color: pink;">●</span> Perfumes                  | ■ Paraguai                                       |

\*Na classe Shopping concentram lojas de: roupas, arguile, perfumes, bolsas e carteiras, celular.

Fonte: IBGE, OpenStreetMap, trabalho de campo.

Coordinate System - SCG SIRGAS 2000  
 Datum: SIRGAS 2000  
 Autor: BALBUENA, N.B.  
 Edição: GONCALVES, A. S.



A figura 7, a partir dos dados levantados pela pesquisa de campo, demonstra que as áreas de atuação comercial dos imigrantes árabes em Pedro Juan Caballero-PY estão concentradas ao longo da Av. Dr. Francia (popularmente conhecida), da Rua Mariscal Lopez e no Shopping West Garden localizado também na Av. Dr. Francia. Desse modo, a próxima seção apresenta brevemente a importância do comércio popular no Paraguai e alguns aspectos inerentes a fronteira em estudo.

#### **4.2 A fronteira de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY) e o comércio popular: breve apresentação dos aspectos, históricos, geográficos e econômicos**

O Estado de Mato Grosso do Sul (MS) foi criado a partir do desmembramento do Estado de Mato Grosso pela Lei complementar nº 31, de 11 de outubro de 1977 e implantada em 1979, sancionada por Ernesto Geisel. “O estado de Mato Grosso do Sul é composto por 79 municípios dos quais 44 compõe a faixa de fronteira internacional totalizando 1.578 quilômetros de extensão nas linhas de divisa com as repúblicas do Paraguai e Bolívia” (TORRECILHA, 2013, p. 120).

A implantação da ferrovia construída para o Oeste sob a alegação da guarnição das fronteiras internacionais com a Bolívia e com o Paraguai, nas primeiras décadas do século XX, impulsionou o crescimento do sul de Mato Grosso, o que possibilitou o intercâmbio com as demais cidades do Brasil, facilitando a circulação de pessoas e mercadorias. O fortalecimento econômico da região consolidou-se após a Guerra da Tríplice Aliança, em virtude da exploração da erva-mate e do dinamismo da pecuária (MISSIO; RIVAS, 2019).

Nesse contexto, cabe ressaltar a importância das migrações de diversas regiões do Brasil, que contribuiriam para o fomento econômico e cultural do MS, bem como das imigrações internacionais. Paulistas, mineiros e, posteriormente, os gaúchos adentraram no estado a partir da década de 1890. O advento dos mascates possibilitou a difusão e distribuição de mercadorias, que estimularam o desenvolvimento do comércio. Isso atraiu imigrantes sírios e libaneses que chegavam desprovidos de recursos. Em busca de oportunidades comerciais, esses primeiros imigrantes instalaram-se em Corumbá, consolidando seus negócios na região. Posteriormente, a cidade de Campo Grande tornou-se a base comercial do estado.

Ponta Porã, localizada ao sul de MS, faz fronteira com a cidade de Pedro Juan Caballero, que é capital do Departamento de Amambai, no Paraguai. No âmbito político-administrativo, historicamente, Pedro Juan Caballero era designada como Ponta Porã. Apesar de ser fundada em 1899, somente em 30 de agosto de 1901 foi criado o Departamento de Pedro Juan Caballero (CARDONA, 2018).

A região do atual município de Ponta Porã, antes da Guerra da Tríplice Aliança, era habitada apenas por algumas etnias indígenas, sendo uma região deserta no interior do Paraguai. A partir de 1872, após a fixação da região de fronteira entre Brasil e Paraguai, Ponta Porã passou a pertencer ao território brasileiro. A erva-mate fomentou economicamente a região e, em 1900, Ponta Porã tornou-se distrito de Bela Vista. Em 18 de julho de 1912 foi criado o Município de Ponta Porã (IBGE, 2018).

Banducci Jr. (2015) argumenta que, a partir da segunda metade do século XX, a economia da região especializou-se na reexportação, o que, por sua vez, impulsionou o turismo de compras. O comércio desses produtos importados supre a demanda de brasileiros, principalmente de MS, que buscam marcas internacionais renomadas (roupas, calçados, perfumes, brinquedos e eletrônicos em geral, entre outros). Na década de 1970, atraídos pelo então mercado turístico já consolidado e em vias de expansão, a cidade fronteiriça começou a receber imigrantes asiáticos, árabes, entre outros, oriundos de *Ciudad del Este*, onde já estavam estabelecidos, ou diretamente do seu país de origem.

De acordo com Lamberti (2006, p. 63), o território que abrange o limite internacional da fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero é de, aproximadamente, 13 km de extensão sendo que “do lado brasileiro, o limite nacional é composto pela Avenida Internacional e do lado paraguaio pela Rua Dr. Francia, que atualmente concentra a maior parte das empresas que realizam o comércio reexportador”.

Banducci Jr. (2015) relata que a fronteira é habitada por diversas etnias. Além dos brasileiros e paraguaios, residem também imigrantes estrangeiros como coreanos, chineses, japoneses, libaneses, sírios, palestinos, indianos, entre outros. Esses se tornam proprietários de lojas no lado paraguaio da fronteira e, assim, apresentam-se como protagonistas de relações comerciais, bem como de intercâmbios culturais. O autor ainda completa que:

[...] as cidades fronteiriças de Pedro Juan Caballero (Paraguai) e Ponta Porã (Brasil), centros conurbados, em área de fronteira seca, têm seu cotidiano marcado por grande fluxo de pessoas e bens. Na linha de divisa entre as cidades gêmeas formou-se, a partir da década de 1980, um extenso mercado popular de importados, alimentado pelo turismo de compras brasileiro, que passou a atrair compradores finais e sacoleiros, mobilizando a economia de ambas as cidades (BANDUCCI JR., 2015, p. 2).

Portanto, é perceptível a importância do turismo de compra para a economia da região fronteiriça. É constante a presença de brasileiros de diversas regiões país como compradores finais e de “sacoleiros”, que levam mercadorias para revender das lojas estabelecidas no Paraguai para outras regiões do Brasil. Já o lado brasileiro da fronteira supre as demandas dos compradores, ofertando serviços relacionados a hotéis, restaurantes, lazer, etc. Assim como os

brasileiros usufruem dos menores preços dos produtos importados no Paraguai, os paraguaios (especificamente os pedrojuaninos) também realizam compras em Ponta Porã, especialmente de vestuário e de eletrodomésticos. Nesse último caso, eles aproveitam do sistema de crediário, prática pouco usual no Paraguai. Em linhas gerais, compreende-se que a condição de conurbação internacional e o dinamismo peculiar desses dois municípios tornam essa fronteira um local com singularidades e especificidades particulares.

#### 4.2.1 Dados estatísticos divergentes: imigração árabe em MS

Os dados registrados nos censos demográficos brasileiros referentes à imigração árabe para o Brasil apresentam diversos problemas, seja pela confusa generalização de quem são os árabes, ou pelo fato de muitos usarem passaportes turcos. Isso fez com que muitos migrantes fossem enquadrados de forma genérica, incluindo várias nacionalidades. Logo, há discrepância em relação ao número exato de imigrantes árabes que vieram para o Brasil (OSMAN, 2009a).

O IBGE não questiona a ancestralidade dos entrevistados desde o Censo de 1940. Nessa época, a pesquisa e o levantamento não alcançavam toda a população brasileira, o país tinha 41.169.321 habitantes 107.074 destes brasileiros disseram ser filhos de pai sírio, libanês, palestino, iraquiano ou árabe. Os árabes natos eram em torno de 46.105 e os naturalizados brasileiros 5.447 (BARBOSA, 2018, p. 33).

Os dados, relativos ao antigo Mato Grosso, mostram um total de 650 libaneses (414 homens e 236 mulheres); 224 sírios (158 homens e 66 mulheres); 31 turcos (18 homens e 13 mulheres).

**Tabela 1** - Distribuição dos imigrantes árabes no antigo Mato Grosso por microrregião na década de 1970

<b>Microrregiões.</b>	<b>Libaneses</b>	<b>sírios</b>	<b>turcos</b>
Norte mato-grossense	2	1	-
Alto Guaporé- Jauru	8	3	-
Baixada Cuiabana	148	16	-
Rondonópolis	16	8	-
Garça	-	3	-
Pantanaís	67	52	4
Paranaíba	8	3	1
Bodoquena	16	2	-
Pastoril de Campo Grande	257	87	26
Três Lagoas	37	19	-
Campos Vacaria e mata Dourados	91	30	-
<b>Total</b>	<b>650</b>	<b>224</b>	<b>31</b>

Fonte: IBGE (2018) - Elaboração própria a partir do Censo de 1970 de imigrantes por microrregião e nacionalidade.<sup>32</sup>

<sup>32</sup>Os dados foram obtidos através de solicitação via e-mail na central do IBGE de Campo Grande-MS.



Os libaneses estavam, majoritariamente, concentrados na porção Sul do estado. Do total de 650 imigrantes libaneses, 420 estavam nos municípios que pertencem atualmente ao MS. Já em relação aos turcos, apenas 1 estava na porção norte do Estado de Mato Grosso (BARBOSA, 2018).

**Tabela 2 - Imigrantes árabes no sul do Mato Grosso - 1970**

<b>Microrregiões.</b>	<b>Libaneses</b>	<b>sírios</b>	<b>Turcos</b>
Alto Paraguai	1	-	-
Pantanais	67	52	4
Campos Vacarias e Mata de Dourados	91	30	-
Campo Grande	252	82	26
Bela Vista	9	1	9
Antônio Joao	-	1	-
Caarapó	-	-	-
<b>Total</b>	<b>420</b>	<b>166</b>	<b>39</b>

Fonte: IBGE (2018) - Censo de 1970 por microrregião e nacionalidade.

Conforme com Barbosa (2018, p.35), os dados sobre a imigração árabe em Ponta Porã aparecem somente no censo de 1980, após a divisão do Estado:

Através dos dados do Censo de 1980, apresenta-se o novo estado Mato Grosso do Sul, onde pela primeira vez aparecem os dados refere à cidade de Ponta Porã [...] na década de 1980 apresentam um aumento significativo, comparado aos dados da década de 1970 [...] No Censo de 2010, o IBGE aponta um total 214 homens e 106 mulheres do Líbano naturalizados na cidade, dentre estes, 214 homens, 60 referem-se à cidade de Ponta Porã, enquanto não se verifica nenhuma mulher.

### **4.3 A formação da comunidade árabe na fronteira de Ponta Porã-MS e Pedro Juan Caballero-PY: história oral de vida<sup>33</sup>**

Para a investigação da população síria e libanesa na fronteira de Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY), foi estabelecido um recorte temporal a partir de 1950. Esse período compreende a chegada dos imigrantes árabes pioneiros na cidade de Ponta Porã. Nesse contexto, foi possível traçar a trajetória desses imigrantes, relacionando sua chegada à abertura das primeiras lojas comerciais.

A cidade de Ponta Porã-MS atraiu a atenção dos imigrantes árabes justamente por sua proximidade com o Paraguai. Esses imigrantes, já estabelecidos no território brasileiro (e, também, em algumas cidades do Paraguai), começaram a se concentrar em Ponta Porã em busca de maiores oportunidades comerciais. Portanto a imigração árabe para Ponta Porã apresentou-se como uma continuidade local de uma migração internacional.

<sup>33</sup>Ocorre quando os entrevistados falam de suas trajetórias, histórias familiares e vivências. (FRANCISCO, 2017, p. 50).

Destaca-se que eles são oriundos da 2ª leva migratória (período de 1900-1914), que chegou tanto através dos portos brasileiros, quanto da Argentina. O relato de um descendente da terceira geração sobre a formação da comunidade árabe na fronteira ajuda a esclarecer esse ponto:

Um dos primeiros imigrantes foi o meu avô, que seria o codinome Alcunha João Martins e na verdade ele seria se não me engana Jaleil Zain Haidar, ele saiu do Líbano em 1900 e pouquinho e foi parar na Argentina desembarcou no Porto da Argentina, lá ele ficou um tempo, depois de ter passado esse tempo, ele saiu a procura de um primo que ele não tinha encontrado há muito tempo, aí ele saiu de lá e foi parar em Assunção (ENTREVISTADO K, CONCEDIDA EM NOVEMBRO DE 2019).

Ainda, conforme o entrevistado, seu avô mudou-se para Coronel Sapucaia-MS e casou-se com uma gaúcha, com a qual teve vários filhos. Uma das filhas, mãe do entrevistado, fora prometida para se casar com um dos filhos do outro avô, sendo seus avós irmãos e seus pais primos, como de costume árabe. Então, seu pai veio do Líbano para o Brasil, em 1952, quando tinha 22 anos, em busca do seu casamento prometido. Desembarcou no Porto de Santos, onde trabalhou por 5 anos como mascate. Depois do casamento, mudou-se para Ponta Porã-MS, onde foi um importante comerciante e empreendedor. Na cidade, construiu o primeiro prédio, sendo que no térreo ficava a sua loja, a Casa Popular, aberta em 25/08/1969, há 50 anos localizada na Av. Marechal Floriano.

Dessa forma, percebe-se outro aspecto da economia étnica na conformação de redes sociais. Com tradição de casamentos arranjados, os negócios tendem a se concentrar sempre na mesma família. Ou seja, o valor cultural do grupo (a tradição de casamentos arranjados) influencia as atividades econômicas. Outrossim, a história de um conjunto de relações/conexões, ou seja, as redes sociais, é fundamental para explicar a presença de certos grupos em determinadas economias/sociedades.

**Figura 8** - Primeiro prédio construído em Ponta Porã-MS-1969



Fonte: Acervo Gaze Aidar

**Figura 9** - Casa Popular-1977



Fonte: Acervo Gaze Aidar.

A partir das entrevistas, também foi possível identificar que, nesse período (antes da inauguração da Casa Popular), já existiam libaneses e sírios presentes na fronteira, ou seja:

Aí ele veio para cá conheceu os outros patrícios conheceu o Aley Ale (Casa Ale), ele conheceu o seu Rafaat também era antigo aqui, conheceu o a família Georges que era seu Issa Jacob, o Iskandar Jacob Georges o Dr. Jorge Jacob e Ezzat Georges que eram representantes da Volkswagen aqui. E tinham outros patrícios também, tinha no Paraguai também, não é o meu pai o mais antigo aqui não, tinha outros, mas com relação de pessoas arrojadas eram essas pessoas na época, tanto é que a família Jacob

foi grande propulsora do desenvolvimento de Ponta Porã, fomentavam muitos empregos e tinham variados tipos de negócios (ENTREVISTADO K, CONCEDIDA EM NOVEMBRO DE 2019).

**Figura 10** - Propaganda na entrada da cidade no ano de 1970. Agência representante da Volkswagen dos irmãos Jacob Georges



Fonte: Acervo pessoal Danilo Queirolo Jacob

Observa-se, a partir desses relatos, certo empreendedorismo dos árabes diante das oportunidades que iam surgindo nas áreas fronteiriças, uma vez que eram locais em vias de expansão, sobretudo do ponto de vista comercial. A busca por inserir “novidades” na região está diretamente vinculada a princípios culturais e históricos, assim como sua vocação comercial:

O comércio praticamente nasceu na região do Oriente Médio, e os árabes eles sempre foram ligados ao comercio e aqui não vai ser diferente, árabe ou descendente ou filho ou neto é a insistência porque o caminho certo para vencer na verdade, os maiores milionários do mundo são comerciantes e a nossa comunidade árabe ela na verdade é presente praticamente em todos os países do mundo pela garra, pela experiência, pela luta que fazem porque sabem que o comercio é que vence a cima de tudo, o comercio e que dá sustento a uma família, a um país, a um Estado, a uma cidade, onde que o comércio vem, como dizem sempre vem, no sangue dos árabes (ENTREVISTADO O, CONCEDIDA EM NOVEMBRO DE 2019).

Esse discurso naturaliza as habilidades (a propensão ao comércio) que são, na verdade, transmitidas geracionalmente pela educação, ou seja, pelos seus relacionamentos sociais. É preciso notar, também, que as redes sociais influenciam a vinda de imigrantes árabes para a

região. As informações difundidas e oportunidade de emprego são fatores determinantes para o processo imigratório.

Um senhor de 82 anos, considerado um dos imigrantes mais antigos da fronteira, relata que a sua vinda ocorreu três anos após a chegada do seu irmão. A sua primeira ocupação profissional foi como mascate, na qual permaneceu durante anos. Em um determinado período, trabalhou também com seu irmão na loja; depois, comprou um caminhão para fazer frete e, quando finalmente juntou recursos, abriu sua loja comercial, a Casa *Cliper*. Segundo relata, foi um dos maiores empresários da época e um destacado comerciante da fronteira. Foi, por muitos anos, o presidente do Lions Clube e da Associação Comercial. Segundo seu testemunho, ficou responsável por trazer os parentes:

Sou imigrante, vim para o Brasil em 1955, mas antes disso veio meu tio, em 1850 foi para a Argentina, de Argentina ele mudou para Assunção, casou com uma mulher paraguaia em Assunção e foi mascatear a cavalo de Assunção a fora, chegou onde? Em Coronel Sapucaia, antigamente chamava Antônio João, antigamente no Mato Grosso aí depois de Amambai hoje chama Capitan Bado né bom no final meu tio chegou até lá. Viemos os dois para o Brasil 1950 ou 1951 uma coisa assim, chegando no Brasil mandou carta para Argentina pedindo que falar com o tio dele, responderam para ele [...] seu tio trocou de nome, hoje chama nome Joao Martins mora numa cidade chamada Antônio João no Mato Grosso hoje Mato Grosso do Sul aqui né. Mandou carta para ele e ele respondeu chamou vem aqui, vem aqui... e no final veio meu irmão de mascatear em Barretos veio para esse Paranhos e chegou a Coronel Sapucaia Antônio Joao (antigamente) e conheceu ele , quando conheceu ele tinha 4 ou 5 filhas e achou bonita e casou com uma delas chama Adélia né eles tinham a Casa popular aqui aquele de três andar e casou com uma deles e começou a trabalhar , ai mandou carta para mim para vir para o Brasil , eu estava na Síria no Líbano na fronteira né como aqui em Paraguai o que que eu fiz falei vou , vou lá ver ai mostrei pro meu irmão e falou não você não vai não, vou mandar seu irmão e eu falei eu vou, de tanto insisti eu vim (ENTREVISTADO G, CONCEDIDA EM OUTUBRO DE 2019).

Conforme a Associação Árabe, a fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero detêm a segunda maior colônia de sírios e libaneses do estado de Mato Grosso do Sul, na qual estão estabelecidas cerca de 200 famílias. Essa associação foi fundada em 22 de agosto de 1988, tendo por finalidade divulgar os costumes, tradição e cultura árabe e congregar as pessoas da comunidade árabe e seus descendentes, não excluindo as pessoas de outras nacionalidades, cultivando a mais ampla fraternidade entre os sócios. São sócios fundadores: Antônio Carlos Siufi Hindo, Duraid Yassimm, Gazi Feis Aidar, Charif Sayed Hassan, Iskandar Georges, Ahamad Mohamad Hazime e Aley Ale e ainda Rafaat Fares Toumani, Jamil Kamel Saad, Mohamad Zogaib e Alberto Afif, membros do conselho deliberativo.

Conforme o depoimento dado por um dos poucos árabes que atualmente ainda têm comércio do lado brasileiro da fronteira, os imigrantes árabes contribuíram para o crescimento da cidade de Ponta Porã:

Contribuímos com construção que foi feita pelos árabes, o comercio, o emprego que foi dado e o desenvolvimento da cidade que cresceu com os árabes, antigamente a Av. Marechal Floriano era praticamente a maioria dos comerciantes eram todos árabes, hoje é um pouco diferente porque as empresas grandes tomaram conta do mercado, os árabes antigos aqui, uma grande parte faleceu e os filhos estudaram e adquiriram outra coisa na área da medicina, na área da advocacia, na área de economia e na área agropecuária também (ENTREVISTADO O, CONCEDIDA EM NOVEMBRO DE 2019).<sup>34</sup>

Portanto, percebe-se, nessa comunidade, uma busca continuada por ascensão econômica e social. A maioria dos imigrantes investe nos estudos de seus filhos e as profissões liberais são as mais comuns entre os descendentes. Alguns tornaram-se, também, agricultores.

Ao contrário do que ocorreu no lado brasileiro da fronteira, no lado paraguaio, a maioria dos imigrantes árabes que vieram para Pedro Juan Caballero-PY já estavam estabelecidos na fronteira de Foz do Iguazu-PR e *Ciudad del Este*-PY. Conforme Rabossi (2004), os imigrantes libaneses foram atraídos para a referida fronteira na década de 1950, visualizando as oportunidades que a construção da ponte da amizade proporcionaria. Eles vieram também por causa dos conflitos no Oriente Médio. Dessa forma, os libaneses foram um dos pioneiros na construção do comércio de *Ciudad del Este*:

No final dos anos 50 e considerando as possibilidades que a construção da ponte abria, alguns comerciantes que haviam levado a produção industrial brasileira ao oeste do Paraná se localizaram em Foz do Iguazu com a intenção de aproveitar um mercado virgem de produtos brasileiros: o Paraguai. **Em sua maioria, eram imigrantes libaneses** [...] a peculiaridade desta fronteira, no entanto, foi que as características da cidade vizinha permitiram que alguns deles também se instalasse do outro lado do limite, vendendo produtos importados para o comprador brasileiro. Junto a facilidade de estabelece-se e a presença de conhecidos, esse duplo atrativo comercial foi o que transformou essa fronteira no pólo de atração de imigrantes do Líbano e de outros países de Oriente Médio depois que os conflitos naquela área se intensificaram. **Assim tanto o desenvolvimento de comercio de *Ciudad del Este* quanto uma das características mais significativas do mesmo -a presença árabe- estão ligados a Foz do Iguazu** (RABOSSI, 2004, p.46, grifo nosso).

A partir dos anos de 1970, com o mercado turístico já consolidado e em vias de expansão, a cidade de Pedro Juan Caballero passou a receber imigrantes de países asiáticos, árabes e até mesmo do interior do Paraguai. Muitos desses vieram da *Ciudad del Este*. Com o

---

<sup>34</sup> Cabe ressaltar que essa é a visão dos imigrantes árabes sobre a sua própria participação no desenvolvimento da região. Todo grupo social costuma sobrevalorizar a sua participação em determinados fenômenos. Para realmente saber o “peso” da presença árabe na economia local, teria que contrastar com outras fontes - números oficiais, por exemplo. Portanto: trata-se da fala do entrevistado, e ela não representa minhas conclusões absolutas sobre o fenômeno.

passar dos anos, a migração passou a ser direta, ou seja, dos seus países de origem para a fronteira, gerando assim um novo fluxo migratório. Corroborando com esse aspecto:

A maioria dos árabes que estão aqui agora nesse momento eles se concentram em Pedro Juan Caballero, a facilidade de eles abrirem um comércio é mais fácil do que aqui no Brasil do lado de Ponta Porã e a facilidade de adquirir a mercadoria também e a facilidade de comercializar ela é menos burocrática do que o lado do Brasil (ENTREVISTADO O, CONCEDIDA EM NOVEMBRO DE 2019).

Em resumo, os primeiros árabes que vieram para a fronteira estabeleciam-se no lado brasileiro, em Ponta Porã-MS, mascateavam por anos até juntar capital para abrir suas lojas. Já em relação aos seus filhos, houve um incentivo dos imigrantes para que estudassem<sup>35</sup>, ocupando lugar de prestígio na sociedade fronteiriça. Existem, na sociedade fronteiriça, diversas fachadas de escritório de Advocacia, consultório médicos, odontológicos em que constam nomes/sobrenomes árabes, bem como nomes de ruas e bairros<sup>36</sup>.

O crescimento de Ponta Porã atraiu a instalação de empresas de rede nacional no setor de vestuário, calçados, de móveis, entre outros, integrando a cidade a uma nova dinâmica comercial. Somado a isso, a consolidação do mercado turístico em Pedro Juan Caballero, na década de 1980, fez com que os imigrantes árabes tivessem como novo destino a cidade de Pedro Juan Caballero.

#### 4.3.1 Trajetória imigratória dos árabes para a fronteira (caracterização) e a teoria de redes sociais no processo imigratório

Em Pedro Juan Caballero, Paraguai, os imigrantes árabes fazem parte das famílias pioneiras que fundaram as primeiras lojas na cidade. Eles chegaram a partir da década de 1970, vindos das suas terras de origem (Líbano e Síria) ou de outras regiões da América como, por exemplo, de *Ciudad del Este*, no Paraguai. Entretanto, mais especificamente na década de 1980, houve um fluxo maior de imigrantes libaneses, majoritariamente muçulmanos. A maioria são homens jovens e solteiros; alguns casam-se com brasileiras ou paraguaias, mas a grande maioria busca casamento dentro da própria comunidade.

Além das causas gerais (guerras e busca por melhores oportunidades econômicas), outro fator que impulsionou outras levas de imigrantes libaneses para a fronteira foi a conexão com os imigrantes pioneiros. Em outras palavras, havia toda uma rede de ajuda aos recém-chegados,

---

<sup>35</sup>A presença árabe, na economia local, pode ser constatada para além do comércio, mas também em profissões liberais. Fato comum na trajetória desse grupo na América Latina. Para um estudo mais detalhado ver (TRUZZI 1997) *De mascates a doutores*.

<sup>36</sup>Existem ruas homenageando os imigrantes árabes que contribuíram com o crescimento de Ponta Porã, a saber: Rua: Fayes Hussein HaidarAhmad; Rua: Iskandar Georges; Bairro: Kamel Saad entre outros.

que incluía informações difundidas por familiares, parentes, conterrâneos ou amigos, bem como propostas de trabalho, hospedagem, entre outras. Isso fica evidente no seguinte depoimento:

Na verdade, viemos de lá, fugindo de lá, da guerra, e como aqui tem parente, tem gente, tem libanês deve ser bom, por isso, tinha conhecidos já na fronteira, só comuniquei com eles eu vou me espera, aí eles esperam nós para conhecer o lugar, recebem nos nas casas deles nos primeiros dois dias, cinco dias uma semana, aí nos começa a se juntar, aluga uma casinha, apartamento, igual os estudantes fazem aqui. A gente chega com pouco de “dinerinho” já para começar, trabalhamos pegando mercadoria de *Ciudad del Este* e vem aqui e vende para as outras lojas, aí cada mês você cresce né, porque não paga aluguel nem funcionário, aí depois chega juntando “dinerinho” aí já abre loja, aí começa a ficar na loja (ENTREVISTADO A CONCEDIDA EM JUNHO DE 2019).

Ou ainda:

Eu vim direto do Líbano em 1998 no caso e meu tio já morava aqui e ele pediu para o meu pai se ele quisesse mandar um filho para cá para trabalhar e ajudar a família nos gastos, aqui é fronteira, tanto no Paraguai como Brasil têm facilidade maior para trabalhar para poder ganhar dinheiro e melhorar a vida, diferente do Líbano que tem mais dificuldade para poder fazer essas coisas, e aí a escolha foi eu, meu pai perguntou você quer ir? E eu falei vou né, tenho mais irmãos que moram lá e decidi vir aí vim direto para a fronteira Brasil- Paraguai *Ciudad del Este* né, de lá eu vim direto para cá e aqui fiquei, sempre fiquei aqui, trabalhei aqui e meu tio já conhecia um pouco o comercio (ENTREVISTADO H, CONCEDIDA EM NOVEMBRO DE 2019).

Portanto, o principal motivo relatado pelos imigrantes árabes para a manutenção do fluxo migratório para a fronteira continua sendo as oportunidades de trabalho. O comércio de *Ciudad del Este* está ligado ao de Guaíra e Pedro Juan Caballero, evidenciando uma conexão entre as áreas fronteiriças. Quando esse setor fica acirrado pela concorrência na *Ciudad del Este*, os comerciantes vão para outras cidades de fronteira, objetivando novos mercados. Pode-se dizer que esse foi o caso no início da formação de Pedro Juan Caballero e Guaíra. Atualmente, essas cidades se desenvolvem acompanhando *Ciudad del Este*.

Sendo assim, entende-se que o caráter multifacetado e integrador, proporcionado pelo cenário fronteiriço, oferece múltiplas possibilidades para diferentes grupos sociais. Isso é justamente o que a próxima seção busca evidenciar, abordando desde as razões que motivaram a expansão da imigração árabe até as diferentes formas de reprodução desses atores podem ter contribuído para o progresso de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.

Pode-se afirmar que as redes sociais são mecanismos essenciais que servem para facilitar o processo migratório, produzem confiança através de suas relações entre imigrantes pioneiros e os recém-chegados. Todos os entrevistados afirmam sobre a facilidade de virem e receberem ajuda para moradia e trabalho.



#### 4.3.2 Inserção socioeconômica ocupacional e atividades comerciais/econômicas realizadas pelos imigrantes e a teoria de redes sociais nesse processo

A respeito do espaço ocupacional dos imigrantes árabes, tanto os primeiros fluxos quanto os mais recentes concentram-se na atividade comercial, no atacado ou no varejo, abrangendo desde pequenas lojas comerciais a empresários importadores, restaurantes árabes, shoppings e lojas menores nas bancas. Uma parte considerável desses empreendimentos são lojas familiares.

A teoria das redes sociais, juntamente com as oportunidades que a comércio da fronteira oferece, ajudam a entender a rápida ascensão econômica desses migrantes. Soma-se a isso o fato de que, reconhecidamente, o povo árabe é trabalhador e dedicado. E, mais, deve-se considerar, também, que no Líbano, muitos migrantes já tinham distintas profissões ou trabalhavam com prestações de serviços (como serralheiro e barbeiro, por exemplo) e em restaurantes e portos. Havia, ainda, militares e (comerciantes no setor do vestuário e tecidos e no comércio em geral). Evidentemente, era um tipo de comércio muito diferente do comércio de importados no Paraguai:

No meu país de origem era comerciante, comércio de tudo, mercado, comércio de roupa, saía vendendo de cidade para cidade, plantava, ah vendia fruta, tudo que você imagina, criava boi vendia leite, tudo mesmo, serviço de um chacareiro (ENTREVISTADO P, CONCEDIDA EM NOVEMBRO DE 2019).

Os depoimentos retratam, ainda, a vida sofrida que tinham antes de imigrarem para a fronteira:

Meu pai era ferreiro soldador de porta, tinha a vida muito dura. Levava o portão de ferro nas costas no sétimo andar coitado, era sofrido (ENTREVISTADO B, CONCEDIDA EM OUTUBRO DE 2019).

Na fronteira, a atividade de mascateação era a porta de entrada para os novos migrantes. Os pioneiros, já estabelecidos na fronteira, forneciam mercadorias a prazo para que os recém-chegados pudessem iniciar seus trabalhos. Era comum também buscar mercadorias em *Ciudad del Este* e abastecer as lojas dos patrícios de *Pedro Juan Caballero*. Os únicos que não trabalharam como mascates foram os libaneses com familiares que já tinham lojas instaladas na região, pois esse era o local de trabalho até esses migrantes conseguissem capital para abrir uma segunda unidade. Isso reforça os laços solidários da colônia:

Pega mercadoria vai andando nas lojas oferecendo e vendendo, todos nós éramos assim, a maioria, só quem tem tipo irmão assim e tem loja, aí vem ficar com o irmão na loja o resto tudo anda assim, e vai aprendendo o idioma também na rua, no

comércio e vai escutando palavra daqui perguntando para os amigos o que significa e vai gravando (ENTREVISTADO E, CONCEDIDA EM OUTUBRO DE 2019).

A inserção ocupacional dos árabes para a fronteira sucedeu-se, majoritariamente, no ramo do comércio. Todos os entrevistados afirmam que receberam ajuda financeira para iniciar o trabalho. Além de informações difundidas de como funciona o comércio, eles já vinham para fronteira predestinados a trabalharem no setor de eletrônicos, seja, inicialmente, como mascates ou ajudando nas lojas. Em outras palavras, eles recebiam assistência de como administrarem seus negócios e outras informações que facilitavam o início dos trabalhos.

Especificamente:

Meu tio já estava aqui, já me ajudava porque já tinha seus créditos. Aí conquistei assim, consegui o crédito [...] as vezes alguém conhecia minha família também fui conseguindo crédito por aí e comecei a trabalhar, trabalhando aqui e pagando as contas e foi assim que cresceu o crédito e consegui fazer um capital, comecei a trabalhar com o próprio capital que eu tenho mesmo, mas também isso leva tempo. A gente também tem uma coisa boa, nos árabes tipo assim, se quando chega alguém novo aqui o povo tenta ajudar tenta fazer um crédito pequeno para ver né, como teste para a pessoa para ver se ele vai ser uma boa pessoa ou não porque muitos que vem também que não são assim não é [...] Como eu fui ajudado por uns patrícios meus, eu também devo fornecer para quem vem agora né porque quando eu vim muitos me ajudaram então agora se vem alguém eu tento ajudar de uma forma ou outra (ENTREVISTADO H, CONCEDIDA EM OUTUBRO DE 2019).

Desse modo, evidencia-se a cooperação existente entre os árabes, bem como o sentimento de retribuir a ajuda que tiveram de seus patrícios. Ou seja, a própria cooperação gera confiança, provocando círculos virtuosos de relações interpessoais, baseados no pressuposto de que haverá reciprocidade quando o outro requerer ajuda. Em resumo, há uma rede difundida por três fatores que colaboram para essa ascensão econômica: i) informações; ii) conhecimento e iii) confiança.

Diante disso, a prática da mobilização de empréstimos financeiros entre os grupos étnicos está relacionada aos aspectos culturais:

A maior parte dos recursos financeiros empregados na abertura de firmas entre grupos étnicos não resulta de empréstimos de fora, mas de economias mobilizadas pelo próprio dono, sua família, amigos e conterrâneos. Por sua vez, como tanto a capacidade de poupar como a de mobilizar redes são variáveis em última análise culturalmente determinadas entre diferentes grupos, alguns fornecem empresários com maior abundância que outros. De modo semelhante, é possível se perseguir o mesmo tipo de determinante, de fundo cultural, nas explicações que privilegiam desigualdades na disponibilidade não de capitais financeiros, mas de capital humano entre grupos (TRUZZI; SACOMANO NETO, 2007, p. 42).

Portanto, a ajuda inicial provinha de créditos que, geralmente, se materializava na forma de mercadorias ou de dinheiro (usado para comprar mercadorias). Somados a isso, uma

particularidade a respeito da atividade da mascateação relaciona-se com o tipo de mercadoria vendida. Ressalta-se a opção por eletrônicos em geral para atender à demanda das lojas comerciais dos árabes que estão concentrados nesse setor. Esse tipo de ocupação profissional acabou possibilitando que muitos prosperassem, proporcionando, ainda, uma participação árabe crescente no comércio com a abertura de diversas lojas (todas no setor de eletrônicos, alguns restaurantes ou lojas que vendem arguiles). Nesse aspecto, admite-se a capacidade e expertise dos árabes em fazer negócios, comprar e vender (importar e exportar). Isso, evidentemente, tem efeitos sobre o desenvolvimento do comércio fronteiriço.

Os principais produtos comercializados pelos árabes são provenientes de *Ciudad del Este*. Alguns são importados da China, dos Estados Unidos, do Japão e de outras regiões do Brasil. Os produtos são de alto padrão tecnológico. Na fronteira é perceptível a concentração de determinados grupos étnicos em certos eixos/segmentos econômicos, ou seja, o comércio está etnicamente estratificado. Os árabes estão concentrados, majoritariamente, no setor de eletrônicos, lojas de arguiles e alguns restaurantes; os chineses predominam no setor de brinquedos (todos importados da China) e os coreanos estão concentrados no setor de vestuário (importados da Coreia). O relato a seguir mostra as diferenças entre os setores e produtos dos distintos grupos de imigrantes estabelecidos na fronteira:

Então nesse caso, o coreano ou chinês só pega coisas da China, coisa de lá, igual o coreano só pega roupa deles da Coréia né, e eles acham preço bom e os chineses pega da China só os brinquedos coisas pequenas, enquanto os árabes procuram coisas mais avançadas, coisas americanas, japonesas, brasileiras, coisas caras não é, por exemplo no chinês não acha coisa que passa quinze ou vinte reais, esses árabes pegam câmeras que custam três mil reais, quatro mil reais, os Dvds os monitores que custa milhares né, assim são coisas mais caras não é, eletrônicas avançadas, e você vê tem da China bons dos Estados Unidos, do Brasil também são coisas originais mesmo (ENTREVISTADO A CONCEDIDA EM JULHO DE 2019).

Admite-se, então, que os grupos de imigrantes chineses, coreanos e árabes concentram-se em segmentos econômicos específicos na sociedade receptora, monopolizando assim o ramo de brinquedos, vestuário e eletrônicos. O que está por trás dessa estratificação é a relação entre atividade econômica e os valores culturais. Em outras palavras, os valores culturais influenciam o que é consumido e, concomitantemente, o que é produzido. Portanto, o consumo de determinados produtos de um grupo étnico está associado também ao seu hábito cultural.

**Figura 11** - Centro de Pedro Juan Caballero-PY



Fonte: Pesquisa de Campo (2018).

A figura 11 retrata a composição étnica no comércio de Pedro Juan Caballero. A Casa 668 é uma loja de brinquedos e pertence a um imigrante chinês; a loja Damasco é uma tabacaria (vende arguiles e demais insumos para seu consumo) de um imigrante libanês e, ao lado, Pioneer Eletrônicos em Geral ou Zaharaa Center pertence também a um imigrante libanês.

**Figura 12** - Salem Importados



Fonte: Pesquisa de campo (2018).

Conforme a pesquisa de campo, diversas lojas levam nomes ou sobrenomes dos próprios donos. É comum um imigrante ter mais de uma loja em locais estratégicos. No entanto, nem sempre os estabelecimentos são do mesmo ramo de atividade. Por exemplo, o dono de uma das maiores lojas de Pedro Juan Caballero de importados em geral possui também duas outras lojas, uma de roupas com marcas nacionais/internacionais renomadas e uma no setor de calçados, ambas em Ponta Porã-MS.

Uma das maiores lojas (Studio Center) do centro de Pedro Juan Caballero, inaugurada em 1978, pertence a um imigrante libanês. A loja possui mais de 37 mil itens e está organizada em 13 setores: Assistência Técnica, Bebidas, Câmeras e Lentes, Camping e Pesca, Casa e Cozinha, Departamento Infantil, Eletrônicos, Esporte e Lazer, Informática, Instrumentos Musicais, Óculos e Relógios, Perfumaria e Cosmético, Saúde e Bem-Estar.

**Figura 13 - Studio Center Importados**



Fonte: Pesquisa de campo (2018).

Ainda a respeito da inserção ocupacional dos imigrantes árabes, há um entendimento de que os empregos ofertados para cargos de confiança são, preferencialmente, para familiares e amigos. Contudo, conforme foi possível constatar nas entrevistas, a oferta de emprego nas lojas dos imigrantes é, preferencialmente, para brasileiros e paraguaios. Algumas explicações para esse fato: i) esses trabalhadores falam o idioma local melhor e, assim, podem atender melhor ao cliente; e, ii) os salários tendem a ser menores (pois um libanês geralmente tem que sustentar sua família aqui e no Líbano, precisando de um salário maior). Somados a isso, a geração de empregos é ofertada aos fronteiriços. Geralmente, cada loja tem dois ou três funcionários para



atenderem aos clientes e também para realizarem a limpeza do estabelecimento. Quanto maior a loja maior o número de funcionários contratados.

A respeito do açougue *Halal*<sup>37</sup>, há uma particularidade para a contratação de mão-de-obra, pois os valores da própria cultura obrigam a contratação de patrícios. Ou seja, os valores culturais, basicamente, influenciam o que é consumido, concomitantemente, o que é produzido. Assim como no caso dos muçulmanos, a carne de porco não será consumida/produzida. A economia étnica mostra também que os imigrantes, quando proprietários, tendem a empregar seus conterrâneos. O principal requisito para o abate *Halal* é ser executado por um muçulmano, entre outras condições obedecidas:

- a) os animais, para serem abatidos, devem ser saudáveis e aprovados pelas autoridades sanitárias competentes.
- b) O animal, para ser abatido, deverá estar em perfeita condição física.
- c) O abate será executado somente por muçulmano mentalmente sadio e que entenda, totalmente, o fundamento das regras e das condições relacionadas com o abate de animais no Islã.
- d) O abate será feito com intenção e o sangrador estará bem ciente de sua ação.
- e) A frase “Em nome de Deus, o mais Bondoso, o mais Misericordioso” tem de ser invocada imediatamente antes do abate.
- f) Os equipamentos e os utensílios utilizados no abate Halal serão exclusivos para esse tipo de degola.
- g) A faca do abate deverá ser bem afiada.
- h) A sangria deverá ser feita apenas uma vez. A “ação cortante” do abate é permitida já que as facas do abate não são descoladas do animal durante o abate, procurando minorar-se o sofrimento infringido.
- i) O ato do abate cortará a traqueia (“algum”), esôfago (“mari”) e ambas as artérias e a veia jugular (“wada Jain”) para apressar o sangramento e a morte do animal.
- j) O esgotamento do sangue deverá ser espontâneo e completo.
- k) O inspetor muçulmano treinado será indicado e terá responsabilidade de checar se os animais são abatidos corretamente de acordo com as leis (“Shariah”) (SALAI, 2010, p.25).

A figura 14 é a entrada do açougue *Halal*, onde são fornecidas as carnes abatidas no sistema *Halal* demandada especificamente pelos imigrantes árabes muçulmanos e alguns muçulmanos provenientes de outros países como da Índia e Bangladesh.

---

<sup>37</sup>Halal também se referem, sobretudo ao que é lícito na política, no social, nos atos, nas vestimentas, nas finanças, etc. (SALAI, 2010, p. 23).

**Figura 14** - Entrada do Açougue *Halal* e restaurante árabe



Fonte: Pesquisa de Campo (2018).

Da mesma forma que a carne consumida exige o sistema *Halal*, diversos itens alimentícios devem ser *halal*. Portanto, em um estabelecimento são ofertados produtos alimentícios para suprir a demanda dos imigrantes árabes. Por não serem produzidos aqui, são todos importados do Líbano.

**Figura 15** - Mantimentos



Fonte: Pesquisa de Campo (2019).

A figura 15 expõe produtos alimentícios, tais como: arroz em um saco de estopa ornamentado; *Homus*; *Tahine*; Fava-Full, especiarias como sete pimentas; temperos para Quibe, *Kafta*, azeite, doces como *Halaw*; algumas frutas como tâmara, sementes de abobora torradas, pistaches, água de rosas e água de laranjeiras (*ma'ward e ma'zahr*), chá, café, *Zahtar*, entre outros.

Dessa forma, a cultura árabe exterioriza-se e se difunde como parte da cultura fronteiriça. É possível observar a influência dessa cultura no comércio, nas ruas, nas comidas, no próprio idioma presente nas fachadas de estabelecimentos e demais serviços prestados pelos imigrantes, com características singulares trazidas por eles. Isso difere de localidades em que não há presença significativa de sírios e libaneses.

A próxima seção busca evidenciar com maior ênfase como os aspectos culturais influenciam a ação dos imigrantes árabes na economia.

#### 4.3.3 Alguns aspectos da influência cultural dos imigrantes árabes presentes na fronteira de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY)

Após anos estabelecidos na fronteira, os imigrantes árabes passaram a considerá-la a sua cidade. No intuito de satisfazer os anseios da comunidade árabe, muito da cultura desses povos foi inserida na sociedade receptora, seja através de aspectos materiais ou mesmo simbolicamente.

Observa-se que os aspectos culturais dos árabes<sup>38</sup> mantiveram-se em várias vertentes do processo migratório na América do Sul. Isso evidencia que o conservadorismo e as raízes dessa cultura foram incorporados a uma nova realidade, como foi o caso das áreas de fronteiras.

Dessa forma, é importante ressaltar algumas características da cultura dos árabes, pautadas em diversos valores sociais como a tradição, conservadorismo e costumes, que se manifestam na música, na gastronomia, na arquitetura, na religião e no idioma.

Um exemplo é a construção da Igreja Maronita e da Mesquita. “Para os árabes, a religião é mais importante que a identidade nacional, na qual cada grupo religioso é considerado uma comunidade dentro do Estado” (HAJJAR, 1985, p.46). O Líbano não é um país muçulmano e é um dos países do Oriente Médio com a maior diversidade religiosa, onde destacam-se: a Religião Cristã Ortodoxa, Maronitas, Igreja Sirian Ortodoxa, Religião Islâmica, Druzos (ramo

---

<sup>38</sup>Segundo Junior e Cardoso (2017), a cultura árabe abrange tradições e costumes, e abarcam povos de diversas religiões tais como: muçulmanos, cristão, judeus, expressando-se através da literatura, música, culinária, arquitetura, vestimenta e essencialmente o idioma árabe



do islamismo) e Alawitas (ramo do islamismo). A comunidade Maronita<sup>39</sup> faz parte de uma seita religiosa do cristianismo.

**Figura 16** - Igreja Católica Maronita<sup>40</sup>



Fonte: Acervo Pedro Mezher (2017).

Vale destacar que a construção dessas igrejas contribui para a manutenção do idioma árabe, pois suas orações são celebradas em árabe. Outro fator que ajuda a manter o idioma entre as gerações são as aulas de árabe oferecidas na Mesquita para os filhos de imigrantes.

---

<sup>39</sup>Essa seita religiosa surgiu na Síria. Após as perseguições bizantinas relacionadas a uma série de divergências econômicas, políticas e sociais, obrigaram-se a migrar para Hama, no norte da Síria e, posteriormente, para as montanhas do Líbano (HAJJAR, 1985).

<sup>40</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10156498330336470&set=a.10150668469956470&type=3&theater>>. Acesso em: 10 out. 2019.

A igreja Maronita está localizada na Av. Brasil, no centro de Ponta Porã-MS, construída por um imigrante libanês. Está aberta a toda a comunidade da fronteira.

Todos os entrevistados relatam que a cultura árabe é presente no dia a dia dos imigrantes árabes estabelecidos na fronteira:

Nossa cultura é preservada diariamente a questão da religião eu te falei a gente fez uma Mesquita aqui e todo dia quando eu fecho a loja já dá no horário da reza eu vou direto para a Mesquita e da Mesquita vou para casa levo meus filhos para aprenderem também, até tem um pessoal lá que ensinam o idioma e questão de religião a gente pratica todo dia nossas rezas aqui na loja mesmo já está na hora da reza e daqui a pouco já vou botar o tapete e rezar aqui (ENTREVISTADO H, CONCEDIDA EM OUTUBRO DE 2019).

**Figura 17** - Mesquita<sup>41</sup> em Ponta Porã-MS



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Complementarmente, Banducci Jr. (2015) argumenta que o processo migratório que atraiu famílias oriundas do interior do Paraguai e imigrantes de origem asiática (árabes) para Ponta Porã e Pedro Juan Caballero “contribui para delinear um ambiente social bastante significativo” (BANDUCCI JR., 2015, p. 3).

Segundo o autor, o grupo árabe que ocupa essas posições na fronteira estudada é, majoritariamente, formado por sírios e libaneses e seus descendentes, fazendo parte dessa

---

<sup>41</sup> Localizada na rua João da Silva Brandão, n°. 383, Bairro Santa Izabel, Ponta Porã – MS/BR

complementariedade e troca sociocultural fronteiriça. Comumente, no comércio, constata-se os traços culturais e arquitetônicos da cultura árabe, pois comércio de um árabe é facilmente diferenciado dos demais, com a decoração marcante de quadros de *surata*<sup>42</sup>, bem como no nome das suas lojas que, normalmente, também estão na língua do país de origem. Em outras palavras, a identificação étnica está presente fora do ambiente privado, inclusive no estabelecimento econômico. Não há uma divisão, para esse grupo, entre cultura e empreendimento econômico; sua cultura também é expressa no ambiente de trabalho, especialmente no que se refere a aspectos da religiosidade e nacionalidade.

**Figura 18** - Interior da loja decorada com quadros com *Surata*



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

<sup>42</sup>Sura é cada capítulo do Alcorão, livro sagrado do Islamismo.



**Figura 19** - Interior da loja decorada com quadros com *Surata* e com a bandeira do Líbano



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Nesse sentido, compreende-se que os árabes, desde o início de seus processos migratórios no Brasil e no Paraguai, mais especialmente em suas cidades fronteiriças, estiveram atuantes no comércio. No decorrer dos anos, eles potencializaram suas atividades comerciais ao valorizarem o trabalho sob uma perspectiva de investimentos futuros. Assim, foram constituindo um tipo de poupança em sua rede comunitária (ALVES, 2014). Santos Junior (2017) complementa que a influência da riqueza cultural dos árabes está pautada no comércio, e este setor é de extrema importância para o fomento da região analisada.

Acerca dessa relação entre os árabes e o desenvolvimento regional, Alves (2014), em suas análises direcionadas às cidades gêmeas de Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY), detectou duas principais características presentes no comportamento econômico dos comerciantes árabes, imprescindíveis a se destacar aqui, que são: i) o comerciante árabe valoriza a família e a coloca em “primeiro lugar”; e, ii) o árabe faz do “lugar para onde vai”, o seu lugar. Isso é sintetizado na frase: “fazer dar certo”. Segundo a autora, a valorização familiar serve de conduta, de incentivo para migrar e buscar novas oportunidades, visto que

tem que suprir as necessidades básicas da família. Enquanto a ideia do “fazer dar certo” está atrelada à vontade de empreender, de inovar e diversificar seus empreendimentos (portifólio de mercadorias, lojas, etc); enfim, da busca pela valorização do cliente, por meio da construção de um ambiente atraente, com qualidade e bom preço (ALVES, 2014).

Assim, observa-se que há uma habilidade transmitida entre gerações via redes sociais entre os imigrantes árabes. Além disso, nota-se que valorizar a prosperidade individual e familiar está diretamente vinculado a princípios culturais e históricos. À medida que prosperavam no setor comercial, dedicavam-se ao comércio atacadista, ofertando mercadorias para os patrícios<sup>43</sup> que iam chegando, gerando assim um círculo de relações. Em outras palavras, observa-se que a facilidade dos árabes em potencializar suas atividades comerciais está essencialmente relacionada com a sua própria cultura. Além disso, a valorização familiar e do trabalho cria um “tipo” de círculo virtuoso, pois o imigrante já estabelecido na fronteira acabava trazendo amigos e familiares. Nesse processo, o árabe “fronteiriço” repassava todos os aspectos e informações necessárias para a inserção desses atores no comércio local, o que acabava criando relações sociais dotadas de confiança.

Portanto, compreende-se que os povos árabes, em vista de todos os aspectos históricos e culturais, possuem um elevado nível de capital social, que é difundido pelas redes sociais pois a confiança, que é um dos elementos principais na construção de relações de cooperação e de organização social, ficou bem evidenciada. Todos esses aspectos tornam significativas as influências que a cultura árabe tem desempenhado na construção tanto do cotidiano citadino, como no crescimento em termos econômico da fronteira de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY).

#### **4.4 Aspectos relacionados à cultura árabe, expressa nas ações dos comerciantes árabes e alguns estereótipos**

Uma das hipóteses propostas nesta pesquisa enfatiza que os valores culturais contribuem para as ações econômicas, sociais e políticas de um determinado grupo social. Diante das análises dos estudos bibliográficos e das entrevistas, foi possível constatar alguns aspectos da cultura árabe que contribuíram para as ações econômicas dos imigrantes atuantes no comércio.

Conforme Alves (2014, p. 112), o comerciante árabe tem algumas características que o diferencia dos demais comerciantes da região, “ele está sempre atento às negociações

---

<sup>43</sup>Pessoa da mesma pátria ou localidade, um compatriota, conterrâneo

comerciais, a sua prática comercial é marcada pela pechincha, melhor oferta, valorização do cliente, valorizando a negociação popular e o trabalho”, ou ainda:

O comerciante empreendedor investe, investe e arrisca, tem um jogo de cintura, uma inteligência emocional para trabalhar em meio a crises do setor comercial, financeiro, produtivo, enfim, qualquer crise que acabe por afetar o setor comercial (ALVES, 2014, p. 89).

Portanto, os árabes são vistos como empreendedores inovadores, mas não no sentido de criar uma tecnologia propriamente dita e, sim da arte de negociar, empreender, de importar novidades de consumo para seus clientes e trazer algo novo que ainda não está sendo comercializado na região. Um exemplo disso é o mais novo centro de eventos da fronteira. O *Majestic Hall* localizado em Pedro Juan Caballero-PY coloca a cidade como um polo nesse segmento, sendo um dos melhores centros de eventos do MS.

**Figura 20** - Centro de eventos *Majestic Hall*



Fonte: Acervo Pedro Mezher (2018).

**Figura 21** - Interior do centro *Majestic Hall*



Fonte: Acervo pessoal Pedro Mezher (2018).

Já a respeito das práticas comerciais, outra característica marcante no comércio dos árabes é a prática do desconto: as transações comerciais (venda de produtos) tendem a se concretizar por preços mais baixos do que a do catálogo.

Os árabes são popularmente conhecidos no Brasil como excelentes comerciantes e sua forma de fazer negócios está relacionada à sua cultura. Um comerciante árabe sempre irá atender ao seu cliente, não deixando essa função exclusivamente para os funcionários da empresa, negociando os preços dos produtos:

Então a gente não quer perder oportunidade, quando entra um cliente na loja a gente faz de tudo para vender para ele, para não perder a oportunidade de vender, tipo tem loja que entra cliente e não está nem aí para ele, a gente não, quer conquistar cada dia mais clientela. (ENTREVISTADO B, CONCEDIDA EM 15 DE NOVEMBRO DE 2019).

Segundo os próprios migrantes, a percepção é que:

Bom eu acho que está no sangue não tem outra explicação, que já é costume, você vê um árabe só compra e vende, e o árabe sempre quer ir para a frente, sempre tem isso na mente dele (ENTREVISTADO E, CONCEDIDA EM 17 DE OUTUBRO DE 2019).



Na verdade, o comércio não é um fator genético e sim social/cultural, embora a percepção possa muitas vezes sugerir o inverso. Por exemplo, a escolha da atividade econômica pelos imigrantes árabes pioneiros (comércio) também está relacionada à falta de opção de trabalho para os migrantes, ou seja, deixa-se o *mascatear* como porta de entrada para os próximos imigrantes. É, portanto, uma estratégia para todo o grupo árabe.

Somado a isso, Truzzi afirma que:

É óbvio também que as opções e percepções na nova terra dos que migraram sofreram enorme influência das experiências e da cultura anterior ao deslocamento transoceânico, próprio da terra de origem. Tome-se como exemplo a adesão maciça dos imigrantes às atividades de mascateação no Brasil. Essa decisão não derivou, como popularmente se diz, de uma característica “que está no sangue da colônia”, naturalizada como atributo, mas sim do confronto entre a experiência anterior, de proprietário rural familiar independente e a realidade do latifúndio cafeicultor paulista (e de modo geral das dificuldades de acesso à propriedade rural do Brasil) (TRUZZI, 2007, p. 152).

A partir dessas noções, constata-se que a visão do comércio, bem como a forma de negociar, é passada de geração em geração. Nas entrevistas, os imigrantes árabes relatam dois aspectos culturais que influenciam suas ações econômicas e são características dos libaneses muçulmanos atuantes no comércio fronteiriço: i) é responsabilidade do homem sustentar a família, ou seja, para se casar, é necessário ter condições financeiras para arcar com toda a despesa familiar; ii) o imigrante tem que ajudar a família que ficou no país de origem.

Por esses motivos, muitas vezes, os árabes são chamados de avarentos, pois eles tendem a ter elevadas taxas de poupança para poder ajudar sua família e/ou reinvestir no comércio. Isso revela a necessidade e prioridade dos imigrantes árabes pelo trabalho.

Cara para os árabes, é que geralmente o árabe ele consegue muitas vezes e ele vê que não tem nada e ele acaba tipo mudando a vida dele aqui. Porque o que acontece o árabe ele sabe guardar o dinheiro, entendeu ele só usa o necessário, por exemplo aqui eu já tive amigos brasileiros que trabalham no comércio e eu ouvia por exemplo já tirei o churrasco do final de semana, entendeu. O libanês não pensa nisso ele pensa em guardar dinheiro para ele tentar fazer alguma coisa para melhorar o negócio dele, sabe, hoje não, hoje você vê muito brasileiro que prospera. O libanês ele guarda muito dinheiro tipo ele junta e não esse aqui eu vou mandar para minha família e esse aqui vou ficar guardado. Tipo o brasileiro por exemplo todo final de semana ele vai sair praticamente todo final de semana ele vai comprar uma roupa diferente, o libanês não é assim, eu prefiro guardar esse dinheiro para mandar para minha família ou comprar mercadoria no futuro, assim que é mais ou menos, eles pensam assim, por exemplo ele vai comprar um carro ele fala não mais para que eu vou comprar esse carro agora? Se eu estou conseguindo ir e vir esse dinheiro prefiro mandar para o Líbano para minha família e guardar uma parte dele para melhorar o negócio. Eles pensam assim, eles falam isso mesmo (ENTREVISTADO F, CONCEDIDA EM 22 DE OUTUBRO DE 2019).



Em resumo, é possível afirmar que a presença árabe influenciou de forma positiva o comércio fronteiriço. Os imigrantes pioneiros deram forma ao comércio de Ponta Porã-MS, além de serem o elo de atração para os demais imigrantes que estão estabelecidos hoje em Pedro Juan Caballero. Evidentemente, as contribuições não se limitam ao comércio, pois a migração carrega consigo aspectos da cultura e da sua história. A língua, a gastronomia, os valores e hábitos sociais estão no dia a dia da comunidade árabe. A comunidade, a família e a religião são instituições de extrema importância para a comunidade árabe, e é preservada diariamente pelos imigrantes árabes no intuito de proporcionar uma conexão com seus hábitos, sua história e sua cultura.

A esse respeito, merecem destaque dois depoimentos. O primeiro, enfatiza a necessidade de se preservar a cultura; o outro, destaca que certos elementos culturais dos árabes já estão enraizados na sociedade fronteiriça.

Nossos hábitos estão presentes todo dia né, a religião nós rezamos cinco vezes por dia e isso se faz diariamente, o costume é a mesma coisa, eu sempre falo nós que moramos aqui, nós cumprimos o costume mais do que os que moram lá, a tradição para não perder, as vezes nos fazemos coisas aqui que não fazemos lá (ENTREVISTADO E, CONCEDIDA 13 DE OUTUBRO DE 2019).

O *arguile* já está virando cultura brasileira já, estou aqui há mais de 25 anos já parece tudo igual para mim, e parece que muitas coisas já tinham antes, mas não tinha não, fomos nós que trazemos mesmo, por isso nem lembrei de comida ou *arguile* já está tudo normal aqui (ENTREVISTADO A, CONCEDIDA EM 18 DE JULHO DE 2018).

Com o decorrer deste estudo, buscou-se incitar reflexões acerca da influência de alguns aspectos da cultura árabe na região fronteiriça de Ponta Porã-MS e de Pedro Juan Caballero-PY. Além disso, visou-se entender como os laços, as relações e os valores predominantes da cultura dos árabes, ou seja, o capital social deste grupo étnico contribui para a dinâmica comercial. O imigrante árabe pode também ser visto como um ator social, pois os aspectos direcionados à sua cultura vincula-se com valores como a lealdade, confiança, cooperação, e a valorização familiar.

Portanto, identificou-se que os reflexos dessa imigração estão justamente na sua forma de fazer comércio e sua cultura, os árabes são facilmente diferenciados de outros comerciantes, com a vontade de empreender e de diversificar suas mercadorias, suas lojas, enfim, de buscar sempre valorizar o cliente criando um ambiente não só atraente, mas também de qualidade e bom preço. Esses fatores foram fundamentais para que esses imigrantes pudessem prosperar, que ao fazer poupança e acumular capital mais lojas foram abertas no intuito de trazer familiares e amigos. Assim, acabou sendo gerada uma “manutenção” e expansão da imigração árabe para

a fronteira binacional analisada, que foi percebida como uma vantagem comparativa e estratégica para esses povos.

## **5 CONCLUSÃO**

O cenário fronteiriço tem particularidades que propiciam o surgimento de diversas relações (algumas favoráveis outras nem tanto) no âmbito social, econômico, político e cultural, presentes e indissociáveis nas historicidades desses locais. Uma dessas particularidades é a ampla diversidade cultural, consequência do processo migratório dos mais diversos grupos de imigrantes internacionais que compõem o comércio da fronteira.

Nesse contexto, o estudo buscou-se incitar reflexões acerca de alguns aspectos da cultura árabe e sua influência na região fronteiriça entre Ponta Porã e de Pedro Juan Caballero. Inicialmente, retomou-se as origens desses povos, a partir de aspectos da história geral do Oriente Médio. Destaca-se a confusão quanto a generalização entre árabes, muçulmanos, turcos, sírios e libaneses.

Compreende-se que o termo árabe está mais relacionado a uma organização social e não a uma etnia. Contudo, o termo árabe usado ao longo do trabalho foi utilizado para designar os imigrantes sírios e libaneses que emigraram para o Brasil e especificamente na fronteira objeto de estudo.

Após descrever esse contexto histórico e cultural, pode-se entender que as principais causas da emigração árabe estão relacionadas aos fatores econômicos-demográficos e político-religioso. Historicamente, o Líbano e a Síria foram palco de diversos conflitos, muitos dos quais impulsionaram a emigração de povos que ali habitavam. Cabe ressaltar que os árabes foram povos dominados e dominadores. A presença dessa cultura na sociedade brasileira antecedeu o processo migratório, no período das grandes navegações boa parte da cultura árabe fora trazida pelos espanhóis e portugueses devido a longa presença dos árabes na Península Ibérica. Observa-se que os aspectos culturais dos árabes se mantiveram em várias vertentes do processo migratório na América do Sul, não só pelos árabes, mas também por povos ibéricos. Isto evidencia que o conservadorismo e as raízes dessa cultura foram incorporados a uma nova realidade, como foi o caso das áreas de fronteiras.

Nessa dissertação, estudamos a presença árabe na fronteira de Ponta Porã-MS e Pedro Juan Caballero-PY e sua relação com o desenvolvimento regional. Diante da abrangência da temática, ampliamos a necessidade da compreensão acerca de aspectos que interferem no processo evolutivo que vão além de um viés estritamente econômico. Entre estes aspectos, destaca-se a cultura de determinado grupo social, ou étnico, como é o caso dos árabes.

O tema carece de dados e de fontes bibliográficas. Sendo assim, enfrentamos algumas dificuldades. Em parte, porque estudos sobre o fenômeno migratório dos árabes de modo geral, são escassos na região. Ademais a literatura nacional que versa sobre a imigração árabe é escassa em comparação com de outras etnias (principalmente a imigração europeia) nas quais são evidenciadas com maior ênfase. Portanto a pesquisa não pode ser restringida apenas por embasamentos bibliográfico. Nesse sentido, um aspecto de extrema relevância para essa investigação foi a pesquisa de campo, e a realização de entrevistas com os imigrantes árabes descendentes a partir da metodologia história oral. Com a adoção dessa metodologia foi plausível contemplar relativamente a escassez de informações sobre o tema. Ainda houve limitações quanto a aplicação das entrevistas a saber: i) por ser realizada dentro das lojas comerciais, muitas vezes as entrevistas foram interrompidas toda vez que aparecia algum cliente – logo, a mesma demandou um tempo maior para sua aplicação; ii) os imigrantes que chegaram a pouco tempo ainda não dominam o português; iii) em muitas entrevistas as histórias se repetiam, principalmente sobre a trajetória migratória, o ano de chegada, os motivos entre outros. Outro desafio foi relacionar cultura e desenvolvimento, (dado que suas definições abrangem múltiplas dimensões e diversas áreas do conhecimento). Buscou-se inspiração na obra de Celso Furtado, para quem o desenvolvimento deve ser entendido como um processo cultural e histórico que atende a um sistema de dominação social.

Partindo-se desse pensamento, buscamos ainda elucidar a interdisciplinaridade dos fundamentos teóricos usados nessa dissertação na qual foram essenciais para compreensão da relação entre cultura árabe e desenvolvimento. Visto que o desenvolvimento econômico não pode ser pensado somente através da impessoalidade e da racionalidade, questões como as redes sociais o capital social e cultura podem influenciar nesse processo, além disso deve-se levar em consideração os fundamentos sociais envolvidos nas relações econômicas. Dessa forma, pode-se afirmar que o conceito de capital social e redes sociais fazem parte de um conjunto de teorias e pesquisas denominadas, nos dias atuais, de sociologia econômica, na qual foram fundamentais para entender as relações dos fundamentos propriamente sociais dos fenômenos econômicos. Dentro desse debate aparece o conceito da economia étnica que foi a variável chave para explicar a concentração dos imigrantes árabes no comércio e sua atuação no setor de eletrônicos em geral bem como a manutenção dessa imigração para a fronteira.

De modo geral, observa-se que a literatura que versa sobre a imigração árabe relaciona essa imigração com o comércio, o que evidencia que esse é um aspecto comum de atuação entre os imigrantes árabes. Portanto o impacto dessa imigração está relacionado com sua forma de

fazer negócios que já está enraizado entre os árabes. Longe de ser um fator genético, o comércio é um aspecto cultural e social. Evidencia-se, assim, a importância da valorização cultural.

Cabe destacar que a formação da comunidade árabe na fronteira apresentou-se como uma continuidade local, da imigração internacional, oriunda da segunda leva migratória. Em outras palavras, os imigrantes árabes já estabelecidos no Brasil, se dispersaram por praticamente todo território brasileiro, integrando-se as regiões fronteiriças. Pontando, fixaram-se primeiro em Ponta Porã-MS, mascateando, abrindo suas lojas comerciais e, posteriormente, foram para Pedro Juan Caballero. A dinâmica do turismo de compra no Paraguai proporciona melhores oportunidades comerciais.

As expectativas iniciais ao chegarem na fronteira estavam relacionados com a ideia de trabalhar, juntar dinheiro para ajudar a família e poder retornar ao seu país de origem. Entretanto após se estabelecerem na fronteira, conseguiram prosperar, ajudar a família e até mesmo trazer familiares para o Brasil e Paraguai. A realização profissional e as oportunidades de sucesso econômico aliados a debilidade econômica na terra de origem são fatores que contribuíram para a fixação dos imigrantes árabes na fronteira. Além do mais constatou-se a ascensão social dos filhos dos imigrantes árabes, sendo perceptível a inserção dos descendentes nas profissões liberais.

Os imigrantes árabes tiveram um papel fundamental ao visualizarem as tendências e nichos explorados no tecido econômico. Historicamente, investigando a conformação dos imigrantes árabes no comércio, constata-se que a experiência dos imigrantes pioneiros contribuiu para a fixação dos árabes na região, bem como para concentração no setor de eletrônicos.

A ajuda entre os imigrantes relacionadas as oportunidades de trabalho ocorrem através de créditos ou mercadorias, pois a intenção é que cada imigrante que vem tenha seu próprio comércio. Identificamos três fatores que colaboram para essa ascensão econômica: i) informações; ii) conhecimento e iii) confiança. Ou seja, essas redes de créditos contribuem para a fixação dos árabes na região de fronteira. Esses três fatores formam o capital social dos imigrantes árabes e depende da quantidade de relações na rede que ele pode mover.

Percebemos que a visão que o imigrante árabe tem quanto ao desenvolvimento econômico relaciona-se ao aumento da capacidade produtiva da economia, ou seja, voltada para a noção de crescimento econômico, eles abordam suas contribuições na geração de emprego e renda, no pagamento de imposto, na construção civil, investimentos em imóveis, entre outros.

No entanto, é possível observar que as lojas comerciais, os restaurantes, tabacarias, e demais empreendimentos, dos imigrantes árabes mesmo que indiretamente contribuíram para a

geração de emprego e renda na fronteira. Ademais eles representam quase a totalidade das lojas no setor de eletrônicos em geral, acompanhando as tendências da demanda e mercado mundial. A especialização nesse setor, só foi possível pelo elevado nível de capital social difundidos entre os árabes fazendo com que as habilidades comerciais passassem de geração a geração, se tornando um aspecto cultural entre os árabes. Isso reflete na melhoria da qualidade de vida dos imigrantes árabes, pois eles conseguiram prosperar, elevando sua renda, ajudando também seus demais familiares.

Fica evidente que o protagonismo dos árabes locais foi determinante para o crescimento e expansão do comércio fronteiriço. Essa evidência relaciona-se com os pressupostos relacionados com o capital social, difundidos através de redes, pois o imigrante árabe pode também ser visto como um ator social, visto que os aspectos direcionados à sua cultura vinculam-se com valores como a lealdade, confiança, cooperação e a valorização familiar.

Diante do principal objetivo proposto pelo trabalho, vale uma reflexão sobre as contribuições da cultura árabe para o desenvolvimento local e regional, bem como as perspectivas de contribuições futuras. No entanto, cabe mencionar algumas contribuições culturais desses povos para a sociedade fronteiriça: a culinária, em qualquer padaria é possível encontrar kibe, esfiha, nos restaurantes é possível encontrar homus, tabule, kibe cru, charuto ou *malfuf*, o que significa que a culinária árabe já faz parte do cotidiano dos fronteiriços. O Arguile, hoje é notável diversas tabacarias espalhadas pela fronteira, inclusive em bares noturnos. Diante disso fica notável que a contribuição cultural trazida pelos imigrantes árabes é maior do que outros grupos étnicos que atuam no comércio.

Além disso as evidências da expressão da cultura árabe na fronteira, explicitam-se pela mesquita, pela igreja maronita, restaurantes e lojas, que podem contribuir para a diversificação dos projetos turísticos locais. A contribuição para a cultura local, no entanto são de ordem material e imaterial.

Historicamente a influência e herança cultural dos árabes vai muito além das mencionadas, porém ao refletir em o que poderia ser feito para que a região pudesse explorar mais aspectos de assimilação cultural dessa imigração observa-se que existem muitos aspectos que ainda falta na fronteira para se fazer notar a presença árabe, tais como: i) Escolas para os árabes, ii) criação de um clube para reunir e expor suas práticas culturais iii) um comércio árabe, mais especificamente um mercado, pois ainda é difícil encontrar temperos, especiarias entre outros itens iv) pode-se explorar a culinária árabe para além das que já está enraizada em nossa sociedade.

Existem outros aspectos da cultura árabe a ser explorados também, a arte islâmica, danças como a dança do ventre e o *dabke* (uma das expressões artísticas mais antiga entre os árabes e em qualquer reunião festiva o *dabke* é “obrigatório”) essas danças poderão render shows e apresentações. Correlacionado com as danças apresenta-se também a possibilidade de aulas instrumentais dos árabes tais como o *Derback* (principal instrumento da dança do ventre).

A divulgação e difusão dessa cultura tem um potencial social e econômico e podem fomentar e contribuir para a diversificação do turismo na fronteira que juntos com os aspectos da cultura local, colocariam a fronteira em um patamar cultural peculiar, atraindo turistas não só para a realização de compras no lado paraguaio da fronteira, mas também para usufruírem da diversidade cultural presente nessa fronteira.

Entretanto, são essas as perspectivas de contribuições futuras, além de novos empreendimentos que os imigrantes árabes fazem, que podem também potencializar outros segmentos, gerando empregos, renda e riqueza para a região, por exemplo a construção do centro de Eventos *Majestic Hall* que será inaugurado ainda esse ano.

Diferente de outras análises esse estudo se preocupou-se em demonstrar as múltiplas dimensões da cultura, ou seja, como os valores e hábitos culturais influenciam as relações estabelecidas por esse grupo social e interferem em partes no desenvolvimento da região em estudo, dado que os árabes têm um potencial de preservar sua cultura mesmo que estejam inseridos em uma outra sociedade,

Esse estudo não esgota o fenômeno estudado, porém pode contribuir para estudos futuros, visando suprir as limitações e lacunas encontradas neste, em termos de investigação sobre a cultura árabe, existem muitos aspectos a ser explorado, principalmente em outra cidade fronteira desse estado.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Revista Economia Aplicada**, nº 2, 2000.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, Rio de Janeiro 2018.

ALVES, Cinara Neumann. **Cultura árabe e desenvolvimento econômico em regiões fronteiriças do sul do Brasil**: a presença árabe no comércio de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai). 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Universidade de Santa Cruz do Sul, 2014.

ASSEF, Liane Chipollino. Um olhar sobre a presença árabe na fronteira. **Estudios Historicos**, año VI, n.12, jul. 2014. Disponível em: <<http://www.estudioshistoricos.org/12/artigo%20liane%20chipollino%20julio%202014.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro. Turismo e fronteira: integração cultural e tensões identitárias na divisa do Brasil com o Paraguai. PASOS. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, n. 9, p. 7-18. 2011.

\_\_\_\_\_. Mercado popular na fronteira do Paraguai com o Brasil: parâmetros de legalidade e relações de alteridade. In: V Reunião Equatorial de Antropologia e XIV Reunião Mde Antropologia do Norte e Nordeste. **Anais...** [...]. Maceió, 2015.

BARBOSA, Luana Maria Gutierrez. **Imigrantes Árabes na Fronteira de Pedro Juan Caballero (PY) e Ponta Porã (BR)**: Relações comerciais, de casamentos e práticas religiosas / Luana Maria Gutierrez Barbosa. Dourados: UFGD, 2018. 124f.

BOISIER, Sergio. **Conversacionessociales y desarrollo regional: potenciación del capital sinérgico y creación de sinérgia cognitiva en una región (Región Del Maule, Chile)**. Talca: Universidad de Talca, 2000.

BORJA, Br. **Notas sobre a dimensão Cultural em Celso Furtado**. In: D´AGUIAR, R.F. (Org). Celso Furtado e a dimensão cultural do desenvolvimento. Rio de Janeiro: E-papers: Centro Internacional Celso Furtado, p. 125–153, 2013.

BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. **São Paulo em Perspectiva**. Vol. 15, n.2, abr./jun., p.73-83, São Paulo, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL, Lei complementar nº 31, de 11 de outubro de 1977. Cria o Estado de Mato Grosso do Sul e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 12 out. 1977, p.13725.

BRASIL, Emmanuel de Nazareth. **Migração Síria contemporânea: da partida a (re) inserção**. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais). Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

BUCHABQUI, Jorge, Alberto. **Das civilizações à imigração libanesa**: um pequeno resgate histórico. Vol. 1, [Série: Os Sírio-libaneses]. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

CABREIRA, Marcia Maria. Cultura e identidade em São Paulo: a imigração síria e libanesa. **EccoS Revista Científica**, n. 3, v. 1, 93-103, 2001.

CARLEIAL, Adelita Neto. Redes sociais entre imigrantes. **Anais Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Caxambu – MG: ABEP: 2004.

COGGIOLA, Osvaldo. **A Revolução Árabe e o Islã**: Entre Pan-arabismo, Pan-islamismo e Socialismo. São Paulo: 2016.

CANEDO, Daniele. Cultura é o que? Reflexões sobre os conceitos de cultura e atuações dos governos públicos. V Encontro Multidisciplinar em Cultura. **Anais...** [...], Salvador, 2009.

CARDONA, S. A. **História de Pedro Juan Caballero**. 2018. Disponível em: <<http://www.municipalidadpjc.gov.py/historia.php>>. Acesso em: 24 out. 2019.

CASTRO, Cristina Maria de. **A construção de identidades muçulmanas no Brasil**: um estudo das comunidades sunitas da cidade de Campinas e do bairro paulistano do Brás. 2007. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

COLEMAN, James S. Social Capital in the creation of human capital. **The American Journal of Sociology**, Vol. 94, Supplements: Organizations and institutions: Sociological and Economic Approaches to the Analysis of social structure, 1988.

CRUZ, Eduardo. Picanço.; FALCÃO, Roberto. Pessoa de Queiroz.; BARRETO, Cesar. Ramos. Estudo exploratório do empreendedorismo imigrante brasileiro em Pompano Beach e Orlando – EUA. **Revista Gestão e Planejamento**. Salvador, 2017

CRUZ, Eduardo Picanço; FALCÃO, Roberto. Pessoa de Queiroz. Revisão bibliométrica no tema Empreendedorismo Imigrante e Étnico. **Internext**, v. 11, n. 3, p. 78-94, 2017.

CRUZ, Eduardo. Picanço.; FALCÃO, Roberto. Pessoa de Queiroz.; MANCEBO, Rafael. Cuba.; CASTRO, Andreia. Ribeiro. Carvalho. Trajetórias do empreendedorismo imigrante e estratégias de mercado a partir das experiências de brasileiros no exterior. **Cadernos de Gestão e empreendedorismo**, v. 5, n. 2, p. 37-54, 2017.

CRUZ, Eduardo. Picanço.; FALCÃO, Roberto. Pessoa de Queiroz.; PETRI, Fernando. Celso. Explorando o empreendedorismo do enclave brasileiro no sul da Flórida. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**. v. 11. n. 1. 2018.

CUNHA, Alexandre. M.; BRITTO, Gustavo. When development meets culture: The contribution of Celso Furtado in the 1970s. **Cambridge Journal of Economics**, v. 42, n. 1, p. 177–198, 2018

DINIZ, Gislene. Cordeiro da Silva; GUIMARÃES, Liliane de Oliveira.; FERNANDES, Duval. Magalhães. Empreendedorismo imigrante e étnico: o papel das redes sociais no



processo empreendedor de um imigrante Sírio no Brasil. **Revista Eletrônica de Negócios Internacionais**. São Paulo, 2019.

DGEEC - Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos. **Condiciones de Vida**. Asunción: 2002. Disponível em: <<http://www.dgeec.gov.py/>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

DORNELAS, Juliana, Gomes. **Na América, a Esperança**: os imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes em Juiz de Fora, Minas Gerais (1890-1940). 2008. Dissertação de mestrado Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008.

DUCCI, Norma. Pimenta. Cirilo.; TEIXEIRA, Rivanda. Meira. As redes sociais dos empreendedores na formação do capital social: um estudo de casos múltiplos em municípios do norte pioneiro no estado do Paraná. **Cadernos EBAPE**, v. 9, n. 4, p. 967-997, 2011.

EL-MOOR, Patrícia Dario. O Reconhecimento da Presença Árabe no Brasil: na busca de uma identidade Nacional. *In*: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. **Anais...** [...] Salvador, 2011.

FAULSTICH, Enilde; CARVALHO, Elzamária Araújo. Aspectos de herança da língua árabe na língua portuguesa pontos de terminologia. **Debate Terminológico**, n. 02, 2006.

FIALHO, Joaquim. O Capital Social no Contexto da Teoria Sociológica Contemporânea. **Revista Desenvolvimento e Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 69-82, 2016.

FRANCISCO, Júlio Cezar Bittencourt. **Dos Cedros aos Pampas**: Imigração sírio-libanesa no Rio Grande Do Sul, identidade e assimilação (1890-1949). 2017. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História, PUCRS, Porto Alegre: 2017.

FURTADO, Celso. A economia Latino-Americana: formação histórica e problemas contemporâneos. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2007.

\_\_\_\_\_. Criatividade e Dependência na civilização industrial. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2008.

\_\_\_\_\_. Cultura e desenvolvimento em época de crise. São Paulo: **Paz e Terra**, 1984.

\_\_\_\_\_. O longo amanhecer: Reflexões sobre a formação do Brasil. São Paulo: **Paz e Terra**, 1999.

\_\_\_\_\_. Teoria e política do desenvolvimento econômico. São Paulo: **Paz e Terra** (10th ed.), 2000.

FUSCO, Wilson. Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares. **UNICAMP**. Núcleo de Estudos de População, 2001.

GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil**: história oral de imigrantes. Salvador: Pontocom, 2012.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katálisis**, n. 10, p. 83-92, 2007.

GRANOVETTER, Mark. “Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão”. In: MARTES, Ana Cristina Braga (org.). **Redes e sociologia econômica**. São Carlos: EdUFSCar, 2009, p. 31-68.

\_\_\_\_\_. Getting a job: a study of contacts and careers. Cambridge, MA: **Harvard University Press**, 1974.

GRUN, Roberto. Economia étnica, teoria economia e a "escola da vida". **Pro-posições**, v. 9, n. 1, p. 92-112, 1998.

HADJAB, Patrícia Dario El-Moor. **Alimentação, memória e identidades árabes no Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de pós-graduação em Sociologia. Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

HAJJAR, Claude Fahd. **Imigração Árabe: 100 anos de reflexão**. São Paulo: Cone, 1985.

HALTER, Marylin. Cultura econômica do empreendimento étnico: caminhos da imigração ao empreendedorismo. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v. 01, n. 47 p. 116-123, 2007.

IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento: território brasileiro e povoamento**. Disponível em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento.html>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Informações sobre Ponta Porã**. 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/ponta-pora/historico>> Acesso em: 15 jul. 2018.

JARDIM, Denise Fagundes. **Palestinos no extremo-sul do Brasil: identidade étnica e os mecanismos sociais de produção da etnicidade**. 2000, 498 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

JUNIOR, Luciano Alexandrino Santos; CARDOZO, José Carlos Silva. Chuí, uma extensão do Oriente Médio na América Latina: A migração Palestina e a contribuição da cultura árabe na Fronteira Meridional do Brasil. **RELA Cult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 3, n. 3, 2017

KADRI, Jorge Geraldo; SALONE, Roberto Aldo. Brasil e Líbano: muito mais que “brimos”. In: **Brasil - Líbano: Legado e Futuro**. SCHERER, L. M.; GOULART, F. H. L.; VELOSO, P. A. F. (orgs.). Brasília: FUNAG, 2017.

KNOWLTON, Clark. S. **Sírios e Libaneses: mobilidade social e especial**. São Paulo: Anhembi, 1960.

LAMBERTI, Eliana. **Dinâmica comercial no território de fronteira:** reexportação e territorialidade na conurbação Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. 2006. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Programa de pós-graduação em Geografia. Dissertação de Mestrado. 2006.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **A contribuição árabe para o Brasil:** Um esboço acerca da influência árabe no Brasil colônia. 2012. Disponível em: <<https://rafaellapuate.files.wordpress.com/2012/11/brasil-c3a1rabe.pdf>> Acesso em: 15 out. 2017.

LIGHT, I.; KARAGEORGIS, S. “*The ethnic economy*”. In: SMELSER, N.; SWEDBERG, R. (Eds.). ***The Handbook of Economic Sociology***. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994.

LIMA, Cesar Rocha. **Assalamu Alaykum:** o Islã no Brasil e os processos sociais utilizados para a (re) construção da imagem elaborada pelos meios de comunicação de massa a partir de 11 de setembro de 2001. 2019. Tese (Doutorado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

LIMA FILHO, Sebastião. Correia. de. Capital social e desenvolvimento sustentável: a experiência de Campo do Brito/SE. **Documentos Técnico-Científicos**, v. 42, n. 1, p. 139-163, jan./mar. 2011.

LINHARES, Maria Yeda. **O Oriente Médio e o mundo árabe**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MARSDEN, Peter. Egocentric and sociocentric measures of network centrality. **Social Network**, nº 24, 2002, p. 407-422.

MARTES, Ana. Cristina. Braga.; DIMITRI, Fazito. ***Solidarity and social networks:*** economic sociology of internacional migration and the Brazilian case. *Max Planck Institute for the Study of Societes*. 2010.

MARTINS, Patrícia Cristina Statella. A formação do território turístico de Pedro Juan Caballero (Paraguai). **Dissertação de Mestrado**. Aquidauana: UFMS, 2007.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ??**, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011.

MISSAOUI, Fatima Zohra. **La presencia árabe en América Latina y su aportación literaria en Brasil, Cuba y Colombia**. 2015. Disponível em: <[https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca\\_ele/publicaciones\\_centros/PDF/oran\\_2015/08\\_zohra.pdf](https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/publicaciones_centros/PDF/oran_2015/08_zohra.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2017.

MISSIO, Fabricio. José.; RIVAS, Rozimare. Marina. Rodrigues. Aspectos da Formação Econômica de Mato Grosso do Sul. **Revista de Estudos Econômicos (USP)**, v. 3, n. 49, p. 601-632, 2019.

MISSIO, Fabricio. José.; Martins, H. Development and culture: in search of a lost agenda. **Nova Economia**, n. especial, 2020 (no prelo).

MIZRUCHI, Mark. “Análise de redes sociais: avanços recentes e controvérsias atuais”. In: MARTES, Ana Cristina Braga (org.). **Redes e sociologia econômica**. São Carlos: EdUFSCar, 2009, p. 131-159.

MONTENEGRO, Silvia. Imigrantes árabes na fronteira sul-americana: narrativas de trabalho, religião e futuros imaginados. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 9-30, jun. 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/16125>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

NORONHA, Claudia. Lima. Ayer. Quais os efeitos da economia étnica sobre a empregabilidade e os rendimentos dos imigrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro? **Dissertação**. Belo Horizonte, 2013.

NUNES, Heliane Prudente. Identidade e História do mundo árabe. In: **Memória e região**. SANDES, N. F. (Org). Universidade Federal de Goiás. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2002-

NUNES, Heliane, Prudente. **A imigração síria e libanesa nos Estados Unidos e Brasil: uma perspectiva comparativa**, 1996, p. 131-156.

OLIVEIRA, Márcia Regina Cassanho. **Imigração Sírio-Libanesa em Campo Grande e o Clube Libanês**. UFGD, Dourados, 2010.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (Coordenador). **Perspectivas para o meio ambiente urbano**: GEO Ponta Porã. Mato Grosso do Sul, Campo Grande: [s.n.], 2010. Disponível em: <<http://www.pnuma.org/deat1/pdf/2010%20-%20GEO%20Ponta%20Pora.pdf>>. Acesso em: 15 Abr. 2018.

OLIVEIRA, Tito. Carlos. Machado. de. Tipologia das relações fronteiriças: elementos para o debate teórico-práticos. In: \_\_\_\_\_. **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: Editora UFMS, 2005.

OSMAN Samira Adel. Mascates árabes em São Paulo: concentração urbana e inserção econômica. In: **Revista Cordis - Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, n. 2, 2009a.

OSMAN, Samira Adel. **Registros da experiência na história**. ICArabe, 2009b. Disponível em: <<http://www.icarabe.org/artigos/registros-da-experiencia-na-historia>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

OSMAN, Samira. Adel. (2006). **Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida**. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PERONI, Chiara., RIILIO, Cesare. Antonio.; SARRACINO, Franceso. *Entrepreneurship and immigration: evidence from GEM Luxembourg*. **Small Business Economics**. 2016

PORTES, Alejandro. Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 33, p. 133-158, 2000.

PORTES, Alejandro. "Economic Sociology and the Sociology of Immigration: a conceptual overview". In: *The Economic Sociology of Immigration. Essays on networks, Ethnicity and Entrepreneurship*. New York: Russel Sage Foundation, 1995.

\_\_\_\_\_. *Social Capital: its origins and applications in Modern Sociology*. **Rev. Sociol.**, 24:1-24, 1998.

POWELL, Walter; SMITH-DOERR, Laurel. "Networks and Economic Life". In: SMELSER, Neil; SWEDBERG, Richard. *The Handbook of Economic Sociology*, **Russel Sage Foundation**, 1994, p. 368-402.

PORTUGAL, Ana Raquel. O Legado Árabe no Brasil. **Revista Ibérica**. v. 5, p. 4-21. Juiz de Fora, 2011.

PUTNAM, Robert. David. *The prosperous community: social capital and public life*. American Prospect, 13, 35-42, 1993.

PUTNAM, Robert David. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**/ Robert David. Putnam, com Robert Leonardi e Raffaella Y. Nanetti; tradução Luiz Alberto Monjardim. – 5 ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RABOSSI, Fernando. Árabes e muçulmanos em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este: notas para uma reinterpretação. In: **Mundos em Movimento: Ensaio sobre migrações**. SEYFERTH, G.; PÓVOA, H.; ZANINI, M.C.; SANTOS, M. (orgs.). Santa Maria: Editora da UFSM, 2007.

RABOSSI, Fernando. Nas ruas de Ciudad del Este. **Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional-UFRJ**, 2004.

RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (Org.). **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2005.

RAUDI-MATTEDI, Cécile. Análise crítica da sociologia econômica de Mark Granovetter: os limites de uma leitura do mercado em termos de redes e imbricação. **Revista Política & Sociedade**, nº 6, Abril/2005, p. 59-82.

RODRIGUEZ, Carlos. L.; MARTES, Ana. Cristina. Braga. Afiliação religiosa e empreendedorismo étnico: o caso dos brasileiros nos Estados Unidos. **Revista de Administração Contemporânea - RAC**, v. 8, n. 3, 2004.

ROSA, Michelle; CASTELÃO, Raul. Asseff. Os árabes em Corumbá: uma rede de cooperação. Albuquerque. **Revista de história**, v. 6, n. 12. jul-dez. p. 70-86, 2014.

SACHS, Ignacy. Sociedade, cultura e meio ambiente. In: **Mundo & Vida: alternativas em estudos ambientais**, n. 1, jan.-dez. Niterói: UFF-PGCA, p.7-14, 2000.

SALINAS, Samuel Sérgio. **Islã: Esse desconhecido**. Séculos VII-XIII. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.

SANTOS, Clenise Maria Reis Capellani dos. **A alimentação como processo de integração da comunidade Árabe em Foz do Iguaçu**. Dissertação de mestrado- Programa de Pós-graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras. Unioeste, Foz do Iguaçu, 2013.

SANTOS, Milton. Técnicas espaço tempo: globalização e meio técnico - **científico – informacional**. São Paulo, maio de 1994.

SANTOS, Félix Requena. Redes sociales y mercado de trabajo. **Elementos para una teoría del capital relacional**. Madrid, CIS-Siglo veintiuno, 1991.

SASSEN, Saskia. “Immigration and Local Labor Markets”. In: PORTES, Alejandro (org.). The Economic Sociology of Immigration. Essays on networks, **Ethnicity and Entrepreneurship**. New York: Russel Sage Foundation, 1995, p. 87-127.

SOUZA, Roney Salina de. **Assafaru: A viagem Imigrantes Sírios Libaneses em Dourados**. Dourados: Editora UEMS, 2008.

\_\_\_\_\_. **Imigração árabe no Pantanal**. IV Congresso Internacional de História Maringá: **Anais...** [...] Maringá 2009. Disponível em: <<http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/284.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

STEINER, Philippe. “Redes sociais e funcionamento dos mercados”. In: **A Sociologia Econômica**. São Paulo: Atlas, 2006, p. 76-107.

TORRECILHA, Maria Lucia. **Gestão compartilhada como espaço de integração na fronteira Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai)**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

TRUZZI, Oswaldo., SACOMANO NETO, Mário. Economia e empreendedorismo étnico: balanço histórico da experiência paulista. **Revista de Administração de Empresas**, n. 47 v. 2, p. 1-12, 2007.

TRUZZI, Oswaldo. **Patrícios: Sírios e Libaneses em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. Presença Árabe na América do Sul. **História Unisinos**, São Leopoldo, v.1, n. 3, p. 359- 366, set. /dez. 2007.

\_\_\_\_\_. **Redes em processos migratórios**. Tempo Social. USP, 2008.

\_\_\_\_\_. **Sírios e libaneses: narrativa de história e cultura**. São Paulo, Companhia Editorial Nacional, 2005.

\_\_\_\_\_. **Patrícios: Sírios e Libaneses em São Paulo**. 2ª edição ampliada, São Paulo: Editora UNESP, 2008.

VILELA, Elaine. Meire. **Sírio e Libaneses: redes sociais, coesão e posição de status**. RBCS. 2011.

VILELA, Elaine. Meire.; COLLARES, Ana Cristina.; NORONHA, Claudia. Lima. Ayer. A situação socioeconômica de minorias étnico/raciais no mercado de trabalho brasileiro. In: 36 Encontro Anual da ANPOCS, Águas de Lindóia. **36 Encontro Anual da ANPOCS**. São Paulo: ANPOCS, 2012.

ZHOU, Min. *Revisiting ethnic entrepreneurship: convergencies, controversies, and conceptual advancements*. **International Migration Review**. V. 3 n. 38, p. 1040-1074. 2004.

WOOLCOCK, Michael. Social capital and economic development: toward a theoretical synthesis and policy framework. **Theory and Society**. v. 27, n. 2, p. 151-208, 1998. Disponível em <<https://www.semanticscholar.org/paper/Social-capital-and-economic-development%3A-Toward-a-Woolcock/dff7cc45a44c1c9b9eddba200b096ed69929d2bc>>: Acesso em 27/09/2018.

## APÊNDICE A



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL - UEMS  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PONTA PORÃ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM DESENVOLVIMENTO  
REGIONAL E SISTEMAS PRODUTIVOS, NÍVEL MESTRADO - PPGDRS



### **APÊNDICE A - Modelos dos roteiros para entrevistas semiestruturadas aos imigrantes árabes.**

#### **Roteiro para a entrevista semiestruturada aos imigrantes árabes.**

#### **“CULTURA ÁRABE NA FRONTEIRA DE PONTA PORÃ (MS) E PEDRO JUAN CABALLERO (PY): origens, histórias e contribuições para o desenvolvimento local”**

*Esta pesquisa abrange o objeto de estudo da dissertação desenvolvida pela mestranda Natalia Bogado Balbuena (UEMS), sob orientação do Prof. Drº Fabricio José Missio (UEMS/UFMG) e Prof. Drº Fabricio Antonio Deffacci (UEMS). O objetivo geral é investigar a influência da cultura árabe na região de fronteira de Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY), identificando suas origens e história. O objetivo específico é compreender a performance histórica de formação da comunidade árabe nessa fronteira e, também, investigar como essa cultura influenciou em termos econômicos o desenvolvimento da região, buscando identificar possíveis contribuições (passadas, atuais e futuras) para o desenvolvimento local. Ademais, busca-se identificar quais aspectos relacionados a teoria das redes sociais foram determinantes para o desenvolvimento e a expansão dos árabes no comércio fronteiriço.*

Data: // 2020

Setor comercial: \_\_\_\_\_

#### **1: Trajetória da imigração dos árabes para a fronteira (caracterização) e a teoria de redes sociais no processo migratório.**

- a) Você é imigrante ou nasceu na fronteira?
- b) Qual é o seu país de origem? Em que ano saiu do país de origem e em que ano imigrou para o país receptor?
- c) Como foi sua trajetória até chegar na fronteira de Ponta Porã-MS e Pedro Juan Caballero-PY. Pretende retornar a viver ou transferir seus negócios no/para seu país de origem?
- d) Qual foi o atrativo ou principal motivo para morar e trabalhar nessa fronteira?
- e) Já tinha algum familiar ou patrício estabelecido na fronteira? Migrou com família ou sozinho?



- f) Recebeu ajuda ou incentivo para migrar para o Brasil (fronteira)? Conte como foi.

## **2 – Inserção socioeconômica ocupacional e atividades comerciais/econômicas realizadas pelos imigrantes e a teoria de redes sociais nesse processo.**

- 1- No seu país de origem, trabalhava em que tipo de atividade econômica (setor)? (Se for descendente, no seu país de origem sua família trabalhava em que tipo de atividade econômica (setor)?)
- 2- Na fronteira, quais foram as atividades econômicas realizadas desde o seu estabelecimento na região. Quando você chegou nessa fronteira, recebeu algum tipo de ajuda financeira, proposta de trabalho, assistência de como administrar seus negócios ou informações para iniciar seu trabalho?
- 3- Em relação à atividade desenvolvida:
  - a) Fale um pouco sobre os seus fornecedores (origem, local, produtos, etc.)?
  - b) Sobre as formas de pagamentos, é somente a vista ou utiliza o método de parcelamento?
  - c) Em relação aos empregos ofertados pela loja, como você seleciona os funcionários? Você costuma empregar preferencialmente seus patrícios e familiares para funções de confiança? Se sim, como isso pode ser compreendido como uma expressão da sua terra e cultura?
  - d) Em relação aos seus filhos (descendentes), há algum investimento ou incentivo aos estudos para atuarem em profissões liberais com maior prestígio econômico e social (advogados, médicos, engenheiros) ou preferem que continuem atuantes no comércio?

## **3 – Aspectos relacionados a cultura árabe no comércio fronteiriço**

- a) Os árabes são conhecidos no Brasil como excelentes comerciantes e que sua forma de fazer negócios está relacionada a sua cultura. Me fale sobre como é fazer negócios, para os árabes.
- b) Na sua opinião, as atividades comerciais praticadas pelos árabes diferenciam-se dos demais comerciantes (coreanos, chineses, brasileiros, paraguaios e outros)? Conte como você interpreta essas diferenças
- c) Você participa de alguma associação ou cooperativa da fronteira? Qual sua motivação para essa participação? Como seus negócios são beneficiados do seu ponto de vista?
- d) Na sua opinião, o que pode ser aprimorado em termos econômicos na região?
- e) Existem desafios para o comércio árabe na fronteira?
- f) O que você pensa sobre o modelo político democrático?
- g) Qual é a sua opinião/percepção sobre a corrupção.

## **4. Alguns aspectos da influência cultural dos imigrantes árabes presentes na fronteira de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY)**

- a) Como você define a cultura árabe? Quais são os costumes, os valores dessa cultura mais importantes e conservados por você?
- b) A comunidade, a família e a religião são instituições de extrema importância para a comunidade árabe. Como você define esses pilares culturais?
- c) De que forma acontece o engajamento da comunidade árabe na sociedade fronteiriça?
- d) A cultura contribui para que haja diversos estilos de vida. Como você classifica o estilo de vida dos árabes na terra de origem e na “nova terra”?
- e) O quão presente a religião, a língua, a gastronomia, os valores e hábitos sociais estão no dia a dia da comunidade árabe?
- f) De que forma a comunidade árabe contribuiu para a sociedade fronteiriça?

- g) Como é sua relação com a comunidade árabe do outro lado da fronteira? Qual é sua relação com as outras comunidades de imigrantes da região?
- h) Existe algo que queira contribuir que não foi abordado nas questões.

APÊNDICE B – Lojas comerciais dos imigrantes árabes na fronteira de Ponta Porã (BRASIL) e PEDRO JUAN CABALLERO (PARAGUAI)



Loja especializada em *arguile* e acessórios, bebidas como whisky, vinhos, champagne, vodka, gim, rum, tequila, licor, cognac. (PY)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Loja comercial de importados em geral (PY)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

## APÊNDICE C– Um exemplar das entrevistas.

### Entrevista concedida dia 18/06/2019, entrevistado A.

Saí do Líbano por causa de guerra tinha muita guerra lá, eu cheguei até São Paulo, Argentina depois entrei para o Paraguai, mas eu tinha visto argentino, entrei no Paraguai e fiz o visto paraguaio depois no ano 2000 entrei no Brasil, agora brasileiro já. Sai do Líbano no ano e 1994, eu era mecânico lá. Quem tá afogando vê qualquer coisa para salvar e na verdade viemos de lá, fugindo de lá, da guerra, e como aqui tem parente, tem gente, tem libanês deve ser bom, por isso, tinha conhecidos já na fronteira, só comuniquei com eles eu vou me espera, aí eles esperamrm nós para conhecer o lugar, eles recebem nos nas casas deles, primeiro dois dias, cinco dias uma semana, ai nos começa a se juntar, aluga uma casinha, apartamento, igual os estudantes faz aqui. A gente chega com pouco de dinerinho já pra começar, trabalhamos pegando mercadoria de *Ciudad del Este* e vem aqui e vende paras outras lojas, ai cada mês você cresce né, porque não tem gastos, não paga aluguel nem funcionário, ai depois chega juntando *dinerinho* ai já abre loja, ai começa a ficar na loja. O principal fornecedor é em *Ciudad del Este* ele abastece as lojas lá e aqui, mas os produtos são importados alguns da China, Estados Unidos, Japão e Brasil, bom nos procuramos algo que não tem aqui, e outra quando achamos o preço bom, conseguimos vender fácil e especialmente brasileiro quando você fala isso aqui é lançamento, é importado, você ganha ele, já conquista ele, já pode vender pra ele. Se entra sobrinho vem mais parente, na verdade aí a gente já cresce, já abre outra loja, a responsabilidade digamos que o homem é o responsável por tudo né, a mulher é responsável pela casa pelos filhos lá em casa, e fora o homem já é tudo, e se ela quiser arruma um trabalhinho assim pra ajudar ela pode, mas o homem não pede isso não. O comércio um chega e aprende com o outro rapidinho, não existe associação, quem mais velho ajuda o novo, mas não tem uma pessoa superior que explica para nós ou nada, na verdade o que acontece agora é o dólar que subiu demais, ele sobe e abaixa, e todas as mercadorias são pagas em dólar porque é de fora né, essa é a barreira maior, já está ficando quase o mesmo preço do Brasil já, ai quando baixa chega mais gente pra comprar. Normalmente quando assim começa uma miniempresa, é normal, procurar coisas que mais saem, mais lançamento, e sempre a loja cresce, a gente quando abre loja não come do estoque da loja, ao contrário aumenta até chegar um limite razoável que a gente vê que já pode se sustentar, no início não. Então nesse caso, o coreano ou chinês só pega coisas da China, coisa de lá, igual o coreano só pega roupa deles da Coréia né, e eles acham

preço bom e os chineses pega da China só os brinquedos coisas pequenas, enquanto os árabes procuram coisas mais avançadas, coisas americanas, japonesas, brasileiras, coisas caras né, por exemplo no chinês não acha coisa que passa quinze ou vinte reais, esses árabes pegam câmeras que custam três mil reais, quatro mil reais, os dvds os monitores que custa milhares né, assim são coisas mais caras né, eletrônicas avançadas, e você vê tem da China bons dos Estados Unidos, do Brasil também são coisas originais mesmo. Não sei como explicar mas os clientes, sem eles nos não crescemos né, não sei como explicar, mas a gente satisfaz eles pelos produtos e nos assim ganhamos nossa vida, mas a gente tem que satisfazer o cliente explicar certo, e dá para ele o que ele quer mesmo.

Nós somos muitos unidos aqui, na religião também no *Hamdan* cada dia comemos na casa de um, e nos dias de festas de nossos países também, igual brimos, por isso falamos brimos, os meus vizinhos brasileiros ou paraguaios também parece são parentes, a gente acostuma com eles, somos abertos, não tem essa de fechar porta de casa não. O arguile já ta virando cultura brasileira já, estou aqui a mais de 25 anos já parece tudo igual pra mim, e parece que muitas coisas já tinha antes mas não tinha não, fomos nos que trazemos mesmo, por isso nem lembrei de comida ou arguile já esta tudo normal aqui, realmente o essa é muito famosa no Líbano a melhor comida do Oriente Médio, bem famoso. Os árabes com os dois pais mãe e pai árabe continua igual, mesma coisa, o que muda vai na escola, na rua, só que dentro da casa é igual que vive aqui ou vive no Líbano, já minhas filhas são meio meio, mãe paraguaia, mas não usa roupa longa e nem tão curta, não usa o *hijab*.

Nós contribuímos com o comércio mesmo, nós fomos um dos primeiros e somos os mais avançados, segundo lugar o chinês, em *Ciudad del Este* os árabes são donos de quase de tudo lá.